

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de
Arquitectura da Universidade do Porto e orientada por:

Doutora Maria Teresa Pires da Fonseca

ARQUEOLOGIA DO DESENHO – ROMA CARTOGRAFADA

Paulo Jorge Teixeira de Azevedo

FAUP 2010-2011

Cada viajante constrói, das cidades que ama, uma ideia que raramente coincide com a lógica da geografia urbana. Na sua forma de amar uma cidade, desenha percursos, associações imaginárias, mitos instrumentais que o fazem ver as fachadas, os monumentos, as praças e as gentes de uma determinada zona como os melhores sinais identificadores do espírito do lugar. A sua noção de geografia é essencialmente afectiva, as suas preferências não são racionais, e, por isso, essa zona eleita figura no seu espírito, e para sempre, como o centro da cidade.

FERREIRA, António Mega; em *Roma, Exercícios de reconhecimento*

RESUMO

A cartografia de Roma é talvez a mais completa e antiga do mundo ocidental que acompanhou a sua história desde a fundação da cidade. A descoberta do património iconográfico associado a toda essa longa história de uma só cidade, e a exploração directa do espaço no presente, durante quase dois anos, fruto de um primeiro ano desenvolvido ao abrigo do programa de mobilidade *ERASMUS* e um segundo ano de estudo autónomo para efeitos da Dissertação de Mestrado Integrado, constituem a matéria deste trabalho.

Num ambicioso processo de selecção minuciosa da iconografia existente a partir do início do III século, acompanhada da extensa pesquisa bibliográfica, origina uma espécie de arqueologia da representação do espaço. Ou seja, queremos numa narrativa, criar uma explicação da imagem da cidade a partir do modo da sua representação.

A *imagem* de Roma, em cada uma de oito fases escolhidas pelos evidentes efeitos na formação da cidade, apresenta-se como um projecto da actualidade, transformando a história em espaço. Através dos diferentes dados, tanto iconográficos como bibliográficos, reconstrói-se, portanto, em formato digital uma imagem simples e clara da cidade.

Com este método, uma *estratégia da memória*, propõe-se um reconhecimento urbano das cidades, num processo aplicável a outros contextos, registando com os meios actuais a evolução urbana.

ABSTRACT

Roma's cartography is perhaps the most complete and former of the Western world that accompanied its history since the founding of the city. The discovery of the iconographic heritage associated with all this long history of a single city, and the direct exploitation of space in the present for almost two years, as a result of a first year developed under the ERASMUS mobility programme and a second-year self-study for the purposes of Integrated Thesis, constitute this work's subject.

In an ambitious thorough selection process of existing iconography from the beginning of the III century, accompanied by extensive bibliographic research, it gives a kind of archaeology of the space representation. Is to say, we want to write a text which creates an explanation of the city image from its representation mode.

Rome's *image*, in each of the eight phases chosen by obvious impacts in the city formation, presents itself as a current project, turning the story into space. Using different data, both bibliographic and iconographic, it reconstructs a clear and simple picture of the city in digital form.

With this method, a *memory strategy*, it is proposed an urban recognition of cities with an applicable process to other contexts, which registers the urban evolution with current means.

RÉSUMÉ

La cartographie de Rome est peut-être la plus complète et la plus ancienne du monde occidental qui a accompagné son histoire depuis la fondation de la ville. La découverte du patrimoine iconographique associé à toute cette longue histoire d'une seule ville et l'exploitation directe de l'espace à présent presque deux ans, le fruit d'une première année développé dans le cadre du programme de mobilité ERASMUS et d'une deuxième année d'autoformation aux fins de la Thèse de Maîtrise Intégrée, constituent le sujet de ce travail.

Dans un procédé ambitieux de sélection minutieuse de l'iconographie existant depuis le début du III^{ème} siècle, accompagnée d'une vaste recherche bibliographique, il donne lieu à une sorte d'archéologie de la représentation de l'espace. C'est-à-dire, nous voulons dans une narration, créer une explication de l'image de la ville à partir du mode de sa représentation.

L'*image* de Rome, dans chacune des huit étapes choisies par l'impact évidente dans le façonnement de la ville, se présente comme un projet de l'actualité, en transformant l'histoire en espace. À travers de différentes données, tant bibliographiques qu'iconographique, on reconstruit donc une image claire et simple de la ville en format numérique.

Avec cette méthode, une *stratégie de la mémoire*, se propose une reconnaissance urbaine des villes, un procédé appliqué à d'autres contextes, qui registre l'évolution urbaine avec les moyens courants.

AGRADECIMENTOS



CHIRICO, *A melancolia da partida*

À Doutora Teresa Fonseca pela orientação, disponibilidade, empenho e estímulo dado ao longo de todo o processo, de enorme contributo, mas sobretudo, pela generosa partilha da sua sabedoria.

À *Dotoressa* Fallinni pelos esclarecimentos prestados e auxílio na recolha dos dados de pesquisa.

À FAUP, instituição que me acolheu e criou como futuro arquitecto.

Aos avós pela presença,

À mãe pela perseverança,

Ao pai pela paciência,

À irmã pela cumplicidade,

Ao Gennaro pelo empenho em me receber na sua pátria,

E aos amigos que me acompanham.

Por fim, se tal for possível, agradeço a Roma, que para além de matéria de estudo, foi, é e será uma cidade inspiradora.

Em suma agradeço àqueles que caminharam comigo,

Aos que me ensinaram,

Aos que me ajudaram,

Aos que me compreenderam,

Ao que já não pôde chegar e vive na memória.

RESUMO/ABSTRACT/RÉSUMÉ 4

AGRADECIMENTOS 6

ÍNDICE 8

1 INTRODUÇÃO 10

Cartografia como representação do espaço público
O que é a Cartografia?
Evolução do desenho Urbano

2 ROMA CONTEMPORÂNEA (PÓS-GUERRA) 16

A recuperação do edificado
Um novo plano regulador para Roma
O plano intercomunidades, 1958-1960
Olimpíadas de 1960
Plano de 1962
Futuro de Roma?
Roma Histórica inserida no novo Plano Director

3 ROMA FASCISTA 30

A feira de urbanismo e edificado de 1929
PGR de 1931
Exposição Universal de 1942
As leis de urbanismo de 1942

4 ROMA CAPITAL 42

O Projecto de PRG (Plano Regulador Geral) de 1873
O Tibre
PRG de 1883
A crise de habitação e o desenvolvimento demográfico
Zona Arqueológica Meridional

5 - ROMA BARROCA 58

Estrutura demográfica e habitacional do século XVIII
Os Franceses em Roma
Os últimos anos da Roma Papal
Sisto V e o Plano Sistino

76	6 - ROMA RENASCENTISTA
	O retorno dos Papas e recuperação das funções da cidade
	A construção da cidade segundo a nova cultura
	O recenseamento de 1526 e a invasão a Roma
	7 - ROMA MEDIEVAL
88	Formação da Roma Cristã
	Fim do Império do Ocidente
	A cidade Leonina
	A forma urbana depois do XI século
	Os Papas e Avignon
	Arquitectura da idade Média
	8 - ROMA IMPERIAL
102	Cidade Republicana
	Sistema estradal
	Augusto e a cidade Imperial
	A muralha Aureliana
	A máxima expansão da Roma Imperial
	9 - ROMA ARCAICA
122	As Origens, o território, formação e morfologia
	Nascimento de Roma—ROMA QUADRATA
	Cidade Regia
	10 - CONCLUSÃO
138	
	CRONOLOGIA
146	
	LISTAGEM DAS IMAGENS
148	
	BIBLIOGRAFIA
154	

INTRODUÇÃO

Entre paredes da Faculdade, discutia-se arquitectura e eram debatidas questões de carácter prático ou ideológico, durante a partilha de referências. Diria que o conhecimento da arquitectura germina a partir de conversas. Também, mas não só! Tudo aquilo que nos rodeia fisicamente, no seu sentido lato, a forma, as relações, os vazios, a flexibilidade, o terreno, entre outras coisas, é parte da nossa formação.

Numa espécie de prazer e formação, vivi um ano em Roma, cidade exemplar por excelência. Foi um modo de formação, coabitando *in locu* com a chamada cidade eterna. Numa época em que se discute sobre a incerteza do território, Roma, pela sua herança demonstra-nos a certeza da arquitectura.

Falar de Roma é falar sobre uma cidade tão explorada como conhecida no nosso meio, que parece dispensar qualquer apresentação. Mesmo assim, pretendo reforçar a informação existente, ao interpretar e compreender o *código* do seu traçado urbano, construído ao longo dos séculos em diferentes fases da civilização ocidental.

Esta ideia germinou enquanto frequentava o programa *Erasmus* em Roma. Naturalmente, na faculdade de arquitectura *Ludovico Quaroni*, integrada na Universidade *La Sapienza*, no âmbito da disciplina de projecto urbanístico, foi proposto um exercício na zona urbana, concretamente no bairro de *San Lorenzo*. Disponibilizaram o ficheiro em *autocad* com a planta geral, mas aquele conjunto de linhas, de nome planta, não bastava. Perante o desconhecido não possuía os meios para conseguir concretizar o projecto, e a planta bidimensional não era suficiente para caracterizar a cidade, a sociedade e muito menos os seus costumes *urbanos*.

Percorri, portanto, a cidade apurando todos os meus sentidos¹ de forma persistente e quase obsessiva. Mais do que querer, precisava de a conhecer. Encetei entretanto, por uma pesquisa repartida, se por um lado investigava os meios bibliográficos disponíveis, por outro lado aproveitei o espólio cartográfico. Parti para uma análise, que é em parte sinónimo de medida na nossa ciência. Com a análise tentava compreender o problema e procurar dados para a solução, seguindo quatro passos: ver, interiorizar, medir e registar.

Podemos imaginar que, de facto, o presente estudo começou por uma planta DWG. À medida que a análise avançava a curiosidade aumentava, e com o conhecimento da vasta cartografia de Roma, julgo pertinente rever a evolução urbana de Roma desde a sua fundação através dos dados cartográficos. Se inicialmente foi uma necessidade para criar o projecto,

¹ *A arquitectura é a arte da reconciliação entre nós e o mundo, e esta mediação tem lugar através dos sentidos.* PALLASMAA, Juhani; *Los Ojos de la Piel*; John Wiley & Sons, 2005 – Chichester p. 72.

posteriormente tornou-se o meu caso de estudo e uma excelente fonte de conhecimento.

Há grandes diferenças nos modos históricos de cartografar a cidade: de um lado, está o espectáculo de formas excepcionais na cenografia urbana, que vemos em muitos mapas antigos, com a selecção de monumentos, igrejas e palácios; do outro, a preocupação com a descrição precisa, a exacta e minuciosa catalogação do universo de todos os factos e formas construídas e da sua localização no território, nos mapas actuais na época do GPS.²

Num intervalo de verdadeira viagem os olhos, e por eles a mente, ganham insuspeita capacidade. Aprendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos.³ Estas palavras reflectem o segundo intuito deste trabalho, redesenhar Roma, para Siza Vieira, um *desejo da inteligência*.⁴

A emergência de novas necessidades foi determinada pelo desenvolvimento natural da pesquisa. Por vezes analisar e inventar confundem-se. Analisar implica *coleccionar* dados⁵, que nesta situação interessava comparar. A par da análise, Roma é *redesenhada* durante o estudo com os meios técnicos contemporâneos.

Desenhamos porque os nossos olhos vêem, desenhamos porque o nosso cérebro tende a identificar perfis, isto é contornos, e porque tem a capacidade de aceitar uma representação em substituição do que se quer representar. Desenhamos ainda porque a capacidade de abstracção, não só nos é útil porque permite guardar uma imensa quantidade de informação, como é também uma fonte de prazer intelectual e artístico.⁶

Assumindo que a tradição romana não se rege pelo planeamento urbano mas por aquilo que o tempo se encarrega de suturar entre as diferentes áreas, entendo que Roma é composta de várias realidades, *a posteriori* encaradas como peça única.⁷ De facto a iconografia permite identificar vários temas de arquitectura e de urbanismo abordados ao longo da dissertação. Entende-se que a harmonia visível hoje, se deve à composição sucessiva da cidade, que de tão longa se esqueceram as origens de certos actos urbanos.

Roma revê-se nos seus mártires, da mesma forma que se olha ao espelho da glória pagã do Império. Nenhuma outra cidade é tão ostensivamente narcísica em relação ao seu passado; mas nenhuma outra, é verdade, se construiu em tão íntima sobreposição de heranças e testemunhos, pedras e memórias, mitos e crenças. A organicidade de Roma faz com que haja

² BRANDÃO, Pedro; *O Sentido da Cidade – Ensaio sobre o mito da Imagem como Arquitectura*; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa, p.85.

³ VIEIRA, Álvaro Siza; *Desenhos de viagem*, in alvaro Siza Escrits, 1ª edição, Ediciones de la Universitat politècnica de catalunya, barcelona 1994, p. 59.

⁴ VIEIRA, Álvaro Siza, “construir uma casa”, in *Palavras sem importância*, publicacions de l’universite de saint-etienne, Saint-Etienne 2002, p. 23

⁵ FONSECA, T. FAUP. Teoria 3, 2008-2009.

⁶ RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; *O que é DESENHO*; Quimera, 2003 – p. 10.

⁷ *Uma arquitectura de complexidade e acomodação não abandona o todo. De fato, referi-me a um compromisso especial em relação ao todo porque o todo é difícil de realizar. E enfatizei mais a meta de unidade do que a de simplificação numa arte “cuja... verdade (esta) em sua totalidade”. E a difícil unidade através da inclusão, em vez da fácil unidade através da exclusão.* VENTURI, Robert; *Complexidade e Contradição em Arquitectura*; Martins Fontes, 1995 – São Paulo p.121.

*igrejas barrocas construídas sobre ruínas de basílicas paleocristãs, estas, por sua vez, erguidas sobre o que restava de templos pagãos de culto romano. E o apogeu do poder papal, nos séculos XVI e XVII, reforçado pela reacção antiluterana, fez todo o possível para vincar esta dupla legitimidade, a de um poder espiritual que se estendeu por todo o mundo.*⁸

Estamos perante uma apoteose arquitectónica de todos os tempos!

De facto vivi numa gestão entre a cultura bibliográfica, análise cartográfica e confronto real no território, onde registava, numa base personalizada, as minhas pesquisas e conclusões. Conclusões, por vezes parcas, que suscitam outras perguntas, com resposta ou ainda não. Sinto, hoje, que a pertinência das questões e a procura de soluções servem para aplicar em vários contextos e nas mais variadas condições.

Enquanto isso, sentia a ausência de algo ou alguém que esclarecesse genericamente as fases do desenvolvimento urbano da cidade em toda a sua extensão histórica. Na ordem natural de evolução, era necessário relacionar os dados arqueológicos e cartográficos com a topografia urbana, que condicionavam a orientação das vias, a forma e localização das praças, a escala da cidade, entre outros.

A Cidade é uma realidade e um fenómeno social, que surge com as primeiras Civilizações, e que, justamente, é considerada um documento histórico vivo e vivido, pois possui materialidades que, para cada época, reflectem uma determinada vivência que as caracterizou. Desta forma, na Cidade o passado está sempre presente através dos seus espaços e arquitecturas, que a representam enquanto materialidades em constante transformação.

As palavras são esclarecedoras mas não bastam. O mesmo não direi do enorme património cartográfico. Assumindo o DESENHO como uma fonte polissémica da representação⁹, conseguimos através duma planta gravada em pedra, das iluminuras medievais, de planos urbanísticos ou até das fotografias por satélite, idealizar parcialmente Roma. Por excelência a imagem é o melhor meio de comunicação e por isso proponho o uso da mesma ao longo desta prova. A linguagem surge na necessidade da descrição da realidade por símbolos. A representação usada sob um mesmo código, induz à leitura rápida e eficaz das oito fases estipuladas de Roma por parte do leitor.

Uma grande parte da crítica da parte teórica contemporânea promove o desenho em projecções diferentes. Julgo que poderá ter pertinência focar os documentos gráficos a montante desse acto projectual, que são as cartas ou os levantamentos.

Propus uma procura explicativa e gráfica nesse sentido, baseando-me sobretudo na cartografia cedida pela cartoteca da *Università della Sapienza*. Para o efeito, foi apresentada a tese através de um método diacrónico. Associando as diferentes fases de desenvolvimento a cada capítulo, analisaram-se as cartas e mapas escolhidas com o apoio da bibliografia e da

⁸ FERREIRA, António Mega; *ROMA, Exercícios de reconhecimento*; Sextante Editora, 2010 3ª edição – Portugal 14 – p. 35.

⁹ Fonseca, T. Orientação desta dissertação, 2011.



1-Renders das representações tridimensionais de Roma nas suas oito fases, respectivamente no sentido descendente e anti-cronológico, Roma Contemporânea, Fascista, Capital, Barroca, Renascentista, Medieval, Imperial e Arcaica.

vivência no terreno. Sucessivamente, recapitulou-se cada etapa através do *redesenho* virtual da cidade, num sistema tridimensional sustentado pelo *archicad*.

Este estudo implicou uma fase intensa de estudo e análise, atravessando literalmente toda a história de Roma, de forma a poder interpretar os dados gráficos e iconográficos. Como num trabalho de arqueologia se escava cuidadosamente camada por camada do subsolo, estudei as diferentes épocas históricas como se autênticos estratos se tratassem. Do recente para o mais antigo, foi a opção do sentido anti-cronológico tomada para o aprofundamento das intervenções urbanas.

Após muita ponderação, a estrutura composta por oito fases históricas, sucede-se inversamente à ordem cronológica. A partir da actualidade, são apresentadas sucessivamente as diferentes etapas, até à fase arcaica, associada à fundação da cidade. Na verdade foi a partir da cidade actual que iniciei o trabalho, e é com a mesma imagem que Roma será apresentada aqui. É interessante conhecer o que existe de facto, e tentar perceber de imediato quais os seus antecedentes.

*A metodologia de intervenção em Arqueologia, e em particular em Arqueologia Urbana, passa por diferentes etapas. A primeira etapa começa por ser um cuidadoso planeamento da intervenção, seguindo-se uma fase de implementação e depois passando à escavação. Depois destas etapas segue-se o processamento, a análise e a interpretação da informação recolhida. Todas estas fases, com excepção da implementação, requerem procedimentos e técnicas bastante sofisticadas e cada vez mais multi-disciplinares.*¹⁰

Não assumo o papel de um historiador nem de arqueólogo, sou alguém que usa a história para o estudo do espaço contemporâneo. Não penso ocupar-me da história romana a não ser pontualmente e na medida em que seja relevante ao desenvolvimento do modelo tridimensional, e às transformações ao longo do tempo, muito lentas e graduais.

*O interesse pela arqueologia tinha passado da fase especulativa por parte de intelectuais e artistas, ou o nível de curiosidade oportunista dos cardeais da cúria, para se assumir também como matéria operativa no processo de formação dos intervenientes na construção da cidade.*¹¹

No contexto do estudo efectuado, entendo que a arqueologia urbana é uma área continuamente em ascensão, e de facto uma excelente mentora da contemporaneidade. Sendo difícil de se implementar em áreas urbanas de alto nível de ocupação e uso, pode implicar elevados custos. É proposto, e comprovado através da presente dissertação, que através da cartografia deixada pelos nossos antepassados, conseguimos muito fielmente cumprir os requisitos da arqueologia em *restaurar* a imagem urbana, usando o desenho como

¹⁰ BERNARDES, Paulo José Correia; *Arqueologia Urbana e Ambientes Virtuais: Um Sistema para Bracara Augusta*; Dissertação submetida à Universidade do Minho para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia e orientada pela Professora Doutora Maria Manuela Martins (UM) e pelo Prof. Dr.-Ing. Dr. h.c. Dr. E.h. J. L. Encarnação (TUD); Janeiro 2002 - Braga

¹¹ TAVARES, Domingos; *Bramante – Arquitectura da Ilusão*; Dafne Editora, 2004 – Porto, p. 128.

forma de comunicação.

Nesta cidade em específico, somos confrontados com três temas presentes, como a adaptação no tempo, a sobreposição de limites e a alteração da forma. Tal como diria Nuno Portas, *o tempo esse grande construtor*¹², ensina-nos como formar o território para o ser humano.

O mundo contemporâneo alterou profundamente a construção intelectual do objecto da urbanística. A história desta disciplina pode ser enunciada pela seguinte sequência: descrever e representar o território para conhecê-lo, interpretá-lo e por fim, governar e dominá-lo. Mas hoje, estamos perante uma crise da representação que impõe uma posição crítica da categoria de análise, dos conceitos, de instrumento que formam o seu estatuto epistemológico.¹³ Galimberti escreveu uma vez *que os homens nunca habitaram o mundo mas sempre e só a descrição que, de quando em quando, a religião, a filosofia ou a ciência fizeram do mundo*.¹⁴

¹² PORTAS, Nuno; *A Cidade como Arquitectura*; Livros Horizonte, 2ª edição 2007 – Lisboa .

¹³ RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; *O que é DESENHO*; Quimera, 2003 – p. 10

¹⁴ GALIMBERTI, Umberto; *I miti del nostro tempo*, Feltrinelli, Milano, 2009—p. 27.

2 ROMA CONTEMPORANEA



Será a tela onde iremos *criar* e desenvolver o trabalho. A partir do existente desconstruiremo-la fase por fase, até à sua génese. Nas imagens a seguir apresentadas, representa-se o primeiro contacto tido com Roma, onde visualizamos o skyline actual de Roma delineado por coberturas seculares, pináculos peculiares e estruturas contemporâneas como os antigos depósitos. A imagem por satélite do centro histórico retrata fielmente o puzzle de malhas de que a cidade é composta e facilmente distinguíveis. Por último temos a planta turística de Roma, a que se recorre usualmente quando se chega a uma cidade desconhecida. Planta essa, de carácter primário, que é distribuída para facilitar a orientação, mas que se apresenta em parte mais desorientadora do que o nosso senso comum.

Nos últimos 30 anos do século XX, Roma exigia uma mudança estrutural e radical. O seu plano Regulador de 1962 (p.41) estava obsoleto face às exigências da sociedade actual. Era tempo de sair da sua longa *hibernação e mudez* presente na estrutura económica e urbana.² Constituída ao longo do tempo e anómala no contexto das grandes metrópoles europeias, a formação do seu burgo baseava-se na tradição e conservadorismo, sob a aristocracia papal, enquanto as cidades industriais se localizavam tanto a norte, como Milão e Génova, ou a sul como em Nápoles, onde habitavam a burguesia industrial e financeira. Em Roma proliferam os gestores políticos e religiosos, que confirmam a escolha de Roma como capital, por razões políticas.

Depois da sua primeira fase de expansão enquanto capital a partir de 1871, o crescimento estagnou. De facto não interessava ao regime fascista que Roma se tornasse numa cidade grande. O crescimento deu-se posteriormente, a partir da Roma Democrata, a terceira fase de expansão após a denominada *Umbertina* e a *Fascista* durante a sua história moderna (tal como é analisado no capítulo seguinte). *A política urbanística de Roma, é de certo modo, ambiciosa no duplo objectivo de responder em pouco tempo a múltiplas frentes e de avançar com uma estratégia de médio/longo prazo a incidir sobre um perfil económico e ambiental da metrópole-capital.*³

Preparar os serviços camarários para um novo estilo de gestão urbanística, interactiva com os *actores* (os habitantes) e coordenada entre os sectores é certamente outra condição para evitar a erosão, num curto espaço de tempo, da base social e agentes económicos. Em suma, as adaptações da estrutura técnica de uma grande cidade na actual fase estratégica-negocial seriam em simultâneo uma prova necessária para a elaboração do plano, ou seja, um sistema de *instrumentos reguladores e projectuais*.⁴

No seio desta crise, a representação, que começa por perder o objectivo primitivo, é ocupada pelo conceito de futuro, conceito de estreita pertinência e relevância para o planeamento. O futuro pode ser encarado de diversos modos, sob o ponto de vista da religião, política, de uma profecia, a partir de um futuro reversível, numa sociedade sem classes, enfim, um futuro

² MARCELLONI, Maurizio; *Le dinamiche urbane*; URBANISTICA #116, gennaio-giugno 2001.

³ PORTAS, Nuno; *L'esperienza di Roma*; URBANISTICA #106; gennaio-giugno 1996.

⁴ PORTAS, Nuno; *L'esperienza di Roma*; URBANISTICA #106; gennaio-giugno 1996.



- | | |
|---|--|
| 1 | 1—Fotografia panorâmica de Roma actual, a partir da cobertura do castelo de Santo Ângelo. |
| 2 | 2 - Imagem aérea da cidade por satélite, uma das ferramentas cartográficas da actualidade. |
| 3 | 3 - Mapa turístico de Roma, Julho de 2009. |

débil, sem certezas. Por isso poderemos antes falar de evolução e desenvolvimento a par da inovação, embora tudo isso possa ser realizado e inventado. *Será que todas as hipóteses foram testadas e calculadas? Como se pode gerar a invenção, a mudança e a novidade se a ideia de futuro se altera no presente?*⁵

A cidade é o lugar da memória, da identidade, da pertença mas também é o lugar onde se manifestam as mutações sociais, dos espaços, das eras e estilos de vida. As mudanças que a cidade contemporânea sofre são induzidas pelas novas tecnologias, capazes de inscrever a nossa vida num espaço que, por vezes, é até parcialmente imaterial.

*Durante séculos o enraizamento no território, desde a aldeia à nação, procurou criar normas e leis que exaltam a uniformidade e homogeneidade. Hoje o nomadismo crescente mental e físico, a que estamos votados, impõe a busca de relações com a multiplicidade e diversidade. A cidade presta-se a tornar-se em lugar de novas convivências. Será um convívio criativo e evolutivo ou algo imposto de leis e armas? Quem seremos? Como se representa tudo isto?*⁶

A cidade do futuro provavelmente constituída por corpos reais, imaginários e experiências imprevisíveis, que nos levam a questionar, *qual o papel do planeador e do plano no contexto de uma sociedade pluralista, sem centro e vértices.*⁷ A desconexão entre os 20 municípios de Roma e os vazios existentes entre eles foram um dos motivos para a elaboração de um novo Plano Urbanístico. *A problemática dos espaços vazios ocupa o topo das preocupações das civilizações. Não se trata, somente, de uma questão que diga respeito aos arquitectos: é transversal a toda a sociedade e solicita a intervenção política e económica.*⁸

O novo plano de Roma não pretende ser um plano estratégico, mas pressupõe e estimula a necessidade de opções enquadradas num plano estrutural. Determina que os municípios da cidade regenerem os tecidos através de regras e procedimentos a operar dentro de uma estrutura unificada. Evitam, neste caso, os desequilíbrios provocados pelo excesso de decisões independentes entre municípios da mesma realidade metropolitana.

Segundo o relatório escrito do Plano, o objectivo era criar um plano credível e operativo a médio prazo (cerca de quinze anos, 1997-2011), na convenção de realizar boa parte das intervenções estruturais previstas no âmbito do novo instrumento urbanístico. Pretende-se que nenhuma intervenção seja efectuada se desrespeitar o quadro genérico da *cidade metropolitana*.

Para Benevolo a *pesquisa da arquitectura, como toda a investigação científica actual, pode tornar-se um verdadeiro serviço para todos, ou cultivar a miragem de um ambiente cada vez “melhor”, reservado a uma fracção cada vez menor da população mundial.*⁹ Através do conhecimento conseguimos criar e planear com o intuito de melhorar o que já existe. O

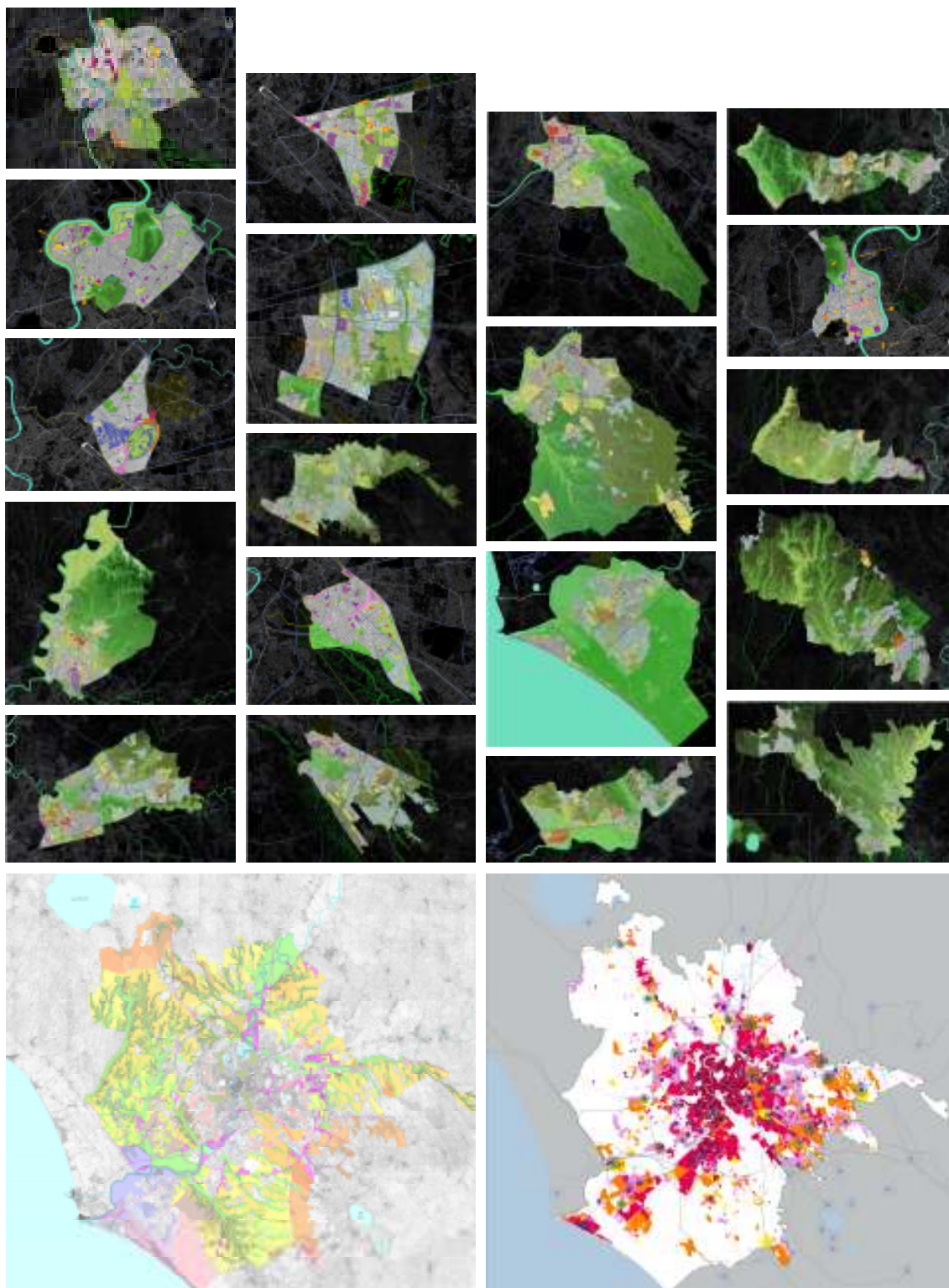
⁵ Scandurra, Enzo; Futuri della Città; URBANISTICA #112; gennaio-giugno 1999.

⁶ *Ibidem.*

⁷ *Ibidem.*

⁸ BASTOS, Baptista; *Espaços Vazios e Poética Humana*; Arquitectura e Arte #47/48 – Julho.Agosto 2007.

⁹ BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999 – p. 726.



4	4 - Análise cartográfica por município da <i>Comune</i> de Roma, no âmbito do estudo para elaboração do Plano Director de 2003. Permite-nos comparar as diferenças tipológicas de cada município, sob um mesmo código de cores, que facilita a percepção genérica das 20 partes que compõem a área metropolitana.	
5	6	5 - Planta topográfica de Roma metropolitana. 6 - No âmbito do plano Director de 2003, o estudo do tipo de centralidades em cada aglomerado urbano foi essencial. Permitiu definir prioridades e interesses a cumprir, nomeadamente na reestruturação da rede de transportes. É cor mais escura é associada à zona histórica e arredores, sobretudo a nascente, perdendo a importância quanto maior a distância, à excepção do troço que liga Roma ao mar Tirreno.

conhecimento passa pela pesquisa, acção antecessora de qualquer tipo de intervenção se pretendemos maior certeza de sucesso. No entanto são poucos os que actuam assim e por isso, serão menos os que têm acesso a tal.

O referido plano assenta em cinco princípios basilares, com o intuito de projectar a cidade Eterna para o próximo milénio:

- a) criar a dimensão metropolitana que corresponde à articulação dos municípios autónomos;
- b) incentivar o princípio da sustentabilidade;
- c) inovar o sistema de mobilidade;
- d) oferecer primazia pelos desfavorecidos, sobretudo a nível do acesso à habitação;
- e) potenciar uma transformação qualitativa: papel da história.

Um plano para a Roma do século XXI

*Sendo uma cidade aberta ao território e articulada no seu interior, oferece a possibilidade de permitir relações entre todos os seus pontos. Não obstante, é atravessada por um sistema de espaços abertos que formam uma brecha no coração, na área central. Não só como contributo à regeneração ambiental, mas como aspecto estruturador do desenho físico da cidade e da definição das suas fronteiras é constituída de um complexo central baseado na identidade social existente, nos seus cruzamentos de troca inseridos na rede sob a valorização dos elementos históricos presentes para além das modalidades, com pontos dos tecidos edificados capazes de constituir atracções magnéticas de actividade revitalizante e qualificante.*¹⁰

É uma síntese descritiva da nova forma da cidade defendida pelo *Piano Generale Regolatore* de 2002, para uma definição adequada à dimensão da área metropolitana de Roma. O objectivo geral do plano foi iniciar um processo de modernização da cidade. Adequar aos tempos modernos não consiste em renovar, mudar superficialmente mas agir em profundidade e em extensão. Neste caso, sobre uma trama de um tecido antigo e milenar pontuado por *peças arquitectónicas*, que não se podem danificar ou eliminar, tanto como os seus espaços envolventes, assumidos como parte integral do território.

Uma nova intenção emerge na sociedade, sobretudo na realidade existente no centro histórico e sua envolvente próxima. Embora a ideia de cidade museu persista, não é objectivo concretizá-la, tal como tende a ser Veneza hoje. Roma é uma cidade funcional e viva. Não são só os turistas que a visitam e usufruem dela. Os romanos são os verdadeiros habitantes, e é essa a realidade quotidiana, que por sinal, nos ensina como lidar com uma cidade milenar revigorada de tempos a tempos.

Facilmente nos apercebemos pelas plantas apresentadas, que Roma sofreu, em parte, um crescimento urbano aleatório. Naturalmente, a área metropolitana está marcada por *feridas urbanas*, ampliadas pelas novas vias rápidas. Há áreas extensas da cidade, resultado das

¹⁰ Comune di Roma, Dipartimento Politiche della Programmazione e Pianificazione del Territorio, Piano Regolatore Generale, Elaborati del Piano, Elaborazione STA Piani per Roma, Roma, 2002.



7	
8	9
10	11

7 - Sequência de fotografias de diferentes tipos de ruas enquadradas em diferentes malhas urbanas do centro de Roma. São as *Via della Vetrina*, *Via del Corso*, *Via Nazionale*, *Ponte Sisto* e *Via Sistina*.

8 - Plano estratégico na definição de diferentes contextos urbanos. Divididos por cinco contextos diferentes, à cor azul associa-se as zonas ligadas ao rio Tibre, ao amarelo toda a envolvente da cintura murária, ao verde corresponde ao parque arqueológico dos fóruns antigos e na continuidade de *Appia Antica*, ao encarnado associa-se ao eixo urbano que une a zona Flaminio à zona Euro, e por fim o roxo, que forma uma cintura associada aos eixos ferroviários.

9 - Análise morfológica de todo o sector correspondente à mancha azul do mapa anterior, correspondente à estratégia proposta para as *esquecidas* margens do rio.

10 - Novos equipamentos sediados em locais estruturados, de forma a cativar a população. Falamos do MAXXI de Zaha Hadid, museu de arquitectura e o Parco della Musica, o auditório da cidade de Renzo Piano. Entre eles a via Flaminio com a respectiva linha do eléctrico.

11 - Às ruínas da cidade pode-se criar uma nova utilidade. As Termas de Caracalla, servem de palco a inúmeras obras de representação durante a época estival.

intervenções de teor privado e irresponsável, *recheadas* de vazios urbanos. Um dos exemplos encontra-se na zona *Flaminia*, uma das entradas mais importantes, a norte, do centro da cidade. Essa zona é compreendida entre a zona Olímpica, a norte, e o aglomerado histórico a sul, em plena via Flaminia, estamos numa ambiguidade entre os limites do parque, o rio, as vias rápidas, não assumindo uma função específica nem carácter urbano sequer.

A partir de então, a sustentabilidade para garantir a salvaguarda do ambiente, definindo as condições cujo processo de desenvolvimento possam realizar-se sem repercussões ambientais é um princípio acrescentado, mas sobretudo a sua subsidiariedade, para permitir que as decisões sejam partilhadas com os cidadãos. Esta relação é contemplada tendo em conta os habitantes nos programas de requalificação e melhoria da qualidade de vida, procurando, para o efeito, criar novas funções nas áreas, colmatar falhas a nível de mobilidade, etc.¹¹

Com enorme potencial, neste Plano de 2002 foi contemplada a construção de dois enormes equipamentos na zona Flaminia, o *Parco della Musica* e o *MAXXI* que, para além de reestruturarem a zona, criam um novo pólo urbano, com as devidas condições de mobilidade, associadas às já existentes no centro histórico. Para além de requalificarem a zona, valorizaram o centro urbano próximo, complementando-se. Ainda em fase experimental e de sedimentação, será certamente um caso de sucesso neste *laboratório de urbanismo contemporâneo*, ao usar a tradicional intenção em criar equipamentos atractivos à população fora da zona tradicional.

Do ponto de vista da justificação e previsão das intervenções tanto de reestruturação como de reedificação, prevê-se o sistema de cidade contígua onde se distinga o tecido da **cidade histórica** (que inclui o centro e as expansões antigas), da **cidade consolidada** (compreendida por todas as zonas edificadas compactamente na cintura periurbana, fruto dos anteriores planos reguladores), da **cidade a reestruturar** (áreas de crescimento abusivo que necessita de reorganização de infraestruturas e serviços) e, finalmente, da **cidade de transformações** (a parte da cidade que cresce e que se redesenha).¹²

Um planeamento territorial e urbanístico sob os princípios de desenvolvimento sustentável prevê uma gestão do território compatível com a conservação dos recursos naturais, à tutela do património paisagístico e histórico-monumental, e com a satisfação das necessidades sociais e económicas das gerações actuais e futuras.

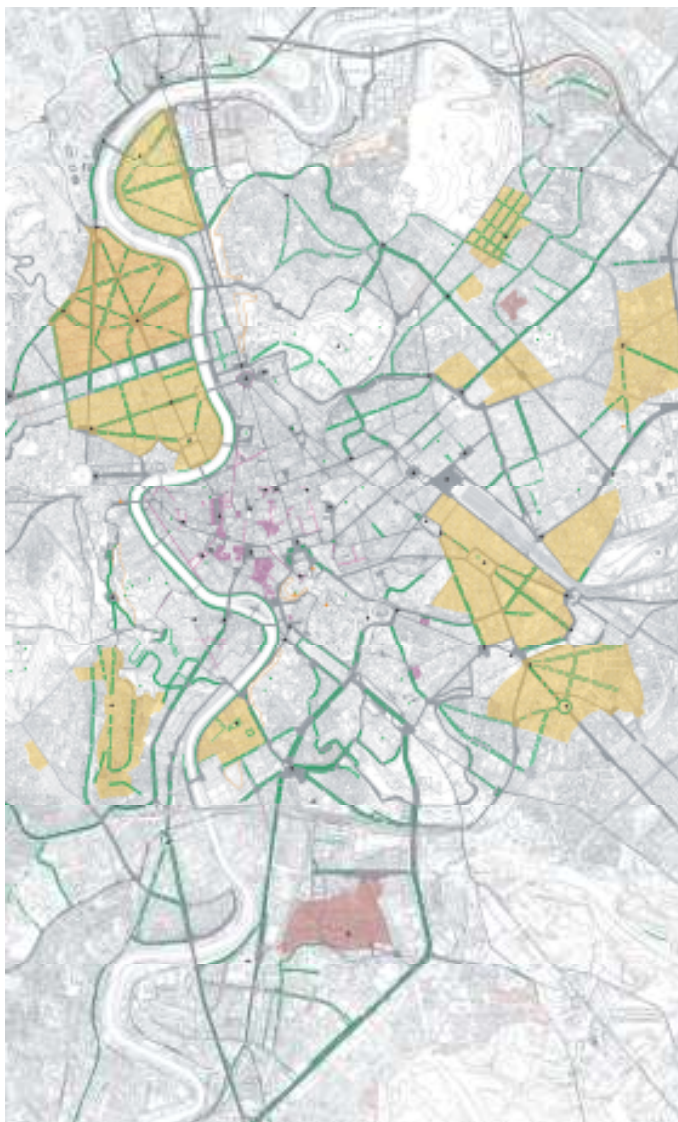
Com os seus 129 000 hectares de extensão a *comune di Roma* é a maior da Europa. A cidade em que se ouvia o canto dos galos e o balido das ovelhas terminou. Hoje não se limita a sobreviver sobre as ruínas e testemunhos das suas pré-existências mas projecta-se sobre um futuro que possa dar-lhe uma identidade renovada.

Esta é uma capital peculiar, segundo Quilici¹³, sem centro. Pelos antecedentes históricos e

¹¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma – p. 170.

¹² *Idem*, p.173.

¹³ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma .



12	13	12 - No âmbito do plano Director de 2003, foi realizada a carta de análise à morfologia das implantações e malhas urbanas—por exemplo a identificação do tecido urbano medieval a partir de pré-existências romanas, assinalado a roxo. Para além desse levantamento, são assinalados os elementos arquitectónicos ou vegetais dos espaços públicos como obeliscos ou fontes. 13 - Em permanente estudo, as faculdades de arquitectura usam Roma como campo de trabalho. A imagem trata-se de um exercício elaborado a pensar em actualizar a entrada norte da cidade—Porta del Popolo. Neste espaço coincide o limite da muralha, o início da via Flaminio, uma estação ferroviária, outra de metro e uma paragem de eléctrico a par de várias de autocarro. 14 - Também um exercício académico, a zona Flaminio serviu de análise. Analisa-se a ligação entre o pólo Olímpico e a Piazza del Popolo. O que define o espaço intermédio? A cartografia ajuda com nessa questão. 15 - Maquete virtual, uma forma de representação cartográfica actual, do projecto do MAXXI.
	14	
	15	

pela herança deixada, muitas acções aparentemente injustificadas na actualidade, são explicadas através da história como iremos fazê-lo paulatinamente, à imagem da cartografia existente.

Durante anos a mobilidade e os transportes públicos foram o cerne do planeamento por ser necessária uma rede à escala da cidade. É um trabalho incompleto, ainda em notória falta. Defende-se logicamente o uso dos transportes públicos, mas para o efeito é necessário uma rede capaz de sustentar os número de utentes da envergadura dos romanos e plausível de cobrir a área metropolitana. Parte da solução em unir os distintos municípios, criando diferentes centralidades, e definir os espaços vazios com novas e concretas funções, cabe à estrutura renovada e ampliada já existente.

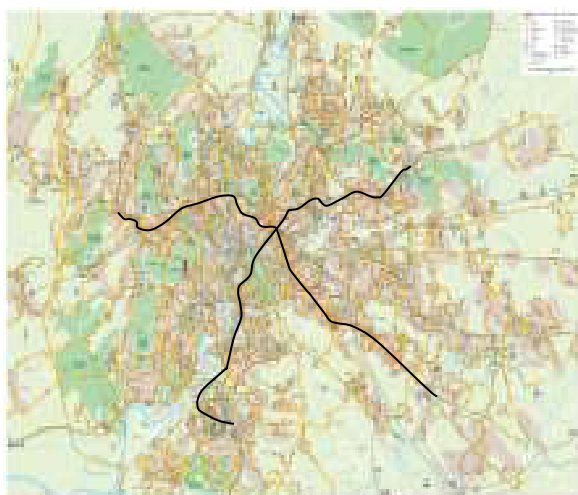
Para além das linhas ferroviárias bem implementadas, o uso do metro é pertinente e fulcral para o movimento pendular dos habitantes da Roma Central. Mas se observamos as linhas do metro de Roma, sobrepostas à planta da cidade, facilmente descobrimos parte dos focos centrais indevidamente equipados com infraestruturas, normalmente associadas a zonas descontroladas e despovoadas, os não lugares, que por vezes pomposamente chamam periferias, enquanto em simultâneo se sente a falha de habitação abrangente à população total romana. Pretende-se a longo prazo criar a cidade por todo, com as áreas devidamente criadas e formadas, nomeadamente as residenciais, que abrigam os trabalhadores dos diferentes centros da capital.

No entanto, a cidade de hoje é mais complexa e rigorosa, segundo *Marcelloni*, ao *rompere la continuità*¹⁴, ou seja, quebrar com a tradição, assumir as necessidades sem eliminar a natureza urbana de Roma, sobretudo do seu centro histórico. Ao contrário do que se possa julgar, parte da vida cívica ainda se desenvolve no centro, tendo o cuidado de nunca esmorecer. Os romanos usufruem, de facto, de toda a cidade disponível, ao manterem os seus mercados e negócios tradicionais, parte das entidades governativas, como o Parlamento Italiano entre outros.

Nesta ordem de pensamento deveremos destacar que Roma é, simultaneamente, uma cidade antiga mas de carácter jovem, em constante modernização que consiste em actualizar e eliminar permanente e sucessivamente os aspectos negativos. É uma cidade velha a nível económico, burocrática e estática a nível comercial. Roma ainda subsiste à custa das rendas, sejam a nível turístico, imobiliário ou de serviços, uma autêntica sociedade urbana consumista que não subsiste por si.¹⁵ No reverso da medalha surge a Roma juvenil que, apesar da sua longa e milenar história, mantém o seu papel no mundo, assumindo novas funções e actualizando-se. Falamos de uma capital recente que após a II Grande Guerra contava com um milhão de habitantes. Essa população triplicou em apenas 30 anos (1945-1975) desenvolvendo e consolidando a cidade de forma não planeada.

¹⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma – p. 170

¹⁵ MARCELLONI, Maurizio; *Le Dinamiche Urbane - Roma, città vecchia e città giovane*; URBANISTICA #116; gennaio -giugno 2001.



- | | |
|----|--|
| 16 | 16 - Mapa esquemático da rede de mobilidade de Roma metropolitana, sustentada pelo metro, comboio e eléctrico. Uma cartografia diversa do usual, possui uma linguagem própria perceptível à população, revelando as distâncias aparentes, as paragens e os nós de intercâmbio. A nós também nos revela as características do território. De facto, na actualidade, a cartografia revela-se multifacetada, e cumpre três requisitos básicos: a análise, o projecto e a transmissão. |
| 17 | 17 - Planta fornecida pela empresa de transportes, ATAC, representa todas as trajetórias dos autocarros. Desenhadas sobre o documento, as duas linhas de metro que cruzam em Termini, revelam-se insuficientes para a extensão de semelhante território. O metropolitano é o meio de transporte das grandes metrópoles mais eficaz, mas por variados motivos, encontra-se pouco desenvolvido. |
| 18 | 18 - Ostiense, uma antiga zona fabril, possui um enorme potencial de se tornar parte da metrópole com excelentes condições de vida. |
| 19 | 19 - Trabalho académico, com intenções de interligar Roma histórica a todas as direcções sob um mesmo sistema estrutural. |

O que significa estruturar e modernizar uma cidade antiga mas juvenil como Roma?

Significa articular e transformar a sua base económica, recriar Roma a outros níveis, mantê-la viva no plano das suas funções numa dinâmica que rompa com o isolamento da *bela adormecida*, que faça a sua entrada na competição internacional.¹⁵ Corre, contudo, o risco de ser sufocada pelos variadíssimos elementos, como as vias rápidas, necessários às novas vivências urbanas.

O futuro de Roma passará pela manutenção da qualidade e vida urbana dos espaços comuns, numa luta contra a privatização.¹⁶ Ao contrário do Porto, que nos é tão conhecido, *sempre pensado como uma cidade para viver, nunca como uma cidade para ser vivida*, em Roma as praças raramente falham, e isto é verdade, *seja nas manifestações de poder da Igreja ou nas da burguesia, fixando ostensivamente as suas respectivas ordens*.¹⁷

Apesar de vivermos numa sociedade em mutação, será que as técnicas usadas na actualidade representam melhor os espaços urbanos que as antecessoras?

A interpretação da realidade passa pela experiência activa de observação, guiada por hipóteses teóricas que conduzem, segundo Giuseppe Samonà, à imaginação crítica do objecto visado. Assim, os elementos adquirem uma forma precisa e manifestam uma estrutura inteligível no âmbito de processos de generalização mais ampla.¹⁸

Portanto, a análise de elementos urbanos e das relações entre eles é uma condição necessária para se descobrir o filão genético da realidade urbana existente. Se adverte a necessidade de a partir de uma análise tentar decodificar o vertiginoso e criativo processo contemporâneo, não se podendo saltar as crises das certezas científicas da análise urbana.¹⁹ É por isso necessário operar metodicamente sob as várias possibilidades de leitura do território e respectivo espólio cartográfico.

Questionemo-nos, *como mudam os paradigmas? Como convergem os desenhos da infraestrutura, da paisagem e da morfologia urbana?*²⁰

¹⁵ BERDINI, Paolo; *La Citta in Vendita – centri storici e mercato senza regole*; Donzelli Editore, 2008 – Roma, p.24.

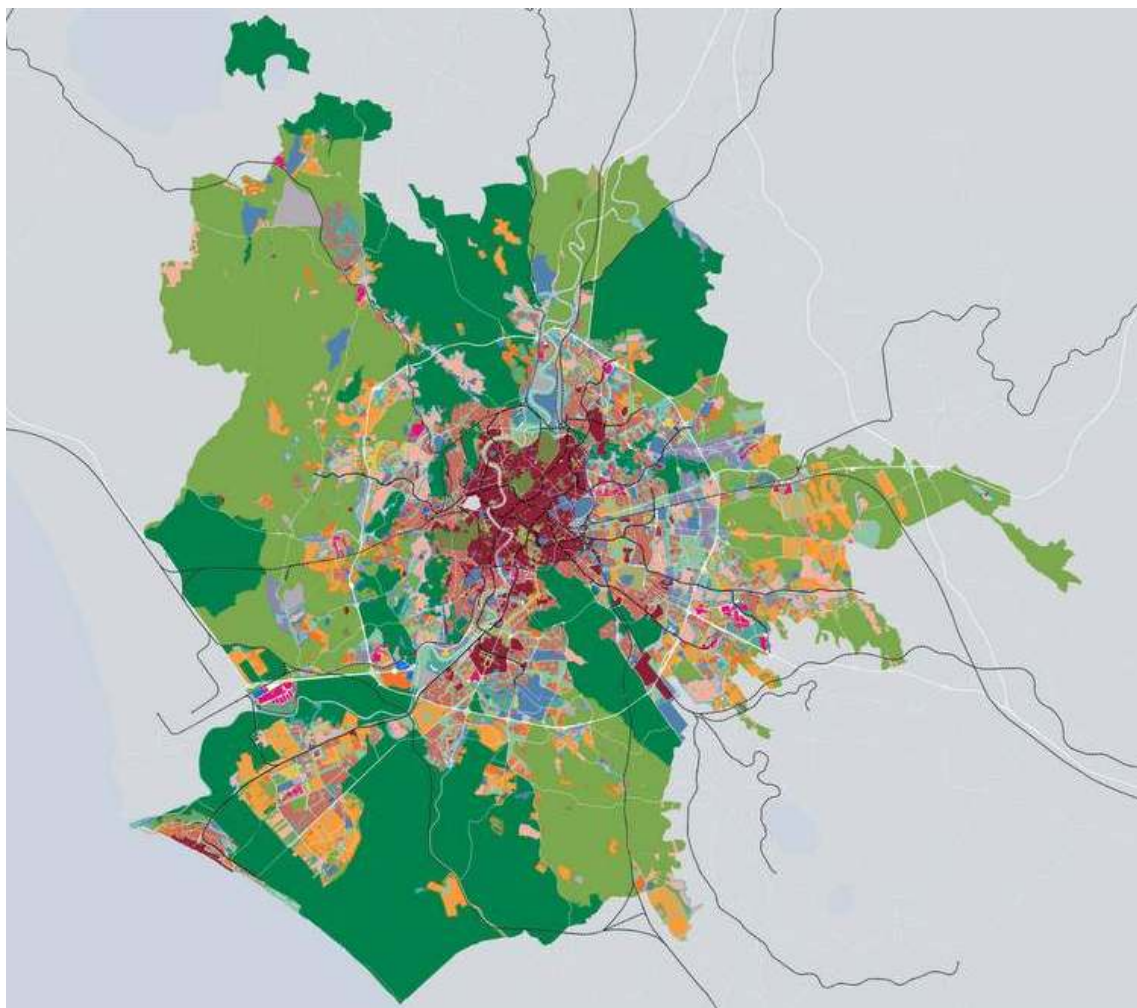
¹⁶ Marcelloni, Maurizio; *Le dinamiche urbane*; URBANISTICA #116; gennaio-giugno 2001.

¹⁷ GRANDE, Nuno; *Arquitecturas da cultura : política, debate, espaço*, p. 220.

¹⁸ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma, p. 34.

¹⁹ CARPENZANO, Orazio; *Porte Metropolitane per Roma*; Palombi Editori – ao cuidado da Università degli Studi di Roma La Sapienza – Dipartimento di Architettura e Analisi della Città, 2001-2002 – Roma (GROMA volumi 2).

²⁰ BRANDÃO, Pedro; *O Sentido da Cidade - Ensaios sobre o mito da Imagem como Arquitectura*; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa ; p.157.



20 - Planta geral de Roma Metropolitana, uma carta que serve de síntese do plano director actual.

3 ROMA FASCISTA



A arquitectura moderna era uma ideia que se transformou num estilo, como diz. O moderno era não funcional, incapaz de se adaptar às circunstâncias locais, “agressivo até do ponto de vista cultural”. O arquitecto refere-se sempre à arquitectura e urbanismo modernos como se tivesse que matar um pai.

ENTREVISTA A NUNO PORTAS POR JORGE FIGUEIRA¹

O aparecimento do Fascismo em Itália a partir de 1919 não teve efeito imediato sobre a organização urbana de Roma. Enquanto o regime assumia o poder em plenitude, a expansão da cidade prosseguia segundo os parâmetros do Plano Regulador de 1909 (p.57).

Nesse contexto, em 1920 inicia-se a edificação de três bairros nas zonas de *Monte Sacro*, *Garbatella* e *Piazza Verbano*. Em diferentes direcções, esses pólos localizam-se fora das muralhas aurelianas de modo a incentivar a descentralização populacional da cidade.

Além de diferentes lugares estamos perante distintas formas de estruturar os novos centros urbanos. No Monte Sacro (fig.4b) tenta-se aplicar o modelo urbanístico inglês da *Garden City*² a um bairro destinado à classe média, que respeita a topografia do terreno e é composto por edifícios de média altura envolvidos por jardins. Esta zona era dotada de serviços e comércio de primeira necessidade, como escolas, correios e mercado servindo *a posteriori* de referência a novas expansões, sobretudo para norte de Roma.

Garbatella destina-se à classe popular no lado oposto da cidade, a periferia sul e pressupõe um plano diferente do anterior. Destinava-se a um número elevado de pessoas com escassas posses económicas. Iniciado por Giovannoni³, o projecto previu blocos de habitações em série, de cêrcea mais alta, com jardins públicos nos pontos estratégicos. Destinavam-se à classe operária do único pólo industrial criado em Roma, na *via Ostiense* e arredores. Só a partir dos anos 1970/80 existirá outra área industrial no eixo da *via Tiburtina*.⁴

Inicialmente construíam-se casas provisórias para famílias desabrigadas recém-chegadas,

¹ PORTAS, Nuno; *Arquitectura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão*; FAUP publicações, 2005 – Porto , p. 445. Entrevista de Jorge Figueira

² ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d’; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma (ps.91-92).

³ O conceito de cidade-jardim forma-se no ambiente britânico do último quartel do século XIX, na procura de soluções para o crescimento das grandes cidade, e consubstancia-se no livro de Howard, publicado em 1898, *Tomorrow, a Peaceful Path to Real Reform*. No texto de Howard, a cidade-jardim constituía um diferente modelo de organização social, económica e territorial. A sua concretização implicaria um novo ambiente residencial de baixa densidade com predominância de espaços verdes. LAMAS, Jose M. Ressano Garcia; *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Fundação Calouste Gulbenkian, 2010 – Lisboa.

⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d’; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p.91/92.

seguidas das tradicionais *villini*⁵ segundo o plano original. Em 1927, para alojar parte da população, arrasam-se pedaços do centro histórico e constroem-se albergues colectivos que rapidamente se esgotam. Em múltiplos pontos extramurários Roma ficou rodeada de centros urbanos de pequena escala, e milhares de habitantes alojados num curto espaço de tempo.⁶ Se atentarmos às gravuras seguintes, a muralha deixa de ser o limite físico da cidade, renegando qualquer tipo de função na nova cidade.

Os projectos variaram consoante o local e escala de intervenção, e sobretudo, focavam-se nas classes populacionais. Tanto o proletariado como a classe alta eram distinguidas e separadas paulatinamente desde que Roma é capital, quebrando a tradição romana de conviver no mesmo espaço urbano as diferentes classes. Ora de carácter económico, ora cenográfico, Roma foi influenciada por metrópoles europeias respondendo às necessidades inerentes à nova população.

A questão do alojamento ainda hoje se coloca como um dos maiores problemas sociais de Roma. A cidade não oferece a todas as classes habitação condigna, deixando que ela se expanda indefinidamente.⁷ De facto é uma cidade estendida sobre o território, com cêrcea relativamente baixa e distâncias longas. Entretanto, uma série de espaços livres ficou entre os diferentes núcleos periféricos, como já houve oportunidade de aferir. Não sendo urbanizados também não se podem considerar rurais. Por volta de 1930, com o fascismo bem implantado no país e na capital, utiliza-se a arquitectura e recria-se a imagem da cidade em prole do regime.

As plantas artisticamente decoradas desaparecem, definitivamente, no século XX para darem lugar a plantas tecnicamente perfeitas, como as desenhadas pelo *Istituto Geografico Militare* de 1924 (fig.1a) e 1949 (fig.3), a de *Marino e Gigli* de 1934 (fig.2a) e da *Direzione Generale del Catasto* de 1955 (fig.4a).⁸ É a época das poderosas inovações técnicas também aplicadas na cartografia, como é o caso da fotografia aérea, executada para fins de mapeamento, um levantamento mais rigoroso do território e das cidades.

As plantas mais recentes documentam de forma criteriosa e precisa o enorme desenvolvimento de Roma, sobretudo após 1950. Durante e entre as duas Grandes Guerras Mundiais produziu-se um número limitado de plantas de Roma. Aparte o Plano Regulador de 1931 (fig.5b), a maior parte das plantas pertence às publicações turísticas como é o caso exemplar de *Roma e dintorni de 1937*. A planta, constituída por 12 painéis, publicada pelo *Istituto Geografico Militare* em 1924 e a publicada por *Marino e Gigli* em 1934 são

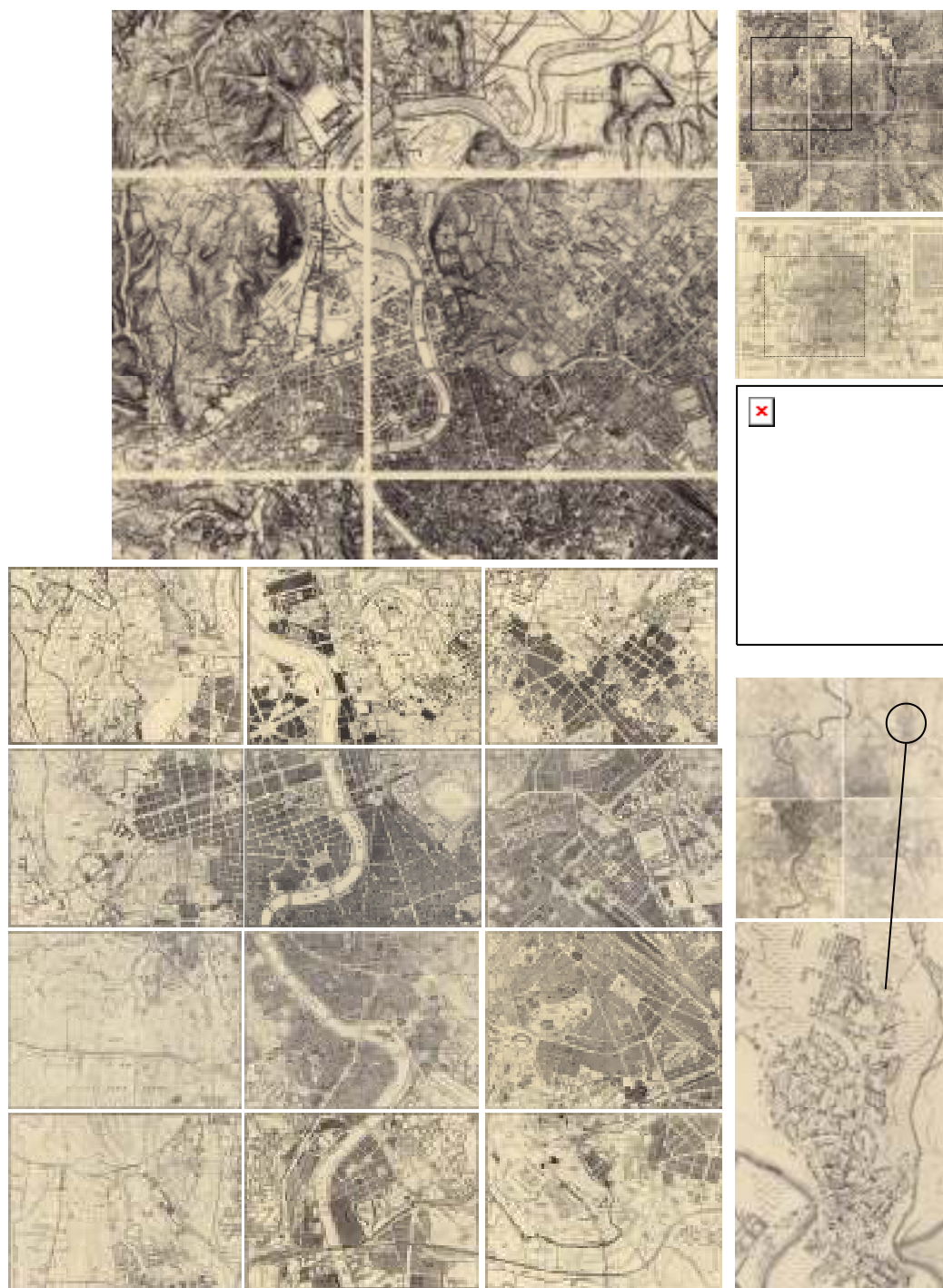
⁵ Correspondem às nossas casas em banda.

⁶ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 93.

⁷ BERDINI, Paolo; *La Città in Vendita – centri storici e mercato senza regole*; Donzelli Editore, 2008 – Roma, p. 158.

⁸ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 79.

⁹ *Ibidem*.



	1a
1b	2a
	3
	4a
2b	4b

1a - Planta topográfica de Roma e sua envolvente elaborada pelo *Istituto Geografico Militare*, 1924.

1b - Pormenor da Planta topográfica, focada nas zonas de *Tor de Quinto*, *Vaticano*, *Monte Mario*, *Prati*, *Piazza del Popolo*, bairros *Salario* e *Nomentano* e também no centro.

2a - Planta esquemática de Roma, subdividida em 20 secções rectangulares, editada por A. Marino e M. Gigli, 1934.

2b - 12 secções ampliadas e desenvolvidas, das zonas de Monte Mario, Parioli, Villa Savoia, Vaticano, Piazza del Popolo, Porta Pia, Villa Pamphili, Piazza Venezia, Coliseu, Monte Verde, Testaccio e Porta Latina, na mesma organização à apresentada na figura.

3 - Planta de Roma desenhada e publicada pelo *Istituto Geografico Militare*, 1949.

4a - Planta de Roma desenhada e editada pela *Direzione Generale del Catasto*, 1955. Subdividida por 4 secções, corresponde às zonas do Bairro Prati, Flaminio e de Tor di Quinto; ao centro, Trastevere e dos Bairros Gianicolense e Ostiense; aos bairros Salario e Nomentano e de Monte Sacro; e também pela zona da Estação de Termini e dos quarteirões Tiburtino, Prenestino e Appio.

4b - No Monte Sacro aplicou-se o modelo urbanístico inglês da *Garden City*.

excepções.⁹

A pensar no forte crescimento da cidade, o arquitecto Piacentini¹⁰ desenha o novo Plano Regulador em 1931, perfeitamente integrado no contexto da campanha mussoliniana¹¹. Nesse plano é estipulado o programa urbanístico da cidade Fascista, usado nas décadas seguintes ao mesmo tempo que ocorre uma febril construção de obras públicas.¹² Tem a particularidade de ter sido o primeiro plano a contemplar o automóvel como veículo, por excelência, de transporte na cidade tal como podemos observar pela monumental expansão da cidade extramuros.

Além das intervenções no centro de Roma, Mussolini também ficou conhecido, por este lado positivo, pela criação de outros pólos urbanos, exteriores e pertencentes à *Nova Roma*: a cidade do Desporto, a Cidade Universitária, a Cidade do Cinema e outros quarteirões adjacentes à cidade.

Segundo Salvagni, foi durante o regime fascista que se realizou a maior obra de modernização urbana da capital no século XX, sem, surpreendentemente, ter publicado alguma obra escrita significativa que sintetizasse as notáveis mudanças praticadas na cidade: *è stato il regime fascista, nel bene e nel male, che sicuramente ha progettato e realizzato la più grande opera di “modernizzazione” urbanistica della capitale nel XX secolo.*¹³

No entanto, apercebemo-nos dos malefícios dessas intervenções no centro histórico, sobretudo pelas repercussões sentidas no tecido social. A série de demolições efectuadas com o princípio de livrar Roma dos vestígios da urbanização da Época Antiga, Medieval e Renascentista associada aos rompimentos de novos eixos viários, são uma espécie de murro dado à cidade, alterando-lhe a configuração em áreas do centro histórico.¹⁴ A par do surgimento do automóvel e do crescimento demográfico, uma nova época nasce enquanto as noções do *tempo e velocidade* se alteram. A velocidade é a palavra de ordem tanto na concepção como nos objectivos para o futuro.

Por volta de 1870, durante uma visita a Roma a convite de Crispi¹⁵, Haussman¹⁶ aconselhara a

¹⁰ Marcello Piacentini (1881 — 1960) foi arquiteto, professor e urbanista. Por curiosidade, foi um dos intervenientes no *Plano Geral de Urbanização* do Porto, instituído em 1938, em plena propaganda do Estado Novo; à imagem da Cidade Moderna in FERREIRA, Nuno; *A Cidade do Porto desenhada e Planeada na Primeira Metade do Século XX segundo as intervenções de Marcello Piacentini e Giovanni Muzio. Usos e Vivências da Cidade Moderna*.

¹¹ Benito Mussolini (1883-1945), dirigente fascista de Itália de 1922 a 1943, tornou-se ditador em 1928. BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da História Universal*; Selecções do Reader's Digest, 1999 — Lisboa .

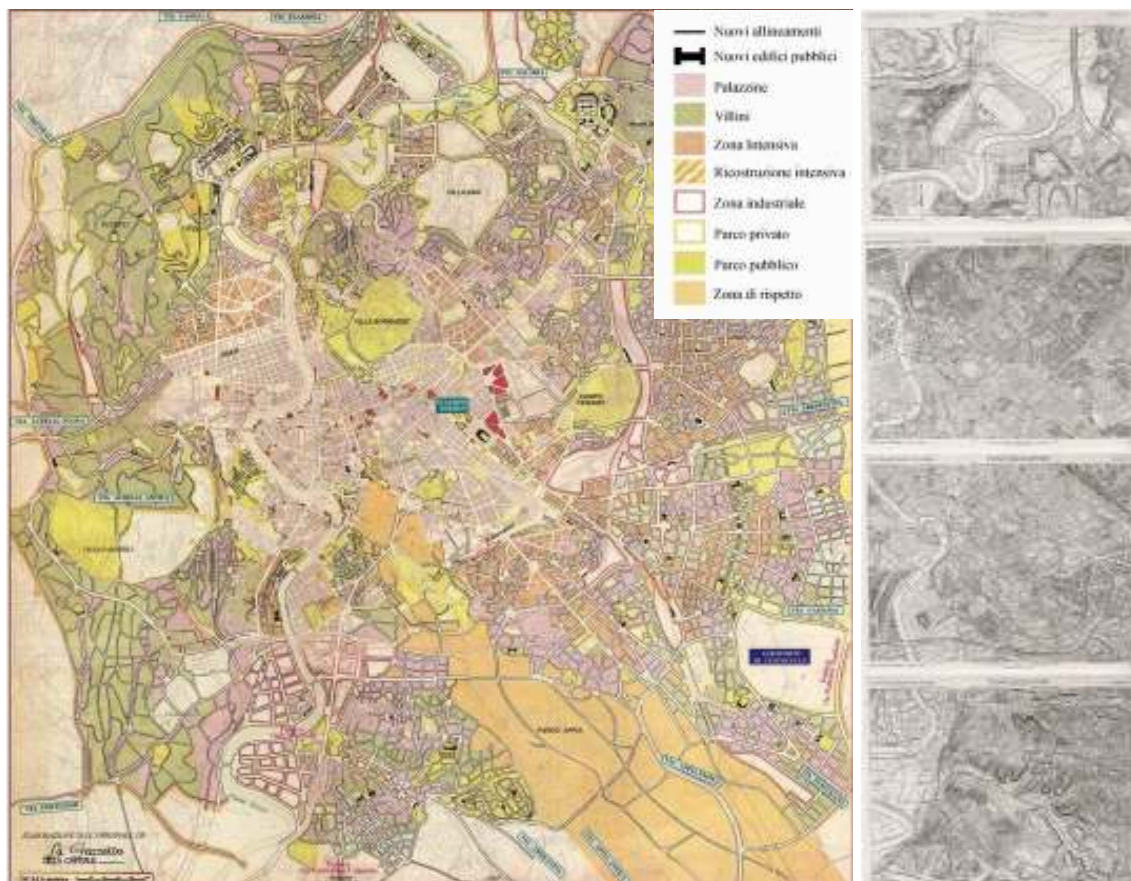
¹² MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 — Roma - p. 545.

¹³ *Foi de facto o regime fascista, para o bem e para o mal, que seguramente projectou e realizou a maior obra de modernização urbana da capital no século XX*; SALVAGNI, P.; *Roma Capitale nel XXI secolo, la città metropolitana policentrica*; Palombi Editori, 2005 - Roma.

¹⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma — un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 — Roma, p. 94.

¹⁵ Francesco Crispi (1818 — 1901) assumia a função de Primeiro Ministro.

¹⁶ Georges-Eugène Haussmann (1809 — 1891), mais conhecido como Barão Haussmann entre 1853 e 1870 foi responsável pela reforma urbana de Paris, que se tornou uma referência no urbanismo moderno. A reforma consistiu numa obra radical de demolições a permitir o surgimento de uma nova estrutura urbana no seio da cidade.



5a	5b
6	7a 7b

5a - Análise do Plano Director de Roma de 1931, através de um código de cores, num painel único, contrariamente ao original, composto de 12 painéis, de modo a atingir o pormenor de projecto necessário.

5b - Plano Director de Roma de 1931, parcialmente representado nesta figura, no qual foi programado a política urbana do fascismo que fomenta a construção de inúmeras obras públicas nas décadas seguintes. Com a posição paralela de duas imagens do mesmo plano, podemos concluir que a cor se por vezes nos auxilia na percepção e análise dos conjuntos urbanos da cidade, pode por vezes perturbar a noção verdadeira da relação entre as partes do conjunto urbano.

6 - Vista aérea de Roma, por tenente Umberto Nistri, 1919, na época do planeamento.

7a - No âmbito do planeamento urbano, previa-se a demolição de alguns quarteirões. Esta imagem representa a actual Via della Conciliazione na sua configuração original.

7b - A actual via della Conciliazione reconfigurada.

não interferência no centro histórico e a criação de um sentido periférico para a expansão da nova Roma, em direcção ao monte Mario. Era de opinião de que não se podia fazer literalmente o mesmo que em Paris, desfazendo o labirinto compacto da cidade barroca em prol de uma estrutura urbana moderna. Esquecida temporariamente, a ideia foi recuperada nas décadas seguintes, em pleno governo de Mussolini, sob influência de Paris e da sua haussmanização.¹⁷

Seguindo, de certo modo, o conselho de Haussman, nas pendentes do *Monte Mario* foi edificado o grande complexo do *Foro Mussolini*, actualmente conhecido por *Foro Italico*. Nesta área, nos antigos *prati della Farnesina*¹⁸, concentram-se as principais estruturas desportivas adaptadas à morfologia do terreno. A acompanhar esta obra, muitas mais se espalharam por Roma, como se pode ver na cronologia, a partir de 1924¹⁹.

Uma das mais importantes e notáveis obras do regime fascista italiano foi a construção da Cidade Universitária, projectada por Piacentini²⁰. É uma intervenção de enorme escala inspirada na arquitectura racionalista, com elementos clássicos integrados. Cunhou o lado poente da cidade. Além da obra, é interessante analisar o movimento da mudança. Antes da transferência, a Universidade de Roma localizava-se no *Palazzo della Sapienza* no *corso Rinascimento*, em pleno coração da cidade histórica. Além de mais espaço procurava-se descentralizar os serviços, uma das propostas para expandir a recém capital e desanuviar a sua zona central.

Os arquitectos de Mussolini, se por um lado, queriam recuperar os vestígios da Roma Antiga, por outro, pretendiam justapor-lhes uma nova Roma, inutilmente triunfante: em lugar dos templos e das basílicas romanas construíam palácios monumentais com colunatas; em vez do Coliseu, um novo Coliseu Quadrado. Usaram indiscriminadamente o revestimento em travertino a recriar a aparência dos fóruns antigos. A intenção era deixar às gerações vindouras uma Roma de mármore *mussoliniana*, tal como na era *augustea*.²¹ A zona *EUR* – *Exposizione Universale di Roma* - foi resultado disso. A partir do núcleo de uma estrutura inicial, formar-se-ia uma nova cidade inaugurada em 1942. Com a exposição Universal

¹⁷ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 95.

¹⁸ Os antigos prados, localizam-se no extremo norte da *via Flaminia*, na margem norte do rio.

¹⁹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 94.

²⁰ Marcello Piacentini (1881 — 1960) foi arquitecto e urbanista que trabalhou intensamente em toda a Itália mas em particular em Roma, durante o Fascismo, realizou obras de maior relevância. Inúmeros edifícios e intervenções urbanas que marcaram significativamente o aspecto da cidade a ponto de ser conhecido pelo arquitecto do fascismo. Criou um *neoclassicismo simplificado* - alguma coisa entre o classicismo do grupo *Novecento* (Muzio, Lancia, Gio Ponti e outros) e o Racionalismo italiano do Grupo 7 e do M.I.A.R. (*Movimento Italiano Architettura Razionale*) de Giuseppe Terragni, Giuseppe Pagano e Adalberto Libera, entre outros. SCARROCCIA, Sandro; Alberto Speer e Marcello Piacentini: *L'architettura del Totalitarismo negli anni Trenta*; Skira, 1999.

²¹ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma, p. 75.

²² As *borgate* correspondem aos nossos bairros sociais, aglomerados urbanos de edifícios construídos entre 1924 a 1937. Fora do centro habitado de Roma, foram planeadas pelos responsáveis camarários com o intuito de transferirem os residentes das suas velhas e antigas casas, de forma a conseguirem de seguida demoli-las e reestruturar o centro urbano.



	8b
8a	9
	11
10	12

8a - Mapa de Roma Olímpica, desenhada por Marcon, 1960.

8b - Pormenor da planta, a representar a nova cidade universitária, La Sapienza.

9 - Planta esquemática de Roma editada no guia Monaci com referências arquitectónicas destacadas, como o Coliseu ou os recentes ministérios, representativos do regime em vigor, 1961.

10 - Planta de E42 ou zona EURO, inspirada no esquema das cidades romanas em esquadria. Da autoria de Cini Vittorio, representa o projecto proposto para a Exposição Universal de Roma, 1942.

11 - Em fase embrionária, o plano começou nos edifícios de cariz público e necessários para a recente capital. Nesta nova área urbana existirá uma base logística de apoio à cidade como novos museus, pólo desportivo e o palácio dos congressos.

12 - Depois de criadas as infraestruturas, e alterado o fim para que foi contruído, à zona EURO é associado o novo centro de negócios e claro está, uma nova zona habitacional, aparte de Roma Central, mas devidamente interligada por metro e vias para o efeito.

(anulada devido ao início da II Guerra) mantiveram-se os princípios urbanos e a cidade periférica formou-se.²²

A operação do regime que interferiu mais negativamente na cidade, a nível urbanístico e social, foi a *decisão de disseminar pelo território romano as cidades populares, destinadas aos imigrantes e aos desalojados das freguesias centrais, sujeitas a demolições curativas. Esta concentração de indigentes em condições inumanas através de uma série de proliferações urbanísticas desordenadas do último Pós-Guerra, provocou enormes danos morais e cívicos a Roma.*²³

O termo *borgata*²⁴ é oficializado em 1924 para definir o bairro popular *di Acilia* (i.15), construído a 15 km de Roma, para onde se transferiram os habitantes dos Fóruns, sediados no coração de Roma, que se dedicavam a actividades de pequeno artesanato e comércio. Ao perderem o contacto com a cidade ficavam numa situação de maior indigência.²⁵ Após esta primeira iniciativa, outras proliferaram pelo território mas, em grande parte das vezes, tinham parcas condições e totalmente desenraizadas da cidade. Só após 1954, iniciam obras de saneamento e requalificação dessas *borgate*, algumas das quais totalmente reconstruídas e dotadas de uma rede de serviços e de ligações entre si e a cidade através das muralhas.²⁶

ROMA, CAPITAL DA REPÚBLICA ITALIANA

Roma sai da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) devastada no seu tecido social e humano (pensemos na dramática deportação dos Judeus do gueto). Também ferida dos bombardeamentos em muitos quarteirões, sobretudo no de *San Lorenzo*, a recuperação foi lenta e morosa. O referendo de 2 de Junho de 1946 resulta na passagem de monarquia para República: Roma, antiga capital do Império, capital do Papado, capital do Reino Italiano torna-se agora Capital da República Italiana.

Em 1950 é aberto um novo eixo de acesso a Roma, como prosseguimento da *via Aurelia* a sul do Vaticano: a *viale Gregorio VII* liga até ao centro da cidade através do túnel que passa sob a colina *Gianicolo* e sobre a ponte *Amadeo d'Aosta*. A expansão urbana na direcção poente prevê a escavação de parte dos *Monti Vaticani*, surgindo em redor dos eixos da *via Baldo degli Ubaldi* e dos *Monti della Creta* os novos quarteirões, sujeitos à especulação imobiliária.²⁷ A cidade *fervilha* de nova construção, expande-se por onde houver espaço livre e disponível, nomeadamente nas suas partes altas ainda livres, futuro lugar da alta sociedade. O *monte Mario*, a *Camilluccia*, as *colli della Farnesina* e *Fleming* são exemplo concreto disso

²³ RAVAGLIOLI, A.; *Vedere e capire Roma*; Edizione Roma Centro Storico, 1980 – Roma.

²⁴ Às *borgate* associamos a bairros operários formados na periferia extrema de Roma.

²⁵ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 97.

²⁶ BERDINI, Paolo; *La Città in Vendita – centri storici e mercato senza regole*; Donzelli Editore, 2008 – Roma, p. 191.

²⁷ BERDINI, Paolo; *La Città in Vendita – centri storici e mercato senza regole*; Donzelli Editore, 2008 – Roma, p. 191.

²⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 99.



13a	13b
14	15
	16

13a - Planta de Roma Presente e Futura por Vallardi, 1905. Esta carta interessa-nos pelas indicações desenhadas do planeamento que nos elucidam, e também pelas demolições previstas.

13b - Neste pormenor da planta, visualizamos a demolição prevista para a via della Conciliazione no Vaticano, o alargamento das vias paralelas ao rio, de entre outras.

14 - A primeira planta das linhas de autocarros e ferroviárias realizada pela ATAG, a agência dos transportes públicas de Roma, pela época da reforma dos transportes em 1930. Elucida sobre a escala da cidade, ao sabermos a extensão da área coberta pelos transportes.

15 - Cenas de cinema realizado por Paolo Pasolini em Roma, retratam o quotidiano e as *borgate* em meados do século XX, que albergavam milhares de pessoas vindas do sul à procura de emprego perto de zonas fabris, ou expulsas do centro por causa das demolições.

16 - Planta esquemática da estrutura da cidade, composta por *rioni* ou o equivalente às freguesias.

mesmo para além de toda a área sobrando no interior da muralha, excepto nas zonas delimitadas para parque ambiental ou arqueológico.²⁸

As XXVII Olimpíadas de 1960 foram uma etapa importante para a estrutura e infraestrutura urbana, gesto plenamente moderno e atento à produção arquitectónica mundial. Para hospedar os atletas construiu-se o INCIS, um bairro na zona *Flaminia*, o *villaggio Olimpico* com o intuito de transformar a área em mais uma zona residencial, associada a novas vias de interligação Poente/Norte da cidade, eventualmente ao aeroporto Fiumicino.²⁹

Roma, em 1961 conta com 2 188 160 habitantes e o único Plano Regulador é de 1962 (fig.17) em pleno *boom* económico. Incide sobretudo sobre o trânsito, um sintoma crónico na cidade a partir de então, com o objectivo de criar um novo tipo de viabilidade alternativa à radial, originária da Antiguidade, nas *vie consulari*³⁰. Focaliza-se na criação de transportes ferroviários e na descentralização das funções directivas de forma a *descongestionar* o centro histórico, onde se começa a falar do *Sistema Direzionale Orientale*, nunca realizado. Este plano manterá em vigor durante 40 anos, sem nunca o regulamentar, o abuso construtivo na periferia.³¹ Dormitórios como o *Laurentino 38* têm os edifícios semelhantes e fora de escala, formalizando uma cidade monótona e desconfortável para o homem.

Depois da II Guerra, a publicação de plantas aumenta rapidamente. A planta IGM de 1949 (fig.3) é um dos melhores exemplos de planta de folha única. No entanto, a rápida expansão da cidade não permitia a edição de mapas numa folha única a uma escala útil. Por isso a cidade é dividida por secções, segundo quadrados traçados arbitrariamente como na série toponomástica, ou seja seguindo as *freguesias* como na *Planimetria de Roma de Mezzapesa* de 1965, ambas editadas pelo *Istituto Cartografico Italiano*.³²

À excepção da *Carta delle Proprietà Pubbliche nel Centro Storico di Roma* de 1984, não existem plantas que sejam dignas de nota na segunda metade do século XX. É possível que o desenvolvimento da técnica da fotografia aérea seja a causa disso e o *Atlas de Vistas Aéreas de Roma* de 1991 exemplifica plenamente a alta qualidade resultante desta técnica enquanto revela a deterioração verificada na arte de elaborar mapas.³³

A ausência de plantas de maior relevo neste período é evidenciada pelo retorno às plantas de projecção oblíqua da parte de *Ravaglioli* que, em 1972, publica a sua planta Monumental a Voo de pássaro do Centro Histórico de Roma. Se as plantas cadastrais e do Censo do XIX século XIX são as plantas exemplares, não descobrimos nada de equivalente na actualidade. Não se antevê nenhum herdeiro actual da herança cartográfica romana.

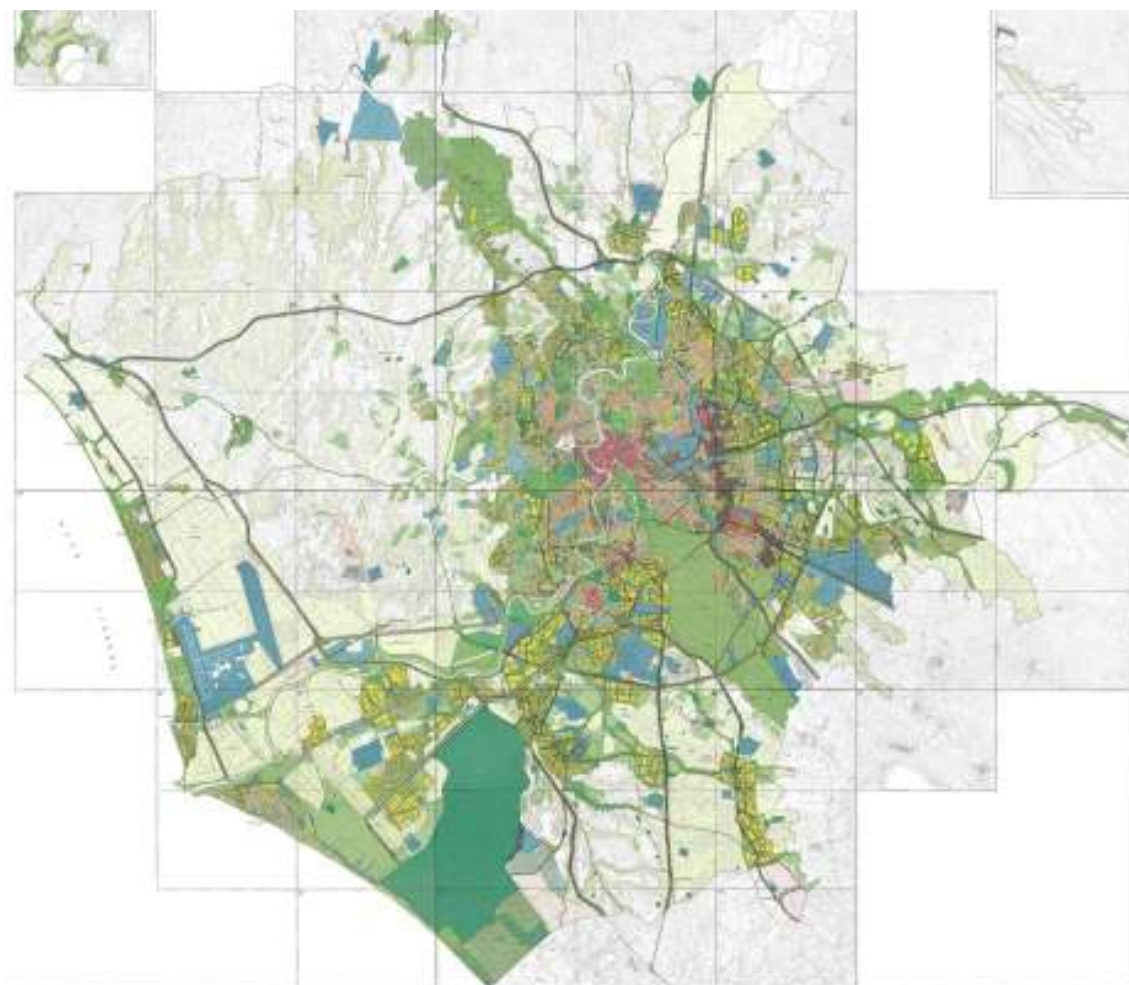
²⁹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 99.

³⁰ Estradas criadas durante o Imperio para o rápido movimento de transportes e maior eficiência das trocas comerciais por terra.

³¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 100.

³² MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 79.

³³ *Ibidem*.



17	
18	19
20	

17 - Plano Director de Roma de 1962, da autoria de Piccinato Luigi.

18 - Planta de Roma, cujos quarteirões são representados tridimensionalmente, 1937.

19 - Uma planta perspectiva inspirada da realizada pelo frade Tensi em 1879, a cidade é vista a *voo de pássaro* sobre a via Flaminia, como se entrássemos na entrada norte da cidade, 1910. Os lotes são desenhados em planta e só os edifícios principais são desenhados com o alçado em projecção.

20 - Associada a um guia turístico, esta planta axonométrica tem todos os alçados dos edifícios desenhados. Nenhuma criação original desta época, possui um rigor exemplar.

4 ROMA CAPITAL



*La storia che rimette in gioco di continuo le strutture territoriali,
conferisce loro sempre nuovi vestimenti pur ricalcandole.*

A História que mantém em jogo a estrutura do território,
oferece-lhe sempre novas “vestimentas” nas fases de rastreio.

EUGENIO TURRI¹

A Roma do século XIX foi marcada pela presença de Napoleão Bonaparte² na península, entre 1809 e 1813. O imperador pretendeu transformar a sede do Papado, antiga capital do poderoso Império Romano, na segunda capital do seu Império. Empreendeu uma reorganização burocrático-administrativa radical no sentido de estimular a economia através de diversos sectores, dos transportes à agricultura, da higiene pública à indústria. Os bens eclesiásticos foram confiscados. Os conventos e as irmandades foram transformados em fábricas e escritórios. Igrejas e museus são espoliados das suas obras de arte.³

Em paralelo, institui uma *Commission pour les embellissements de la ville de Rome*⁴ presidida pelo prefeito de Roma, que incumbe Valadier⁵ de criar projectos urbanísticos grandiosos. A obra mais notável, dos anos 1816-24, consiste na reformulação da *Piazza del Popolo* e da *terrazza del Pincio*, em estilo neoclássico, como hoje a conhecemos. Além dessas intervenções pontuais, ainda hoje persiste uma lei da época, que impede qualquer tipo de construção na zona envolvente do Circo Massimo e Coliseu, destinada a criar um parque arqueológico.

O *Cadastro do Plano-Gregoriano* dos anos 1819-22 (fig.2), encomendado por Pio VII, é um importante contributo cartográfico tanto pela reorganização administrativa a que se destinava como para conhecimento da estrutura habitada e, também, pela precisa localização do património construído. Esta carta, além de reproduzir a realidade física em planta, revela uma proposta de intervenção. De extraordinário rigor, distingue os espaços verdes dos restantes e, note-se o tratamento dado aos espaços internos de igrejas. Apresentam-se como prolongamento do espaço exterior, à semelhança da técnica aplicada por cartógrafos anteriores mas sobretudo reflexo do pensamento urbano da cidade.

Este papa e seguintes resistem à modernidade e efervescência europeia mantendo o espírito conservador, na manutenção e expansão da cidade. Fomentam a organização de sociedades secretas e assistem aos primeiros motins de 1831, seguidos de uma luta constante pelo poder.⁵

¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 77.

² Napoleão Bonaparte (1769 - 1821) em 1796 usa o território italiano para combater contra os austriacos durante um ano, com sucesso. Após cinco anos da sua coroação forçada em 1804, pretende também apoderar-se de Roma como segunda capital do seu Império. Um projecto inacabado por ter sido exilado para Elba em 1814. BRIGGS, Asa; *Enciclopedia da História Universal*.

³ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 75.

⁴ Comissão para Embelezamento da cidade de Roma; ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; p. 74.

⁵ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 77.

O último Papa relevante para a urbanística de Roma seria Pio IX que retorna à cidade após um curto exílio em 1850. Estamos na época moderna ao nível da invenção e do pensamento. A iluminação a gás começa a substituir a de óleo. Monsenhor Francesco Saverio De Mérode inicia a construção de um novo bairro em torno da futura via Nazionale e as obras da estação central de Termini iniciam-se em 1860. Recupera-se a antiga estrutura de distribuição da água à cidade, *Acqua Marcia*.⁶

A intervenção urbanística de maior impacto é a criação do bairro *Mastai* entre a igreja de *Santa Maria dell'Orto* e *San Francesco a Ripa* (fig.3), em Trastevere. Destina-se o casario ao proletariado, fruto das novas fábricas entretanto criadas.⁷ O poder temporal da Igreja, que se manterá forte a nível espiritual é, paulatinamente, retirado da cidade. De capital do Papado, Roma aproxima-se a capital do Reino.

A data de 20 de Setembro de 1870 assinala um dos momentos mais significativos da história milenar de Roma. Além de ser anexada ao reino de Itália, decretou-se o fim do poder temporal dos Papas. A cidade, agora com 226 000 habitantes, volta a assumir um papel central no panorama italiano. A Roma sobrevivente das sucessivas fases gloriosas do passado, está prestes a tornar-se a capital do reino italiano.⁸ Convivendo com as ruínas vai equipar-se, num curto espaço de tempo, com as estruturas físicas para acolher a nova administração e serviços para o funcionamento do governo.

Na permuta entre monarquias, de pontificado e de Sabóia, a realidade urbana de Roma é composta de zonas densamente construídas em torno de pólos de atracção. Estes pólos mantinham-se dentro de muralhas a par das vastas hortas, vinhas e *ville* barrocas aí implantadas, que conferiam um carácter rural à cidade. Definidas como *villaggi urbani* por *Zeppegno*, estas quintas urbanas integravam-se entre ruínas ou em locais de alta densidade populacional⁹, frequentemente relacionadas com as renovadas vias de escoamento da cidade.

Essas quintas serão o ponto de partida das primeiras expansões urbanas e sociais da cidade por serem dotadas de enormes áreas agrícolas livres, relativamente próximas do centro. A dicotomia entre cidade e campo impunha um ritmo próprio, conseguindo associar no mesmo quarteirão duas realidades distintas. Exemplo disso encontra-se em plena *via del Corso*, uma das entradas da cidade, efervescente de actividade comercial, que numa das suas transversais, a *via della Vite*, incorporava uma leitaria da cidade com a respectiva vacaria.¹⁰

Esta foi a Roma que os Piemonteses encontraram quando acompanharam o governo dos *Sabóia*. Por esse motivo procuram impor uma transformação radical à cidade e adequá-la ao

⁶ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 79.

⁷ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma, p. 13.

⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 76.

⁹ ZEPPEGNO, L; *I Rioni di Roma*; Newton & Compton, 1996 – Roma.

¹⁰ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 78.



1a	
1b	2

1a - Planta de Roma por Olivieri, dividida pelos 14 *rioni* (freguesias), 1814/17. Herança da época barroca, Roma apresenta-se polarizada num sector interno da muralha aureliana, com tensões urbanas reflexo da necessidade de expansão.

1b - Pormenor da planta numa das zonas onde se sentiu uma expansão urbana evidente. Nos arredores da igreja Sta Maria Maior consegue-se visualizar por um lado uma malha consistente recém formada, e por outro os rectângulos negros dispersos são as referidas quintas para onde se encaminha a expansão. Simplesmente porque usaram as vias já existentes de acesso às mesmas.

2 - Cadastro Urbano do *rione* de *Campo Marzio* em Roma, a pedido do Papa Pio VII, 1819-22. Desenhada em 6 painéis, esta planta geométrica representa o património urbano e monumental existente na zona, distinguindo as zonas verdes. Dos 6 painéis, estão 2 nesta imagem. No primeiro a Piazza del Popolo antes de assumir a sua forma actual, e no segundo painel, representa-se o modelo urbano em tridente composto pela via del ripetta, via del Corso e via Babuino.

ritmo de vida das regiões industrializadas do norte. Dez dias depois de forçada a *porta Pia*, em 30 de Setembro de 1870 entra em acção uma comissão de engenheiros e arquitectos encarregue de estudar as *ampliações e embelezamento da cidade*.¹¹ Urge, de facto, uma estrutura apta a acolher ministérios e escritórios da burguesia governativa, assim como as inúmeras habitações para todo o tipo de funcionários transferidos para Roma.

Apesar de a 1 de Julho de 1871 ter estado eminente a deslocação da capital italiana de Florença para Roma, esta última ainda não reunia as condições necessárias para tal. Por essa razão, os gabinetes governamentais e ministeriais foram distribuídos pelos antigos conventos requisitados pelo Governo. Pietrangeli em 1977, a este propósito, relembra um trecho publicado no *Diari* de 1871, testemunhado por Gregorovius¹²:

Transformar a cidade santa numa cidade temporal é um reflexo da época em que a Roma pagã foi transformada, com a mesma paixão, na Roma cristã. Os conventos são transformados em gabinetes, abrem-se janelas trancadas e novos portais são arrombados.

Após séculos, o sol e o ar penetram de novo nestes espaços enclausurados de frades e de monásticos. Assim num breve período transformaram San Silvestro, os conventos dos Filipinos, da Minerva, dos Agostinhos no Campo Marzio, dos Santos Apostolos. Dá pena vê-los desaparecer como espíritos dos seus dormitórios, claustros e corredores. A velha Roma está-se a acabar. Daqui a 20 anos será um mundo novo.

Se até 1870 se podia pensar na planta de Roma como uma planta descritiva, após essa data tornara-se numa regra. Uma vez capital, Roma incentivou um novo tipo de planta – o de Plano Regulador. Para além do carácter descritivo, informa sobre as novas e futuras intervenções.

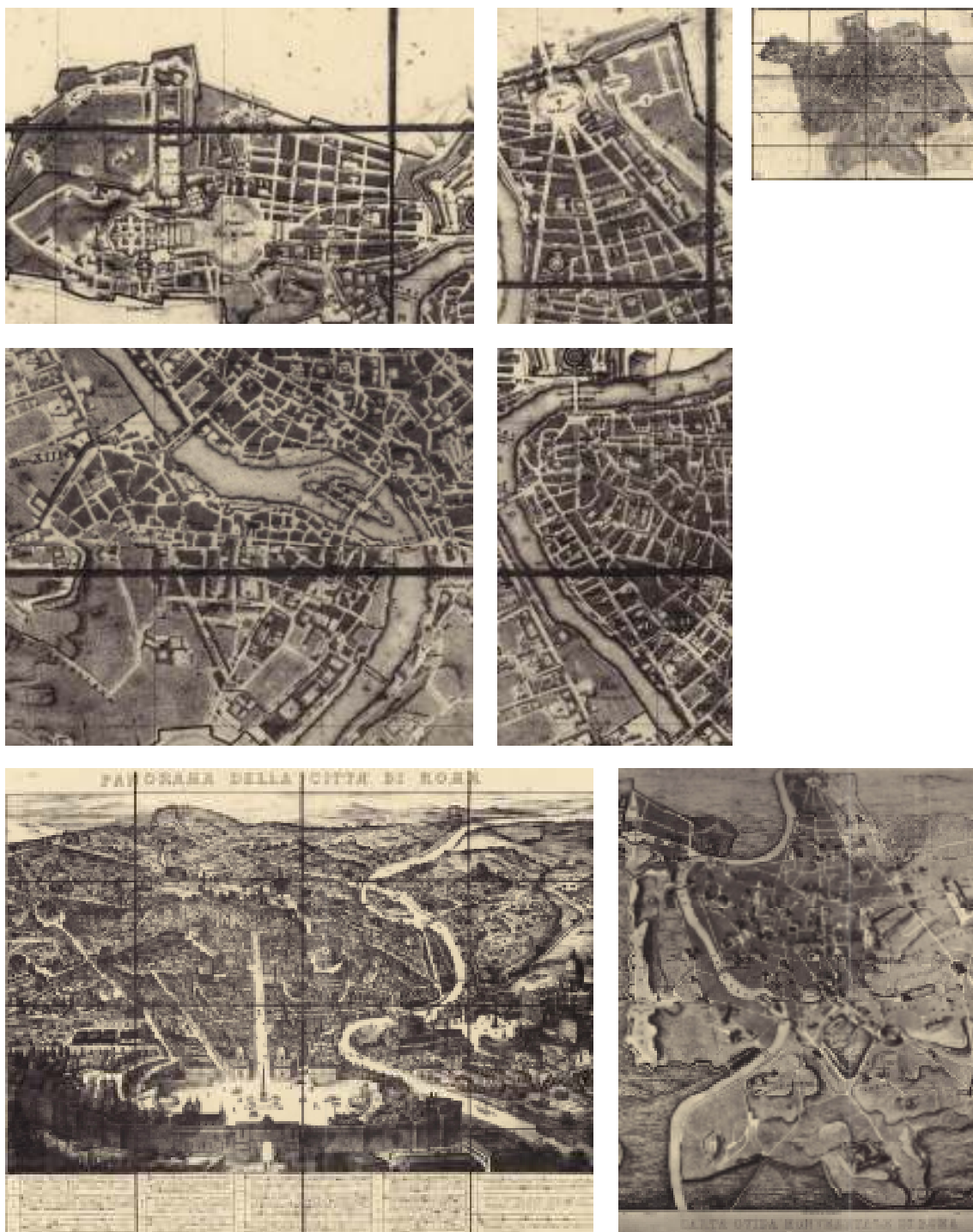
No momento de ser proclamada nova capital do reino, Roma continuava sem qualquer planeamento urbano considerado moderno, tanto a nível cívico como a nível da clareza das relações espaciais entre as diversas partes do construído: *a estrutura da cidade permanecia igual à existente no século XVII*.¹³ Confrontando Roma com as outras capitais europeias, destacam-se as suas reduzidas dimensões tanto como a baixa densidade populacional, semelhantes a uma modesta cidade da província.

Cingindo a análise à extensão física das freguesias históricas da Roma papal, correspondente à parte mais densamente construída, a cidade compõe-se de poucos sistemas organizativos. Excluindo a zona composta pelos eixos sistinos, caracterizados pela alternância entre monumentos e os grandes vazios, Roma é composta por quatro sistemas. Dois localizados no lado esquerdo do rio, a enseada do quarteirão renascentista (fig.3d) e o tridente de *Campo Marzio* (fig.3b); e no lado direito do mesmo, o Vaticano (fig.3a) e Trastevere (fig.3c) unidos por uma linha subtil edificada, a *via Lungara*.

¹¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 78.

¹² *Idem*, p. 80.

¹³ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma, p. 23.



3a	3b	3
3c	3d	
4	5	

3 - Planta Geral de Roma por Carlo Marrè, 1870. Nesta época à zona do Quirinal associava-se o palácio papal. No extremo noroeste da zona densamente populada, criava-se um novo foco religioso.

3a - Área do Vaticano, planeada no conjunto, tal como se nota pelo reticulado associado à envolvente.

3b - Tridente do *Campo Marzio*.

3c - Zona de *Trastevere*, nome que traduzido se entende *atrás do rio Tibre*.

3d - Enseada do quarteirão renascentista.

4 - Litografia de autoria anónima, trata-se do panorama de Roma entre 1870, datável por se ver à porta del Popolo um soldado e um guarda, e 1879, ano precedente da porta ser concluída, tal como a conhecemos. Estes pormenores que nos auxiliam para a colocação das plantas no tempo, são pistas que acompanham por todo o processo. Esses elementos são os marcos do tempo, são eles que o testemunham.

5 - Roma de Ignazio Gigli, 1867. Peculiar, esta imagem representa de uma forma muito simplificada a topografia do terreno e o desenho em planta dos quarteirões. Em simultâneo regista o património antigo e moderno composto pelos diferentes edifícios em projecção axonométrica.

Como já aprofundamos nos capítulos anteriores, Roma é compreendida por uma compacta e limitada agregação de partes, triangulada pelas referências locais da cidade, Vaticano, Quirinal e Capitólio, localizadas nos vértices. Um dos maiores problemas é a ligação viária - *um primeiro impasse em torno do qual se concentram discussões e polémicas é o da comunicação. Baseado no sistema dos antigos consulares, o planeamento viário da região romana resulta na centralização radial na cidade, pensando mais nas longas distâncias do que na função*¹⁴, procurando de novo o sentido da *velocidade*, objectivo comum deste tempo nas cidades.

A adaptação de uma imagem de cidade religiosa a uma capital laica foi uma transição complexa. Esse efeito tornou-se notório quando o governo nomeou uma comissão especial para examinar os problemas técnicos relativos à transferência, que ressalta, como principal anomalia, a implantação de uma *armadura urbana* sobre uma outra já existente.¹⁵ *A composição topográfica que resulta parece uma formação gradual presa à geologia, mas na verdade poderemos dizer que se trata de um metamorfismo eclesiástico que, com os séculos, se integrou em todos os espaços completando a invasão.*¹⁶

No crescimento e adaptação da cidade deste período, interferirá sempre a tradicional quezília entre dois grupos, os verdadeiros romanos e os transferidos. Ao primeiro associam-se os apoiantes do poder papal e, ao outro, os do poder laico, interessados na actividade comercial.

A Comissão Camposeri que destaca, em primeiro lugar, o problema da formação de um novo centro alternativo ao tradicional, refere que seria vantajoso criar um novo pólo em redor da recém criada estação *Termini*. Sendo esta, a estação mais próxima do centro histórico, o núcleo mais activo, desde sempre, movimentará e gerará um enorme fluxo de pessoas, estando-se perante a possibilidade facilitada de criar comércio e serviços em redor. Além de ser uma zona considerada bastante salubre e ideal para habitar, é fácil a distribuição de água potável. A localização da estação já foi, por si só uma estratégia, tal como em Paris e Florença, onde se implantaram as estações fora do centro da cidade mas suficientemente perto para servi-los.

Na primeira metade do século XIX só havia 180 000 habitantes e, no momento da proclamação a capital, depois de um constante e modesto crescimento, havia 226 000. Para efeitos de comparação em 1871, Londres, que era a cidade mais populosa da Europa, tinha 3 254 000 habitantes, Paris tinha 1 851 000, Berlim 829 000 e S. Petersburgo 668 000 habitantes. As cidades mencionadas em nada eram comparáveis a Roma, a não ser em aspectos sociais e económicos.¹⁷

De facto a partir dos exemplos de Paris e Londres, cidades irmãs, foram criados os planos

¹⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 82.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma , p. 114.

¹⁷ *Idem*, p. 22.



6a	6b
7	8
9	

6a - Plano viário esquemático do projecto urbano de Viviani, desenhado por Martinelli, 1872.

6b - Planta de Roma sobreposta ao plano referido, composição de Martelli, 1871

7 - É a versão oficial do Plano Regulador apresentado por Viviani. De autoria anónima, este plano contempla as novas malhas periféricas, as demolições propostas e as linhas ferroviárias já fazem parte desta nova etapa urbana, 1873. A linha representa a ligação de Termini ao centro.

8 - A planta contempla a zona do futuro bairro *Ludovisi*, onde se planeiam as vias, quarteirões e os lotes a construir, 1886.

9 - A abertura da Via Nazionale reflecte a lufada de modernidade que impregna a cidade. Desenhada para as novas viaturas, une a zona da estação central de Termini ao centro, que corresponde ao Capitólio, sediado no antigo fórum e o recente memorial da reunificação de Itália, *Il Vittoriano*.

reguladores de Viviani em 1873 e 1882. Em 1873, este engenheiro apresenta ao novo presidente da Câmara o primeiro Plano Regulador Geral de Roma, oficializando a expansão necessária, na direcção leste, de encontro às colinas.¹⁸ Por interesses particulares, inerentes a Roma, é frequente a normativa não ser cumprida. Apesar de tudo, sugerem-se demolições planificadas em zonas da cidade consolidadas em detrimento de novas e amplas vias enquanto que em áreas não edificadas dentro da muralha, é prevista a construção de novos quarteirões sobre malhas regulares.

O uso do reticulado foi algo de insólito e inabitual na prática de urbanismo romano, que teve o efeito de romper a estreita relação entre as vias e os edifícios do centro. A partir de agora, também as plantas para uso turístico passam a basear-se nos planos reguladores, ilustrando como a capital se transformou e modernizou tão rapidamente.¹⁹

O projecto aqui apresentado é verdadeiramente interessante pela representação das sucessivas questões urbanísticas apresentadas na nova capital. Se as demolições projectadas fossem levadas avante, a *via Nazionale* seria prolongada pela *Fontana di Trevi*, *Pantheon*, *Piazza Borghese*, *S. Giovanni dei Fiorentini* até ao *Tevere*. Poderemos ver o resultado pretendido com este percurso na imagem 7, onde se representa o plano enquadrado na cidade existente.

UM CRESCIMENTO FORA DO PLANO

A enorme falta de habitação na sequência da chegada da burguesia do norte provoca um aumento de construção intenso. Entre 1871 e 1873 os proprietários de terrenos da área de *Prati di Castello*²⁰ apresentam uma proposta de planeamento em torno da recente *Piazza Cavour*. Para valorizar a zona, o consórcio financiará, em 1878, a construção de uma ponte ligando esta zona da cidade ao centro.²¹

A esta fase denomina-se piemontização de Roma. Abrem-se vias amplas e rectas que permitem rapidez de deslocação na cidade em expansão. Acto contínuo, no centro histórico, procede-se à primeira fase de esvaziamento do edificado existente. Surge, por exemplo, o eixo da *via Nazionale* – *via IV novembre* - *corso Vittorio Emanuele II* - completado em 1911 com a inauguração da ponte *Vittorio Emanuele II* ligando a Estação Central Termini à área do Vaticano; a *via Cavour*, que liga a Estação Termini à zona dos Fóruns; a *via del Tritone*, do novo coração político e negócios na *piazza Colonna* até à *piazza Barberini*; a *via Arenula*, do largo Argentina até Trastevere; a *via Tomacelli*, do Corso até à ponte Cavour; o *viale del Re*, futuramente *viale Trastevere* a dividir o tecido urbano e social trasteverino.²² Estes eixos são as novas marcas urbanas da cidade e, por vezes, *feridas* praticadas nas pré-existências.

¹⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 84..

¹⁹ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 79.

²⁰ Prados do Castelo, localizam-se a norte Castelo de Sant' Ângelo.

²¹ QUILICI, Vieri; *Roma capitale senza centro*; Officina edizioni, 2007 – Roma, p. 40.

²² ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 82.



- | | |
|-----|--|
| 10a | 10a - Planta perséptica de Roma de Bulla Romolo, em formato bidimensional aplica a tridimensionalidade para os objectos arquitectónicos de destaque. |
| 10b | 10b - Para destacar e servir de orientação através dos monumentos, de facto, esta carta é mais um guia, de entre tantos, da cidade para forasteiros, 1880, onde concilia a cidade antiga com o existente. |
| 11a | 11a - Imagem aérea do fórum onde assistimos à convivência plena entre as ruínas e a cidade, onde o coliseu e o capitólio dialogam plenamente. |
| 11b | 11b - <i>Il Vittoriano</i> , é o único elemento que <i>perturba</i> o <i>skyline</i> natural de Roma, como se não pertencesse à cidade. No entanto é um elemento que pauta no espaço urbano a época em que surgiu. |

É relevante para o nosso estudo, referir um novo elemento urbano integrado na cidade - as *praças-jardim*. Contribuíram para dar à capital um cunho diferente do que lhe era próprio.²³ Os arquitectos piemonteses traçam três praças-jardim em volta das quais se desenvolvem três novas freguesias. À Piazza Vittorio Emanuele II associa-se a freguesia Esquilino (XV); a Piazza dell'Indipendenza à freguesia Castro Pretorio (XVIII) e a piazza Cavour à freguesia Prati di Castello (XXII). *São de inspiração londrina, com mediação parisiense e não pertencentes à tradição urbanística romana, que sempre distinguiu a função cívica ou útil da praça dos lugares de descontração.*²⁴

As represas construídas nas margens do rio foram outra das intervenções que alteraram o rosto de Roma, no âmbito da desastrosa inundação de 1870. O projecto adoptado foi o do engenheiro Canevari entre as propostas apresentadas. A obra, iniciada em 1876, consiste na construção de duas represas (*muraglioni*) ao longo das margens do rio, com 19 metros de altura e que distam entre si 100 metros. Comportavam uma enorme quantidade de água, passível de ser rapidamente conduzida ao mar, sem interferir no quotidiano da cidade mesmo durante as enchentes.²⁵

Ficou concluída em 1900. Ao longo dos muros foram reformuladas as vias *Lungotevere*, arborizadas com plátanos. Hoje são meras vias de escoamento do trânsito local. Controlado, o rio foi excluído da vida urbana, interrompendo-se a sua relação milenar com os romanos. Tal como já tivemos oportunidade de analisar, actualmente tenta-se recuperar essa relação, sem efeitos visíveis. No entanto, a construção dos *muraglioni* e da ponte Cavour destruíram um dos lugares mais pitorescos da cidade – o *porto di Ripetta*, onde hoje se implanta o museu *Ara Pacis*.

No reinado de *Vittorio Emanuele* assiste-se à primeira fase da piemontasização de Roma, e com o seu filho *Umberto I*, é consolidado o cunho monumental que caracteriza essa fase da urbanística, perfeitamente visível nas construções da época, fielmente retratadas nas fachadas, formas e implantações, estas últimas perfeitamente destacadas na cartografia da cidade.

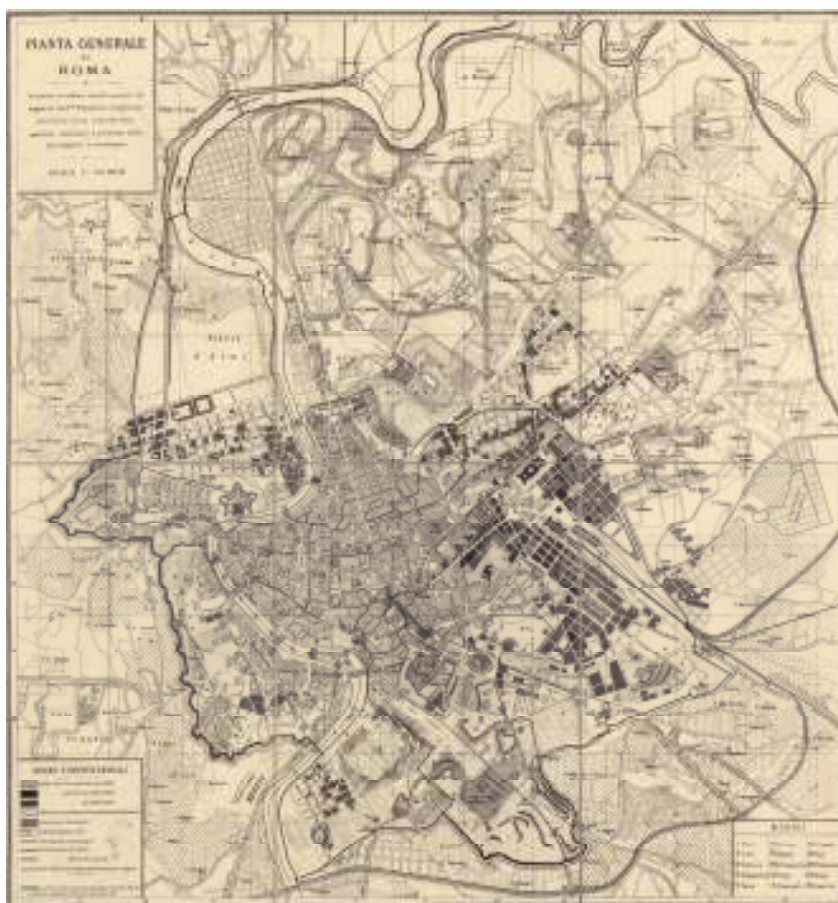
Em 1885, a *Villa Borghese* torna-se propriedade do Estado, que por sua vez o cede à Comuna de Roma. Aberta em 1901 ao público esta propriedade é considerada, para além de um parque, o pulmão de Roma. É um acontecimento oposto ao da *Villa Ludovisi*, uma propriedade não contemplada no Plano, onde se realizou a mais vasta obra de loteamento da época, a tal ponto, que deu origem a uma nova freguesia – *Ludovisi* – interligada com o centro pela *via Barberini*.

A transformação da Villa numa área de casario foi facilitada pela construção da via Veneto que prolongou a via Tritone até à Villa Borghese. A mais bela via da época umbertina era

²³ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 83.

²⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 84.

²⁵ *Idem*, p. 85.



	a
	b
12	c
13	14
15	

12 - Planta geral de Roma segundo as últimas alterações incitadas pelo Plano Regulador, editado pelo Instituto Cartográfico, 1889. Através da planta podemos analisar as três praças-jardins criadas, (a) praça Cavour, (b) praça Vittorio Emanuele II e a (c) praça dell'Indipendenza, ao lado da recente estação central Termini.

13 - Porto de Ripetta, uma das entradas da cidade.

14 - Retrato da nova face da cidade, a construção dos *muraglioni* permitiu canalizar o rio, mas inconscientemente a cidade virou costas ao rio, e tapou-o com os plátanos.

15 - *San Girolamo dei Croati* era a igreja que conjuntamente com o porto di Ripetta criava o recinto arquitectónico de recepção por rio. As necessidades da nova sociedade impuseram a construção de uma nova ponte que quebrou esse conjunto. Hoje a igreja *sente-se* deslocada.

considerada o Bois de Boulogne²⁶ de Roma, ligando o centro à villa borghese. Aumentou os lucros do príncipe Ludovisi, proprietário dessas herdades, sustentou a especulação e estrangulou o centro sempre cercado e sufocado.²⁷

Os anos de 1883 a 1888 foram de febre construtiva associada à contínua vinda dos funcionários dos serviços públicos. Ao aumento de construção associemos os operários e comerciantes externos à cidade, que por sua vez, também necessitavam de habitação. A cidade não tinha condições de recepção para a tão elevada procura. Fosse pela urgência ou por interesses económicos, no plano de 1883 não houve uma relação directa com a topografia nem quaisquer intenções nesse sentido quando foram criadas zonas residenciais. Também se incluiu o loteamento e construção nas pendentes do Célio, de Gianicolo e do Aventino.

Muitos problemas de habitação ainda hoje presentes, segundo *Insolera*, resultam da vontade de fazer uma cidade moderna através de sistemas e métodos feudais.²⁸ No reinado seguinte surgirão novos princípios de intervenção mais focados nas zonas periféricas da cidade como *San Lorenzo fuori della mura* ou *Santa Croce in Gerusalemme*, onde se integrarão bairros populares para ferroviários, proletários ou varredores, em cooperativas.²⁹

Nesta altura o casario da cidade central assenta, fundamentalmente, em dois tipos de habitação:

- as *ville* senhoriais de 2 pisos, rodeadas por um pequeno jardim;
- palácios adaptados, de 4/5 pisos, com o térreo destinado a comércio.

Neste tempo o mito da velocidade levou à construção de um túnel para vencer o Quirinale. Inaugurado em 1902, o túnel liga as vias *del Tritone* e *Nazionale* formando o eixo rectilíneo que parte da *Piazza del Popolo*, prossegue pela vias *Babuino*, *Pue Macelli*, o próprio túnel, a *via Milano*, até à *Panisperna*, a um passo da Basílica de Santa Maria Maior.³⁰

Em 1911, por ocasião do 50º aniversário da unificação de Itália, inaugurou-se o monumento a Vittorio Emanuele II o *altar da Pátria*, projectado pelo arquitecto Giuseppe Sacconi. Para a sua construção foi necessário o esventramento de parte da colina Capitolina e sentiu-se portanto uma mudança radical do acesso à *piazza Venezia*, símbolo do primeiro Renascimento.³¹

Com a chegada da litografia, perto do fim do século XIX, o uso da cor foi incluído na cartografia, tal como já pudemos aferir na planta anterior. Deste modo, tirou-se partido das novas possibilidades técnicas para distinguir as zonas urbanas sujeitas a demolição para ampliação, tanto propriedades públicas como privadas. A crescente aplicação da cor

²⁶ Bosque de Bolonha, um dos parques mais emblemáticos de Paris, e um dos seus *pulmões verdes* principais.

²⁷ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 87.

²⁸ *Idem*, p. 88.

²⁹ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 79.

³⁰ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 90.



16a	
	17
16b	18

16a - Para além dos mapas guia e dos planos urbanos, o estudo arqueológico foi incentivado nesta etapa. Com o mesmo rigor geométrico habitual.

16b - Planta de Roma Antiga de Rodolfo, 1893-1901, retrata essa ciência conciliando o existente com as ruínas reconstruídas através do desenho. Foram cartas como esta que também elucidaram sobre a génese da cidade, em estudo nos próximos capítulos.

17 - Luigi Rossini criou uma planta topográfica de Roma, onde representava em simultâneo fragmentos de edifícios imperiais inseridos no terreno, 1829. Conseguimos analisar de imediato a relação/interacção entre a malha urbana e o terreno.

18 - Roma antiga editada por Alfredo von Reumont, histórico e diplomata alemão, 1867. Mais um estrangeiro atento à cultura arquitectónica romana que tanto influenciou a cultura ocidental.

associada a diferentes tramas, produziu um sistema de comunicação restrita aos entendidos capazes de tirar partido desta nova versão de plantas.³² Tal como viria a acontecer com o Plano Regulador de 1962, foi sintomática a separação gradual, durante o século XX, entre as plantas destinadas ao grande público e as outras, para uso laboral ou de estudo.

Aos primeiros planos associa-se um carácter muito específico e detalhado no traçado de novas vias mas não contemplavam normas específicas quanto às tipologias dos edifícios. Nos planos sucessivos, por exemplo em 1908, a tipologia e a densidade de construção é especificada, com o inevitável resultado da diferenciação das zonas residenciais para elites e classes populares.

Outra diferença entre os primeiros Planos e os mais recentes consiste no facto de os primeiros utilizarem o pré-existente sistema viário como referência para as novas áreas planificadas enquanto os mais recentes somente usavam as vias já existentes como linha de configuração de limites para os novos quarteirões desenhados segundo um sistema interno autónomo.³² Podemos comparar o Plano de 1883 na zona de Esquilino, que parte do sistema viário criado por Sisto V, e o Plano de 1908 que utiliza a via Flaminia como directriz e limite.

O sacrifício da vizinhança à avenida de tráfego – herança do período barroco – perdurou ininterruptamente durante o século XIX. As vias circulares, propostas para Londres em 1666, para os planos de Paris do século XVIII e depois popularizadas em todo o mundo, reforçam a característica crescente da rua como um espaço de passagem e o decréscimo de sua importância como espaço para se estar ou habitar. Na cidade moderna do século XX a inexorabilidade do destino da rua é confirmada quando as vias circulares são substituídas pelas passagens em nível.

Na cidade tradicional, rua e edifício são entidades inseparáveis. A arquitectura conforma a rua, a forma da arquitectura é a forma da cidade. Na cidade oitocentista, o traçado viário se estabelece como um sistema autónomo, como uma instalação prévia à produção dos edifícios.

Na cidade do Movimento Moderno, essas duas entidades, o traçado e a rua se desmaterializam. O traçado se transfigura numa forma geométrica abstracta – formada por vias projectadas sobre o plano horizontal, sem qualquer possibilidade de percepção na terceira dimensão.³³ São esses novos conceitos que permeiam os variados tipos de intervenção na cidade existente do século XX e Roma é a cidade onde podemos conviver com os dois tipos de urbanismo. De facto formou-se uma cidade moderna em paralelo com a tradicional, onde cada uma possui as suas características e acabam por se complementar.

Os paradigmas mudam. Como é que a cartografia acompanha esse processo?

³¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, pg 91.

³² FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma.

³³ GONSALES, Célia Helena Castro; *Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão* – publicado em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473>.

5 ROMA BARROCA



Como num cenário, a memória e a imaginação interagem num jogo extraordinário.
Espérazza Rolf TOMAN¹

*Quando a cúpula atingiu e até ultrapassou a altura imaginada pelo mestre Michelangelo Buonarroti (1475-1568), dobrando a altura própria da colina, San Pietro in Vaticano passou a ser, definitivamente, o referente simbólico não só da cidade de Roma, como de toda a cristandade católica.*²

Roma atingiu um compromisso perante a época que vivia, totalmente perceptível pelas intervenções urbanísticas realizadas. Contudo, é interessante frisar que os projectos concebidos se destinavam a enaltecer o poder de Roma como sede da Fé Católica e nunca, ou raramente, para satisfazer as necessidades da população, como se verificará posteriormente no estudo da era Imperial.

Iniciamos, portanto, uma pequena incursão pela Roma teatral cujo *barroco romano nasce para celebrar a plena afirmação do catolicismo contra-reformista, apoiado pelo poder das famílias nobres.*³

Para seduzir os peregrinos ou por glória pessoal, Sisto V (1585 – 1590) iniciou a maior intervenção urbanística realizada na cidade Eterna até então. Desenvolvida a partir dos princípios da *renovatio Romae*⁴ implementados por Júlio II (1443 - 1513), *face à pegada pagã que o Renascimento deixou em primeiro plano, Sisto V prefere definir uma diferente forma urbana – o esquema estrelar*⁵, mantendo o cânone renascentista de rectilinearidade.

*Ao ligar as velhas basílicas de São João de Latrão e Santa Maria Maior, o papa Gregório XIII (1572 – 1585) toma como modelo a Via Pia, e ao publicar Quae publice utilia (1574), cria as bases jurídicas que, ao longo dos dois séculos seguintes, servirão de base à configuração progressiva da Roma barroca. A partir de então, passa a ser mais fácil abrir novas ruas e congregar as condições para a urbanização das zonas não edificadas e o alargamento do centro urbano medieval.*⁶ É a partir deste movimento, que Sisto V prepara o plano urbanístico para uma grande parte da cidade impondo, até aos dias actuais, a estrutura viária como a conhecemos.

¹ TOMAN, Espérazza Rolf; *O Barroco*; Könemann, 2004 – Königswinter – p. 36.

² TAVARES, Domingos; *Francesco Borromini – dinâmicas da Arquitectura*; Dafne Editora, 2004 – Porto, p. 15.

³ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d’; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 67.

⁴ Plano de renovações e reestruturações para a cidade de Roma.

⁵ RAVAGLIOLI, A.; *Vedere e capire Roma*; Edizione Roma Centro Storico, 1980 – Roma, p. 32.

⁶ TOMAN, Espérazza Rolf; *O Barroco*; Könemann, 2004 – Königswinter, p. 76.

Partindo das intervenções pontuais dos antecessores e com a colaboração do influente arquitecto Domenico Fontana, Sisto V pretende expandir a cidade até aos limites físicos das muralhas aurelianas do oriente. A pretexto e usando sobretudo os elementos religiosos lá existentes, interliga-os sob a referida estrutura estrelar.

Com o mesmo espírito empreendedor e consciente da pouca duração do seu papado, Sisto V manda pintar no tecto de uma das salas do seu palácio um fresco a representar o seu plano urbanístico, immortalizando assim, a *imagem da cidade* que pretendia.

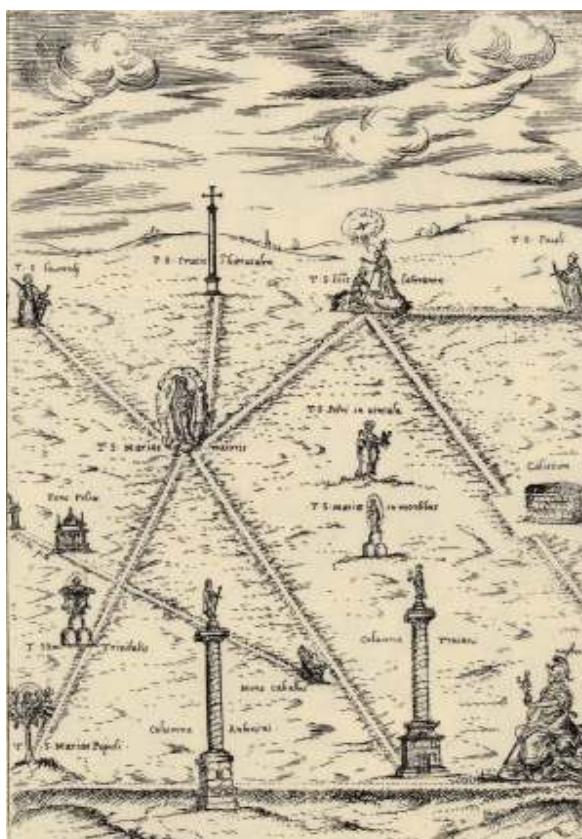
A partir deste fresco reflectimos sobre o estudo de Kevin Lynch, elaborado quase quatro séculos depois, na sua obra *A Imagem da Cidade* editada em 1960. Através dos cinco elementos caracterizadores que Lynch refere como essenciais ao reconhecimento das partes da cidade (as vias, os limites, os bairros, os nós e os marcos) - composta sobre os três conceitos definidores da criação urbanística (a estrutura, o significado e a identidade) – o urbanista simula num suporte físico a imagem mental, onde facilmente conseguimos idealizar a nova cidade, sob o ponto de vista do método lynchniano. Apesar do desfasamento de épocas, a verdade mantém-se.

Somente com a zona oriental representada, este fresco centraliza a Basílica Santa Maria Maior, como epicentro das novas vias que hão-de reestruturar a cidade e uni-la aos edifícios religiosos e às portas da muralha. O carácter simbólico patente nesta obra, o significado que justifica e compõe as novas áreas, é o cerne da acção empreendedora, como descreveu Rolf Toman:

*A via Felice que parte da ábside da basílica de Santa Maria Maior, prova com que rigor se transportou para a prática o conceito da ligação óptica e da orientação. Se estivesse apenas em causa uma ligação, ter-se-ia optado por um traçado mais simples que evitasse a colina. Porém, o verdadeiro objectivo era a orientação simbólica e a disposição da cidade. Assim sendo, chegou-se a pensar levar a via Felice até à Piazza del Popolo, passando em diagonal pela praça situada em frente da igreja da Trinità dei Monti fazendo-a seguir até ao monte Pincio, não obstante as muitas edificações existentes ao longo da via Babuino.*⁷

Focando na questão simbólica da cidade, sob uma matriz geométrica e estática, o cruzamento das vias *Pia* e *Felice* faziam o desenho exacto da cruz latina, numa área em que se encontravam alguns monumentos pagãos da época do império romano. A eloquência do caso da *Via Felice* não termina aí. Na verdade, também desembocava num entroncamento de

⁷ TOMAN, Espérazza Rolf; *O Barroco*; Könnemann, 2004 – Königswinter – p. 78.



1	1 - Vista de parcial de Roma com o Plano Urbanístico de Sisto V aplicado num fresco no Salão Sistino da Biblioteca Apostólica do Vaticano, 1588-90.	
2	3	2 - Representação esquemática do plano viário idealizado por Sisto V, editado por Giovanni Francesco Bordino, 1588.
		3 - Retrato de Sisto V, rodeado das vistas de obras idealizadas e construídas pelo mesmo, 1589, editado por Giovanni Pinadelli.

estradas que, propositadamente, formavam o desenho da já referida estrela de cinco pontas, símbolo que evocava a madona, o papa, Cristo e a Roma santa.⁸ De facto, cada edifício construído por ordem do papa, cada modificação no desenho da cidade, deveria obedecer à simbologia elaboradíssima de fundo cristão, mas por vezes, influenciada pelo culto pagão.

Sisto V esquece as ligações quase casuais dos arruamentos. Introduz um outro sistema de vias, partindo das sete basílicas paleocristãs que se erguem solitárias e distantes entre si, com intenção de criar um percurso entre elas, também em função das procissões no contexto da peregrinação. Além das seis vias criadas, projectos de reordenamento de outras são retomados, dotando-as de maiores proporções, à imagem da via Pia.⁹ De facto, o verdadeiro planeamento é deixado aos seus sucessores.

Pela rápida concretização do plano de Sisto V, os cartógrafos sentiram necessidade de actualizar as suas reproduções. Por exemplo, na primeira tentativa de Ambrogio Brambilla, destacam-se os obeliscos implantados nas praças criadas por Sisto V e o traçado das novas vias planeadas, embora com uma certa falta de rigor como se confirma se atentarmos na orientação da praça Capitólio um pouco desviada relativamente à praça de S. Pedro.

Com Domenico Fontana, Sisto V dotou Roma de uma estrutura viária orientada para o futuro, pontuada por elementos-chave, método constante na evolução urbana de Roma. Note-se que, perante a necessidade de novas áreas urbanas, primeiramente são seleccionados elementos arquitectónicos que fixam o novo centro a partir do qual se podem gerar essas referidas áreas, interligadas com a restante cidade. Visualizamos, nesta fase a localização das igrejas e posteriores desenvolvimentos em seu redor; ou, na Idade Média a vida urbana que se desenvolvia em redor dos mercados; e actualmente, na proximidade do Parco della Musica e do MAXXI, um auditório musical e um museu da cidade, foram implantados com o intuito de atrair uma actividade urbana para uma específica zona da cidade, como já tivemos oportunidade de aferir.

Também de carácter simbólico, mas não menos importante, foi introduzido um novo elemento no planeamento da cidade barroca – o conceito de perspectiva viária – materializado pelo obelisco.¹⁰ O obelisco é o ponto de articulação entre direcções distintas das ruas que cria o efeito visual dos eixos, plenamente destacados na gravura 5 assim como

⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 71.

⁹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 65.

¹⁰ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 56.



4a	4b	4 - Roma Antiga por Ambrogio Bramilla, 1582-99. 4b - Um pouco através da criatividade, Brambilla desenhou os edifícios relevantes da era imperial, sem no entanto estruturar uma malha credível.
5a	5b	5a - Vista de Roma a partir da colina de Gianicolo. Ambrogio Brambilla apresenta a cidade em projecção oblíqua, com os alçados dos edifícios desenhados, 1590. É interessante o confronto entre as duas vistas de Roma, realizadas pelo mesmo autor, por nos permitir a comparação evolutiva imediata. Se na primeira vista visualizamos a cidade compacta limitada pelas muralhas, embora aparentemente caótica (mesmo não sendo), na segunda imagem nota-se o cuidado em distinguir os eixos viários importantes, método urbano que se implementava entre os profissionais. 5b - Um dos indícios que nos permitem situar esta representação no tempo, é a falta do lanternim na cúpula da basílica de S. Pedro. Particularidades que nos revelam características do tempo.

duas colunas, a de Trajano e a coluna Antonina.

Em suma, enquanto o Renascimento optara pela contraposição estática das fachadas dos palácios e das igrejas, por um lado, e pelos eixos visuais e de movimentos perpendiculares às mesmas, por outro, o obelisco cria uma geometria flexível e uma perspectiva dinâmica¹¹ que tão bem caracteriza os objectivos sempre presentes dos autores desta obra colectiva.

Na figura 6 está representada a vista de Roma a partir de uma janela. É interessante destacar o facto das igrejas e os elementos orientadores, assumirem uma proporção superior relativamente à cidade. O mesmo acontece outros monumentos de carácter civil, como o imponente Coliseu ou o centro político do Capitólio.

Cidade de Deus ou dos Homens? Era nítida a pretensão de recriar a capital dum império, sob outro poder – o religioso. O principal arquitecto, Domenico Fontana, valorizava a *vista de longe*, dando muita importância à relação entre o espaço urbano e a construção que deveria integrá-la. Essa combinação, apoiava-se numa série de alegorias, cujo objectivo era superar o intelectualismo e a fria significação da arquitectura anterior.¹² Com essa organização religiosa do espaço e com a multiplicação dos edifícios religiosos, Roma seria santificada e todos os que nela estivessem, seriam peregrinos.

No entanto, os responsáveis por essas intervenções integram harmoniosamente a herança imperial constituída pelos monumentos colossais e pela estrutura viária pré-existente por um lado e a cidade densamente povoada da época medieval por outro, sendo, novamente, a igreja um dos principais agentes que actuaram nesse sentido, segundo Piranesi¹³. Às novas linhas viárias podemos associar uma fase de expansão futura, conservando até hoje o seu centro. Ao longo das novas vias serão paulatinamente construídos palácios e edifícios comerciais, actualmente reconhecidas pelo estilo nas fachadas, pelo tipo de via, etc.

Ainda que seja uma cidade em mutação, a planta que, em modo sistemático, representa todas as mudanças operadas sob ordem do Papa Sisto V, é a perspectiva panorâmica que o pintor Antonio Tempesta desenhou a partir do topo da colina de Gianicolo. Orientada a nascente, como Bufalini desenhara no Renascimento, a orografia, a rede estradal, os quarteirões compostos de casario e bastantes monumentos antigos e modernos foram desenhados com um rigoroso e profundo sentido artístico.¹⁴ Essa gravura, repetidamente publicada, com ou sem actualizações, por vezes em menores dimensões, influenciou grande parte da cartografia do século XVII.

Este modo de representação, que poderemos considerar uma projecção vertical vista em escorço, de modo a *não representar somente o contorno dos telhados*¹⁵, do ponto de vista de

¹¹ FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma.

¹² ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 67.

¹³ SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; *La Utopia Antigua de Piranesi*; Universidad de Murcia, 1996.

¹⁴ FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma, p. 192.

¹⁵ *Idem*, p. 193.



6		
7		
8a	8b	8c

6 - Representação panorâmica de Roma com as melhorias propostas por Sisto V, 1589. Representada de um modo muito esquemático, serve de gravura a um livro que aborda a obra arquitectónica do papa e elucida muito eficazmente sobre o tema em questão.

7 - Roma representada por Antonio Tempesta em projecção oblíqua, apresenta com a maior fidelidade possível a cidade do tempo, 1593, numa planta reduzida da original.

8a - Numa representação parcial do Campo Marzio, no contexto da carta geral de 12 painéis, esta imagem revela-nos o porto de Ripetta e a praça de Espanha originais. De um rigor exímio, Tempesta retrata tanto a estrutura viária como as fachadas dos quarteirões com o mesmo cuidado dos monumentos.

8b - Como é tradição, convivia-se plenamente entre os monumentos e algumas ruínas.

8c - Tempesta conseguiu simular em simultâneo a topografia acidentada de Trastevere, que nos revela que a malha foi criada por vezes de forma a contornar o relevo.

Ehrle não possui muita utilidade. Visto que em grande parte das gravuras é adoptado esse tipo de projecção, aquilo a que chamaríamos axonometria, a sua observação foi pertinente *uma vez que quebra o equívoco que poderia gerar na terminologia moderna, que por necessidade escolhemos na nossa descrição.*¹⁶

Do grupo de cartógrafos que se destacaram nas primeiras décadas do século XVII, Tempesta, Maggi, van Schayck, du Pérac-Lafréry e Matteo Greuter, o último impera. Autor da planta reproduzida na imagem 12 destaca-se pela composição quadrática em vez de oblonga, fiel à forma real; pela projecção vertical e representação do alçado dos edifícios, inspirado na obra de *Mario Cartaro, composta pela reconstituição de Roma Imperial.*¹⁷

De carácter mais informativo, Greuter complementa a planta com gravuras de elementos arquitectónicos relevantes da cidade religiosa, e também dos referidos obeliscos. É uma forma mais complexa de representar a cidade, sobretudo para aqueles que vêm de fora. Além disso, tentou integrar na sua obra os melhoramentos efectuados pelo Papa Paulo V (1605-1621), *oferecer aos olhos do mundo uma nova e moderna Roma, praticamente renascida sob o poder do afortunado papa.*¹⁸

Se continuarmos a obra colectiva da urbanização de Roma, pode-se referir Paulo V, que acentuou a tendência para ocupar com parques e palacetes o amplo espaço existente entre o núcleo urbano e a muralha aureliana, anteriormente dedicado à agricultura.

Ao longo dos papados que se sucederam, várias intervenções ocorreram, umas com maior importância e outras nem tanto. Contudo, importa referir que, por iniciativa de Urbano VIII Barberini (1623-1644), foi construído um novo anel de muralhas em volta da cidade, com o intuito de se ajustar às exigências defensivas dos novos tempos, reduzindo o diâmetro da muralha aureliana. No entanto, ficaram-se pela união do Gianicolo com o Vaticano, perdendo -se o interesse pelas restantes.

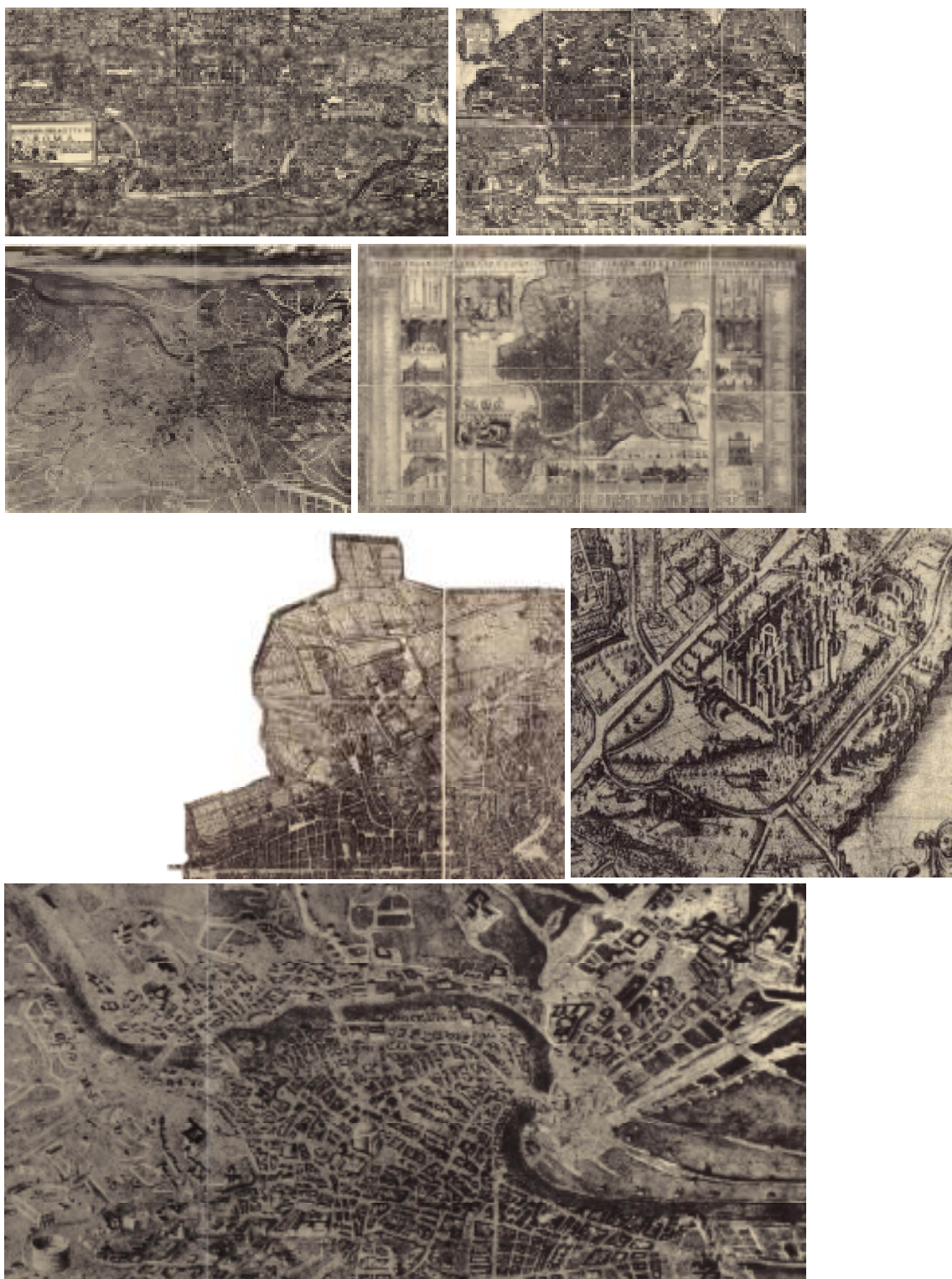
Além desta iniciativa, Urbano VIII reforçou o objectivo de ligar mais igrejas paleocristãs restauradas, integrando-as num contexto mais amplo e ampliou a Piazza do Quirinal para acolher maior número de peregrinos que procuravam a bênção papal. O seu sucessor, Inocêncio X (1644-1655), centrou-se na *via Papalis*, o percurso áureo das procissões. Foi ordenada a conclusão do projecto de Miguel Ângelo para o Capitólio (na construção do terceiro palácio capitolino), a renovação da basílica de São João de Latrão entre outras obras. Ora se na basílica de São Pedro o projecto servia *ad maiorem Dei Gloriam*, na reformulação da piazza Navona presidia a glória pessoal.

A piazza Navona tal como a conhecemos actualmente, resulta da intenção de torná-la uma espécie de antecâmara da residência pessoal do Papa, ao lado da igreja Santa Inês da

¹⁶ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma.

¹⁷ *Idem*, p. 59.

¹⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquini d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 65.



9	10
11a	12a
12b	12c
11b	

9 - Carta panorâmica de Roma, por Giovanni Maggi, inspirado na realidade tudo é desenhado meticulosamente, 1625.

10 - Roma representada por Goffredo van Schayck, foi inspirado por Tempesta, 1630.

11a - A partir da carta de Du Pérac-Lafréry, Felice Calvi criou um fresco na *loggia* do Palácio Doria-Spinola em Génova que podemos considerar mais uma carta de Roma, 1577.

11b - Roma é apresentada com outra técnica, onde se destaca o casario e o Vaticano em escala maior.

12a - Planta de *Roma Moderna com estradas, locais e edificios localizados*, por Matto Greuter, 1618.

12b - A estrutura viária recém criada é o tema permanente, que rasga o território rural.

12c - O pormenor a que eram submetidos estas representações, são evidentes se atentarmos nos edificios como as ruínas das termas de Caracalla.

Agonia. Apesar do lote pequeno estreito e pequeno disponível, Borromini¹⁹ através de formas redundantes e dramáticas, incutiu-lhe as características monumentais de um dos melhores cenários barrocos incutidos a um espaço público de Roma.

À figura de Alexandre VII Chigi (1655-1667) estão associadas obras pontuais mas relevantes, tais como a remodelação da Porta *del Poppolo*, o alargamento da *Via del Corso*, a abertura da *via del Plebiscito*²⁰, mas sobretudo a alteração da forma da Praça de São Pedro.²¹ Encarando-a como o contraponto da cúpula da basílica e com uma relação evidente com a cidade, Bernini²² quis corresponder à praça a forma do gesto universal associado à bênção papal da Páscoa - *urbi et orbi*. É na praça que começa a Via Papalis e é em função da mesma que a praça tem de se articular.

Nesta época, numa fase de bonança construtiva outro tipo de interesses são respeitados. Um dos papas, Benedicto XIV Lambertini (1740-1758), pelo seu interesse pela arqueologia, confiou a Piranesi²³ o estudo dos fragmentos de mármore conservados na *Forma Urbis*, que estudaremos de seguida, e encarregou Nolli²⁴ de gravar a forma da cidade actualizada.

Pertencente a um círculo social de eruditos, sob o papado de Clemente XII, Nolli é incumbido por *Diego de Revillas* de criar uma nova planta de Roma através das novas técnicas de levantamento. De ponta a ponta, Roma é medida como não o fora desde Bufalini.

Era necessário renovar a cartografia de Roma, para oficializar e registar as construções feitas na cidade. Editadas em 1748, estas plantas caracterizavam-se pelo particular rigor no desenho; pela pontual e minuciosa representação planimétrica de todos os edifícios; pela exaustiva configuração dos espaços urbanos; pelo desenho detalhado dos jardins e vinhas, passíveis de distinguir as diversas culturas na planta maior; pela definição sobre uma base científica dos monumentos antigos; porque resulta sobretudo numa imagem racional e fiel ao centro urbano.²⁵

Na sequência da mesma encomenda, Nolli usou a representação planimétrica (planta), como

¹⁹ Francesco Borromini (1599 - 1667) foi um obcecado militante da nova religiosidade católica da contra-reforma. A sua proposta representa a sua particular competência para dispor, com imaginação, da liberdade individual conquistada na luta ideológica travada no lugar da sua actividade profissional, ganhando o direito de expressar uma leitura própria do fenómeno social desse tempo e de desse lugar através da arte da arquitectura; TAVARES, Domingos; *Francesco Borromini – dinâmicas da Arquitectura*, p. 9.

²⁰ Era intenção criar uma ligação directa da *Via del Corso* com a *Via Papalis*, através da *Piazza Venezia*.

²¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 67.

²² A dimensão ingente de São Pedro tornou a decoração interior uma tarefa singularmente difícil - como se poderia conciliar a sua gélida vastidão com a escala humana e imbui-la de algum calor emocional? Parte da solução deve-se em grande parte a Gianlorenzo Bernini (1598-1680), o maior arquitecto-escultor do século, tal como demonstrou na sua obra; JANSON, H. W.; *História da Arte*; Fundação Calouste Gulbenkian, p. 504.

²³ Giovanni Battista Piranesi (1720 - 1778), oriundo dos arredores de Veneza e com formação académica em arquitectura, viveu numa época de grandes debates e inovações, sobretudo a nível artístico. Com esse mesmo espírito partiu para Roma na comitiva de *M. Foscarini*, o embaixador veneziano à corte do novo Papa, Benedicto XIV. Diz-se que *Piranesi* pretendia unir as reflexões sobre arquitectura com os novos descobrimentos que a arqueologia revelava; SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; *La Utopia Antigua de Piranesi*.

²⁴ Giovanni Battista Nolli (1701 – 1756) foi arquitecto e um dos tipógrafos mais inovadores, uma notável influência da iconografia posterior.

²⁵ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 62.



	13a	
14		13b
15		

13a - Planta de Roma por Giovanni Battista Nolli, 1736-44. Naturalmente esta carta era objecto de estudo, onde Nolli registava o levantamento efectuado a toda a cidade.

13b - Os monumentos antigos, as suas ruínas, as igrejas, os edifícios, as áreas públicas e privadas são numeradas para registo posterior num volume descritivo da planta. Este detalhe da original mostra o modo como Nolli encarava os espaços internos mas públicos, uma espécie de espaço contínuo com a diferença de ser coberto por um tecto ou pelo céu.

14 - Sobre a planta de Roma de Nolli, foi criado o itinerário da *via Papalis*.

15 - Planta de Roma em pequeno formato por Giovanni Battista Nolli, 1748.

meio de excelência, para registar todas as medições efectuadas e representar as 14 freguesias (*rioni*) da cidade. Orientadas a norte magnético²⁶, como indicado nas rosas-do-vento, foi portanto, Nolli que definiu definitivamente e pela primeira vez a orientação das plantas. Com a técnica de gravura em cobre, Nolli concilia a sua planta de um rigor científico imaculado, às tradicionais representações de *pedaços* de Roma, utilizadas como painel de fundo.

Atente-se no seu cuidado e na forma como distingue os locais privados e públicos da cidade. Através de um corte horizontal por toda a cidade, Nolli representou também os espaços internos abertos ao público no piso térreo. Bem distinguidos, os espaços internos são uma continuidade dos espaços públicos, abertos ao povo sem qualquer restrição, à imagem da intenção do Papa em *abraçar os peregrinos*, de os receber condignamente na cidade que também era deles, mote para o desenho da praça de São Pedro.

No pano de fundo das gravuras, por trás das plantas, detalhadamente recortadas pela linha amuralhada, são representadas imagens dos espaços principais de Roma, embora numa composição diferente da usual. Como se, na verdade, os monumentos estivessem todos num mesmo espaço, que resulta numa simbiose de gravuras. No entanto os temas escolhidos são bem diversos para as diferentes plantas, de escalas e interesses também distintos.

Sendo uma encomenda de um professor das Matemáticas, Revillas, faz sentido associar este trabalho à sociedade civil e científica romana.²⁷ Certamente foi com esta lógica que o autor optou pela praça Capitólio, redesenhada pelo renascentista Miguel Ângelo e as ruínas do espólio arquitectónico do Império, habitados por figuras pagãs a representar a ciência, a arqueologia e de certo modo a original sociedade romana. Tudo isto na planta maior, não obstante dedicada ao Papa Bento XIV.

Nas planta menores, os objectivos eram claramente diferentes. Era tradição, como hoje, comprarem-se as gravuras de Roma para orientação na cidade, sobretudo os peregrinos, sendo uma grande fonte de rendimento de Roma e do Vaticano. Por essa razão, é lógica a representação das igrejas principais, a Basílica de São Pedro do Vaticano, Sede da Santíssima Fé, e a renovada Basílica Santa Maria Maior, considerada o ponto de encontro de todos os caminhos de Roma, o centro da nova área urbana.

Esta planta menor tem a particularidade de ter sido gravada e ornamentada por Piranesi, aquele que poderemos considerar um arqueólogo também.

Apesar do rigor e do valor gráfico dos desenhos, as plantas não obtiveram o sucesso

²⁶ A direcção para a qual a agulha de uma bússola aponta é conhecida como norte magnético, no entanto, esta não é exactamente a direcção do Pólo Norte magnético. A bússola alinha-se segundo o campo geomagnético local, que varia de modo complexo em função do local à superfície da Terra, bem como do tempo. A diferença angular entre o norte magnético e o norte verdadeiro (definido em referência ao pólo geográfico norte, de um particular ponto na Terra) é chamado de declinação magnética. A maior parte dos sistemas de coordenadas são baseados no norte verdadeiro (então norte cartográfico após a escolha de uma projecção cartográfica) e isso é habitualmente mostrado nas legendas dos mapas indicando o valor da declinação magnética. Nolli foi o primeiro a impor esta vontade. FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma, p. 231.

²⁷ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 62.



16a	16a - Planta de Roma por Giovanni Battista Nolli, composta por 12 painéis, 1748. 16b - Aproximação da referida planta à zona de Campo Marzio, onde se comprova um <i>jogo</i> de cheio vazio na trama criada por Nolli, que por sinal reflecte a ligação entre privado e público, relação essencial à vivência urbana romana.
16b	16c - Detalhe da zona do Capitólio e arredores.
16d	16d - Detalhe da basílica de S. Pedro, mesmo que encarada como espaço público é nítida a diferença entre exterior e interior pelo tratamento das paredes que o limitam.

pretendido no mercado romano. Segundo a crítica do livreiro da época, Moretti di Londra as estampas de Nolli estavam excessivamente preenchidas pela planta, e consequentemente, parco das perspectivas ou vistas das igrejas, palácios ou fontes.²⁸

As ruínas eram, nesta altura, objecto de atenção dos pintores e gravadores, mas encaradas como elementos secundários. No entanto, face às últimas composições de M. Ricci, as ruínas perderam a preeminência nas composições, convertidas em elementos paisagísticos. Um autor romano, G.P. Pannini, desenvolve um tipo de vista em que conjuga na mesma composição diversos monumentos e com este artifício se apreciavam e analisavam os valores arquitectónicos das construções.

O interesse pelas ruínas é um dos rasgos característicos da obra piranesiana e nela existe sempre um tema arquitectónico. Aliado a esta componente Piranesi possui uma técnica pessoal, extremamente influenciada pela época em que viveu e sobretudo pela próxima relação que possuía com o reconhecido gravador de Roma, G. Vasi.²⁹

Presente nos trabalhos realizados nas suas oficinas, o arquitecto veneziano pôde conhecer o trabalho do seu mestre, apoiado nas obras de Bernini e Borromini, de carácter cenográfico aplicado num campo de experimentações contínuas, caracterizado pela monumentalidade. À grandiosidade das arquitecturas, se unem *muitas ideias para um espaço imaginário, relacionado com o sublime*, escreveu Sánchez.³⁰

Progressivamente o seu interesse pela Antiguidade cresce, levando a curiosidade ao extremo através da criação e simulação da cidade, não lhe bastando as ruínas.

Paralelamente às vistas, os *capicci*³¹, também exploram a Antiguidade. Neles aparecem monumentos reais, cuja relação com o passado não é mostrar como são as ruínas. O princípio é outro, *as ruínas são o ponto de partida para a imaginação*³². A posição de Piranesi no que diz respeito à Antiguidade encaminha-se, através de ideias que, apesar da origem em textos ou referências do passado, funcionam como conceitos monolíticos que impregnam a sua ideia da Roma clássica.

Influenciado pelas ideias de Sánchez, concordo que o resultado da sua ideia é uma Roma diferente. Uma Roma *piranesiana*, utópica, de carácter homogéneo. Uma Roma cujas coordenadas temporais não existissem, é uma concepção da República, Império e origens sem nenhum vínculo diferenciador dessas etapas construtivas. *As fantasias arquitectónicas mostram um passado experimental, uma Antiguidade contemporânea*.³³

Apesar das diferenças de tratamento e dos campos que se confrontam existe um ponto em comum na política de Piranesi: a liberdade do artista para operar com as formas. Domina

²⁸ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 271.

²⁹ SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; *La Utopía Antigua de Piranesi*; Universidad de Murcia, 1996, p. 45.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Entende-se por *capicci* as gravuras criadas a partir de ruínas, de forma a idealizar o que fora parte do território representado. Certamente de teor pessoal, são suposições criadas sobre uma base do património ainda existente, mesmo que parco.

³² SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; *La Utopía Antigua de Piranesi*; Universidad de Murcia, 1996, p. 48.



17	18
19	

- 17 - Roma Antiga por Giovanni Battista Piranesi, 1756.
 18 - Aquedutos e vias de Roma Antiga por Giovanni Battista Piranesi
 19 - Campo Marzio de Roma Antiga por Giovanni Battista Piranesi.

tanto a geometria das plantas como as combinações decorativas.

*A gravura ocupa um espaço aberto para o debate que a prática de arquitectura não pôde cobrir. Nas suas imagens vêem-se os ecos de uma praxe impossível, de uma utopia que reconhece a sua inviabilidade, embora se negue a não testemunhá-lo.*³⁴

A antiga capital do mundo foi um dos centros importantes onde o debate arquitectónico, estreitamente ligado ao passado clássico, encontra não só um número considerável de monumentos como de sugestões. Com a conclusão da escadaria da *Piazza di Spagna* e a *Fontana di Trevi* e para desalento de Piranesi, novas linhas de pensamento³⁵ se implantam na cidade, a par do fim do barroco.

Pela *Porta Flaminia* ou *porto de Ripetta*, consideradas as principais portas da cidade, entraram milhares de estrangeiros à procura da mítica Roma Imperial e da enorme cúpula da basílica de S. Pedro, naquele que era uma espécie de estaleiro da Europa. Com objectivos diferentes, todos tentaram suplantam aquela que foi a Roma capital do império. Inicialmente utopias, no fim ajustes de realidades, pudemos através da cartografia viajar pela capital papal de outrora não como resultado final, mas através das suas diversas etapas entendemos, ou inferimos algumas intervenções.

A visão global da política arquitectónica papal foi determinante para a configuração barroca da cidade. Não podemos esquecer a estreita relação existente entre o poder autocrático, a planificação e a concretização de obras de grandes dimensões que permitiu a materialização de muitos projectos. *Contudo, os direitos dos cidadãos foram ganhando peso, o que determinou a construção de tribunais, hospitais e habitações destinadas a satisfazer as necessidades da sociedade civil e também, por isso, a presença da Igreja se foi debilitando na cidade, relativamente às mudanças desenvolvidas no restante país.*³⁶

³³ SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; *La Utopia Antigua de Piranesi*; Universidad de Murcia, 1996, p. 48.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ Revivalismos como neocinquecentismo, miguelangismo, barrominismo.

³⁶ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 75.



- | | |
|----|--|
| 20 | 20 - Roma Antiga por Giovanni Battista Piranesi, 1756. Vista panorâmica sobre Campo Marzio, centrada no Panteão. |
| 21 | 21 - O mesmo, abrangente ao teatro <i>di Balbo</i> . |
| 22 | 22 - Orientado para o teatro de Statilio Tauro, Piranesi criou a sua imagem de Roma Antiga, mesmo utópica, ajuda a pensarmos e analisarmos sobre o assunto que iremos abordar. |
| 23 | 23 - Traseiras do Panteão e o obelisco sobre a escultura de Bernini, um ícone da Roma Barroca. |
| 24 | 24 - Mais uma situação de adaptação contemporânea aos vestígios imperiais, no antigo teatro di Balbo. |

5 ROMA RENASCENTISTA



*A cúpula merece ser considerada a primeira obra arquitectónica pós-medieval, se não pelo estilo, pelo menos como realização de engenharia*² escreveu H. Janson a propósito da cúpula da Basílica de Santa Maria *del Fiore* de Florença, de Brunelleschi³. Fascinados pelo despertar desta nova era, Brunelleschi e muitos outros artistas passaram por Roma para estudar a herança dos clássicos, considerada a época mais esclarecida da História.

Desejosos de criar obras de igual ou superior valor artístico, *os arquitectos não passaram a reproduzir os templos pagãos, mas as suas igrejas eram traçadas all'antica*, à maneira dos antigos, *usando um reportório arquitectural baseado no estudo das construções clássicas*,⁴ harmonizando o legado dos antigos com a mensagem Cristã.

Apesar de Roma ser um monumento da cultura clássica, a atmosfera renascentista que já impregnava Florença tardava em aparecer. Essa espera terminou com o fim do exílio papal em Avinhão⁵ e a recuperação da sua autoridade em Roma, sobretudo após o Cisma Papal⁶. Os novos Papas dedicam-se agora à reorganização de Roma.

É neste contexto que os artistas humanistas são chamados, para glorificar o poder papal estabilizado e restaurarem a herança da capital do Império. Artistas como Sangallo, Bramante, Michelangelo e posteriormente, no século XVII, Bernini, Borromini e Rainaldi irão concretizar este projecto numa composição da primeira obra urbanística sistemática.

De novo sede oficial da Igreja, Roma continua a sustentar-se dos benefícios das peregrinações, actividade em contínua ascensão, e da actividade comercial pelo rio Tevere a partir do porto de Ostia. Não atingia o esplendor vigente das cidades portuárias como Florença, Génova ou Veneza que assistiam a um fortíssimo ritmo económico mas foi o suficiente para alcançar estatuto de prestígio na Europa.

*Na prática, assistiu-se ao regresso do modelo administrativo das cidades-estado remanescentes do velho império romano-cristão*⁷, o oposto ao modelo feudal da época medieval. No entanto, esta cidade rege-se pela autoridade papal que é o principal

¹ ZEVI, Bruno; *Saber Ver a Arquitectura*; Martim Fontes, 2002 – São Paulo – p.70

² JANSON, H. W.; *História da Arte*; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998 – Lisboa – p. 409

³ A nova arquitectura ficou a dever a sua existência a um só homem, Filippo Brunelleschi (1377-1446). Esteve em Roma com Donatello, estudou monumentos de arquitectura antiga e parece que foi o primeiro a medi-los com rigor; JANSON, H. W.; *História da Arte*; p. 400

⁴ *Idem*, p. 367

⁵ O Papado de Avinhão diz respeito a um período da história do papado e da Igreja Católica, compreendido entre 1309 e 1377. O papa Clemente V, exilara-se por ordem do rei de França em Avinhão, até que em 1377 a residência do papa foi de novo transferida para Roma por Gregório XI; BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da História Universal*.

⁶ Durante o Grande Cisma de 1378 a 1417, quando a tentativa de mudar o papado para Roma resultou em que os papas fossem eleitos em ambos os locais; BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da História Universal*.

⁷ TAVARES, Domingos; *Leon Baptista Alberti: teoria da Arquitectura*; Dafne Editora, 2003 – Porto – p. 57.

contribuinte da formação da riqueza local, apoiada pelas elites urbanas. Estas mantinham relações de interesse, reflexo de *um relativo isolamento da sociedade romana e da sua dependência de circunstâncias económicas atípicas*.⁸

É evidente que a questão da cidade assume uma posição nuclear na cultura renascentista, a par da arquitectura, plenamente caracterizada por Zevi quando diz *não é o edifício que possui o homem, mas este que, aprendendo a lei simples do espaço, possui o segredo do edifício*.⁹

Com a necessidade de criar uma imagem de força, poder e sabedoria perante o novo mundo do Homem Moderno *de todos os actos de progresso, o mais significativo é o compromisso colectivo de terminar a catedral com uma cúpula à dimensão do prestígio da velha Roma igualando a medida do Panteão, mas elevando-a à categoria de ser a mais alta da cristandade*.¹⁰ Referimo-nos naturalmente à cúpula da Basílica de São Pedro, agora presente na iconografia, na primeira fase em construção e de seguida concluída. Este elemento como outros tantos, são factores que permitem localizar com rigor, a iconografia no tempo.

Ainda confinada pela muralha aureliana do império perdido, Roma possuía um aglomerado habitacional muito reduzido. Era, de facto, uma cidade estranha pela quantidade de áreas vazias a envolver o burgo medieval. Deste pequeno e denso aglomerado destacam-se três focos periféricos, dois deles associados às maiores igrejas e palácios do Papa, São Pedro do Vaticano e São João de Latrão, localizados nos extremos noroeste e sudeste dos limites oficiais da cidade. O terceiro pólo correspondia à colina do Capitólio.

Estas velhas basílicas conservavam a sua tradição, a de São Pedro representativa da coroação incorporada no burgo *Vaticanus* e a de São João como sede catedral da cidade. Ambas eram os extremos da *Via Papalis*, por onde seguiam as procissões nas grandes festividades religiosas. Precisamente no ponto médio da diagonal que atravessava a cidade, correspondente à *Via Papalis*, localizava-se a colina do Capitólio, sede do governo civil da cidade (no palácio dos senadores municipais). Ao lado situava-se o convento franciscano de Santa Maria de Aracoeli cuja escadaria ligava ao burgo denso que se estendia para Norte. É evidente que a Igreja se apoderava e marcava a presença em todo o espaço urbano romano, realçando o seu poder.

Nesta altura Alberti¹¹ é convidado pelo Papa Eugénio IV a integrar o grupo dedicado ao estudo das ruínas romanas. Rigoroso, com método e uma base científica Alberti empreendeu o levantamento da cidade total e interpretou, de seguida, cuidadosamente, a estrutura da Roma Antiga, numa espécie de actividade pré-arqueológica.¹²

⁸ TAVARES, Domingos; Leon Baptista Alberti: *teoria da Arquitectura*; Dafne Editora, 2003 – Porto – p. 58.

⁹ ZEVİ, Bruno; *Saber Ver a Arquitectura*; Martim Fontes, 2002 – São Paulo.

¹⁰ TAVARES, Domingos; Filippo Brunelleschi, *o arquitecto*; Dafne Editora, 2003 – Porto – p. 130.

¹¹ Leon Battista Alberti (1404 - 1472) aparece-nos como o primeiro *uomo universale* do renascimento europeu. Escritor humanista admirador dos clássicos, dedicou-se às ciências e às artes, estudou geometrias e astrologia, foi poeta e ensaísta, desenvolveu estudos matemáticos e ópticos para consolidação dos conhecimentos no seu tempo e interessou-se pela aplicação dos princípios harmónicos e compositivos da música às regras da proporção em arquitectura; TAVARES, Domingos; Leon Baptista Alberti: *teoria da Arquitectura*.

¹² TAVARES, Domingos; Leon Baptista Alberti: *teoria da Arquitectura*; Dafne Editora, 2



1a	1b
2a	2b
3a	3b

- 1a - Pormenor da gravura de Attavante degli Attavanti, cujo fundo retrata a panorâmica de Roma.
 1b - Gravura de Attavante degli Attavanti, 1483.
 2a - Gravura de Roma por Pietro del Massaio, 1469. Projecção oblíquo-vertical com alçados retrata a panorâmica de Roma e a topografia do terreno através das manchas em cor de sépia.
 2b - Pormenor da zona do Vaticano, bastante evidenciado no conjunto urbano.
 3a - Gravura de Roma em projecção oblíqua. São representados os elementos arquitectónicos importantes da cidade. De forma figurativa retrata as igrejas, os aquedutos, as muralhas, pontes.
 3b - No centro da imagem situa-se o centro cívico, o Capitólio, meticulosamente desenhado envolvido pela cidade medieval, composta de dezenas de torres.

Apoiado no método das coordenadas polares realiza uma série de medições correspondente a distâncias significativas à escala urbana, entre muralhas. Preparou uma representação global e rigorosa da cidade limitada sob uma forma circular. O Capitólio é considerado como centro de irradiação das coordenadas, referenciando as partes com o todo através da indicação das portas de acesso, o percurso do rio *Tevere*, a localização dos templos e edifícios públicos, numa cartografia de qualidade nunca, até então, explorada. Resulta portanto, numa planta idêntica à reproduzida na figura 4a – a sua *Descriptio Urbis Romae*.

A cidade era vista como a grande casa que alberga a comunidade cívica, passível da clareza e agradabilidade da sua estrutura e organização. Com este pensamento, Alberti transmite a partir duma base científica uma ideia rigorosa da cidade, entidade completa e coerente como a de Roma perdida, a servir de paradigma. A cuidadosa análise arqueológica das ruínas serviu frequentemente de base à construção ideológica de uma urbanidade global e coerente, justificando as linhas teóricas que foi formulando em texto para a objectivação do espaço arquitectónico.¹³

Com a ascensão de Nicolau V ao papado em 1447, uma lufada de novas iniciativas é imposta na cidade. Tendo em conta que se aproximava o ano de jubileu de 1550 a igreja prepararia os seus monumentos de referência para a recepção de todos os peregrinos católicos que afluíam a Roma a contar com uma cidade renovada.

Foram tomadas medidas para melhorar as infraestruturas urbanas, revisto o funcionamento e acessibilidade da zona portuária, construído um novo palácio no Capitólio para serviço da administração municipal, reconstruídas as partes degradadas da cintura defensiva, reactivados os aquedutos e fontes. Tentou-se, também, a reforma de grandes templos para adaptação das condições do seu uso, com particular ênfase para a reconstrução da basílica de São Pedro.¹⁴ Eram, de facto, intervenções pontuais na cidade sem preocupação directa com a sociedade romana mas sim com os turistas da época, os peregrinos.

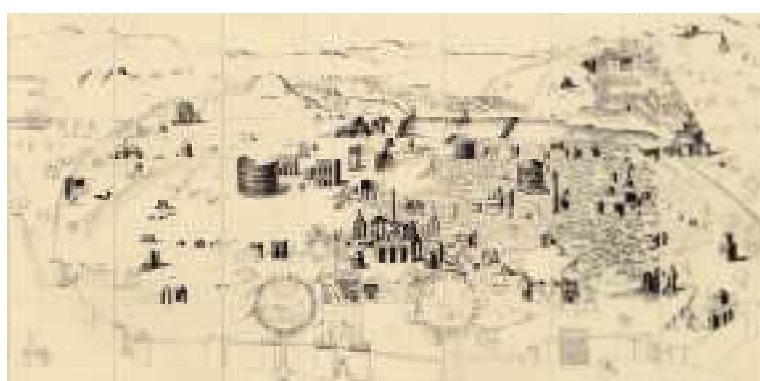
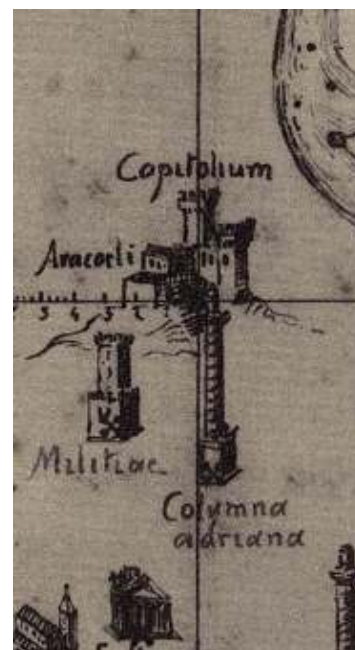
Nicolau V com a sua genialidade e ambição, conhecido por introduzir o carácter humanista no renascimento da cidade, pretendia transfigurar Roma numa grande capital da cristandade. *Para além das obras de restauro e beneficiação de quarenta igrejas, estimulou a publicação do estatuto dos Maestri di Strada, magistrados municipais zeladores do bom arranjo de ruas e praças, com autoridade para obrigar a realinhamentos de fachada ou construção de porticados nos passeios públicos para valorização das lojas conexas.*¹⁵

Com a residência fixa no ampliado palácio do Vaticano, Nicolau V começa uma das grandes intervenções urbanísticas da Roma papal face ao caos criado pelos habitantes que se

¹³ CHOAY, Françoise; *La règle et le modèle*; Ed. du Seuil, 1980 – Paris.

¹⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 55.

¹⁵ BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999.



4a	4b
5	
6a	6b

4a - Roma segundo o levantamento de Leon Battista Alberti, a partir da recuperação por Alessandro Capannari, 1432-34.

4b - Ponto de partida para as medições, o Capitólio era o local indicado pela sua centralidade física na cidade.

5- No âmbito do estudo da Roma Antiga, Bartolomeo Marliano cria a primeira planta iconográfica e orográfica cientificamente desenhada, certamente com a colaboração de Bufalini. Com poucos edifícios representados, a muralha Aureliana é rigorosamente desenhada à escala, a rede viária e hidrográfica é sucinta e as indicações toponomásticas são inseridas na planta, 1544.

6a - Reprodução de um protótipo original, é a Roma de 1478-1490, por G.B.De Rossi em 1879.

6b - As estátuas de S.Pedro e S.Paulo no início da ponte de S.Angelo permitem datar esta gravura.

instalaram, sem plano prévio, na cidade leonina. Rossellino¹⁶ é convidado a intervir com um projecto de requalificação do burgo que se deveria delinear em três vias rectilíneas convergentes na ponte Sant'Ângelo. A ligar duas praças novas, pretendia-se, numa lógica perspectica, enaltecer a presença visual da Basílica na zona alta.¹⁷

O projecto dos burgos laterais fica ao cuidado dos Papas seguintes, Sisto IV e Alessandro VI, embora a ideia das vias rectilíneas só se viesse a concretizar cerca de cinco séculos mais tarde, quando Mussolini abre a *via della Conciliazione*.

Em simultâneo, o burgo do Vaticano sofreu algumas correcções à sua estrutura medieval. Perante a necessidade de defesa face às constantes agrestes externas, Nicolau V ergueu uma sólida muralha em redor do Burgo Leonino. Além disso, determinou a reestruturação da área envolvente da saída da ponte, ponto fulcral da ligação entre o Vaticano e o burgo romano.¹⁸

A zona referida integrava o Burgo de São Lourenço, parte do troço mais desenvolvido da Via Papalis, por aí se iniciar o percurso. Naturalmente, também era o bairro onde se concentravam os novos funcionários do governo, mercadores toscanos e os representantes dos banqueiros de Florença que apoiavam a Igreja. Após o ano jubilar rasgou uma nova praça com pórtico em frente da igreja São Celso, demolindo, para o efeito, o casario enquanto alinhavam parte da via Papalis então designada *Canali di Ponte*. A par da transferência social e política para esta zona urbana também os mercados antes sediados na envolvente do Capitólio foram trasladados para a Piazza Navona e Campo dei Fiori, este último ainda em actividade e centro de um novo núcleo económico.¹⁹

Com a intervenção à saída da ponte para o lado sul, assistimos ao primeiro gesto urbanístico da organização racionalizada do espaço público segundo os ideais humanistas do Renascimento. Apesar do forte impulso, muitas intenções ficaram suspensas enquanto outras foram desenvolvidas como a reordenação do Burgo Vaticano enriquecido com o aparecimento da estruturante *via Alexandrina*.²⁰

Roma atingiu o seu máximo esplendor no Papado de Júlio II e seus sucessores, Leão X e Clemente VII. Durante esses vinte anos, tornara-se o maior centro de arte em todo o mundo e também um dos mais concorridos destinos de peregrinação.

Era corrente a produção de cartas para os visitantes de Roma. Dadas as alterações praticadas na cidade exigia-se a respectiva actualização nas gravuras. Bufalini²¹, topógrafo, é

¹⁶ Bernardo Rossellino (1409 - 1464), foi escultor, arquitecto e urbanista Renascentista. Era conhecido de Alberti, desde os tempos que a corte papal se instalou em Florença. A problemática levantada acerca das intervenções construtivas no Burgo quanto à dimensão urbana e na basílica de São Pedro, teria inevitavelmente de agir com a reflexão crítica do escultor florentino, tanto mais que ele integrava igualmente a equipa de consultores do Papa para o plano de obras da renovação de Roma. TAVARES, Domingos; *Bernardo Rossellino – Desenho Urbano*; p. 13.

¹⁷ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 58.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Idem*, p. 60.

²⁰ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 49.

²¹ Leonardo Bufalini (final do século. XV- 1552) foi um topógrafo inovador da época, que em muito influenciou a iconografia romana posterior.



7a	
7b	8

7a - Dedicada ao Papa Júlio III, Leonardo Bufalini criou a primeira representação topográfica de Roma, fruto de uma longa obra de levantamento pelo autor, que servirá de base a todas as representações posteriores até Nolli criar a alternativa actualizada, 1551. Nas quatro arestas da planta são representadas por 24 caras as direcções dos ventos.

7b - Dividida por 24 painéis, é representado o sistema viário muito simplificado, com distinções perante edificado específico como igrejas ou monumentos, tudo sobreposto à representação topográfica por meio da mancha.

8 - Vista de Roma por Enrico Van Cleve a partir de *Colle Oppio*, 1550.

encarregado do levantamento e desenho da cidade. Em 1000 anos, além da planta severiana da época imperial, a planta de Bufalini, publicada em 1551, mantém a orientação, do norte para a esquerda da gravura.

Pela inovação técnica e visual, a iconografia bufaliniana veio a revelar-se a base para a cartografia romana posterior. Apesar de não deter o rigor geométrico a que estamos habituados hoje, pela simplificação ou omissão de pequenas vias, esta planta elucida-nos sobre o estado real da cidade na primeira metade do século XVI, antes das grandes intervenções de Gregório XIII e Sisto V que, como referimos, modificaram profundamente os bairros de Roma. Bufalini tem a originalidade de, simultaneamente, representar a estrutura urbana e a topografia, o que se torna extremamente útil para a percepção espacial.

Marliano foi outro cartógrafo que se apoiou nas plantas de Bufalini para criar a sua própria teoria desenhada sobre a Roma Antiga. Publicada em 1544 e, de novo, em 1551, apesar dos defeitos e falhas esta carta teve o mérito de ser construída a partir duma base científica, legada por Bufalini.²²

Roma perdia gradualmente o seu carácter exclusivamente religioso para se tornar numa verdadeira cidade do Renascimento. *O programa retomado por Júlio II pretendeu avançar para fora dos limites da colina, passar o Tevere e ordenar partes da cidade velha nas margens do rio, ligando-as ao Burgo Novo nas imediações do Castelo de Sant'Ângelo. Iniciado em 1507, o arranjo urbanístico de Roma, foi inicialmente conduzido por Bramante.*²³

O mesmo arquitecto que tinha em mãos o projecto do Tempietto , em Gianicolo, que ainda hoje fascina pela sua reduzida dimensão e uma escala imponente mas humana, teve a seu cargo a urbanização da cidade. Iria fazê-la no sentido da glorificação da Igreja sem, no entanto, esquecer o seu verdadeiro papel de arquitecto, ao assumir e valorizar a vida humana, a cidade presente e as suas raízes.

A sua intervenção urbana incide sobretudo na abertura de duas vias rectas na parte oeste do núcleo urbano e paralelas ao rio, com mais de um quilómetro de comprimento. A *Via Giulia*, na margem esquerda, um pouco afastada da cidade, ocupou os quintais, ligando-se assim vários núcleos centrais da cidade, e simultaneamente, desobstruía a cidade medieval compactada.²⁴

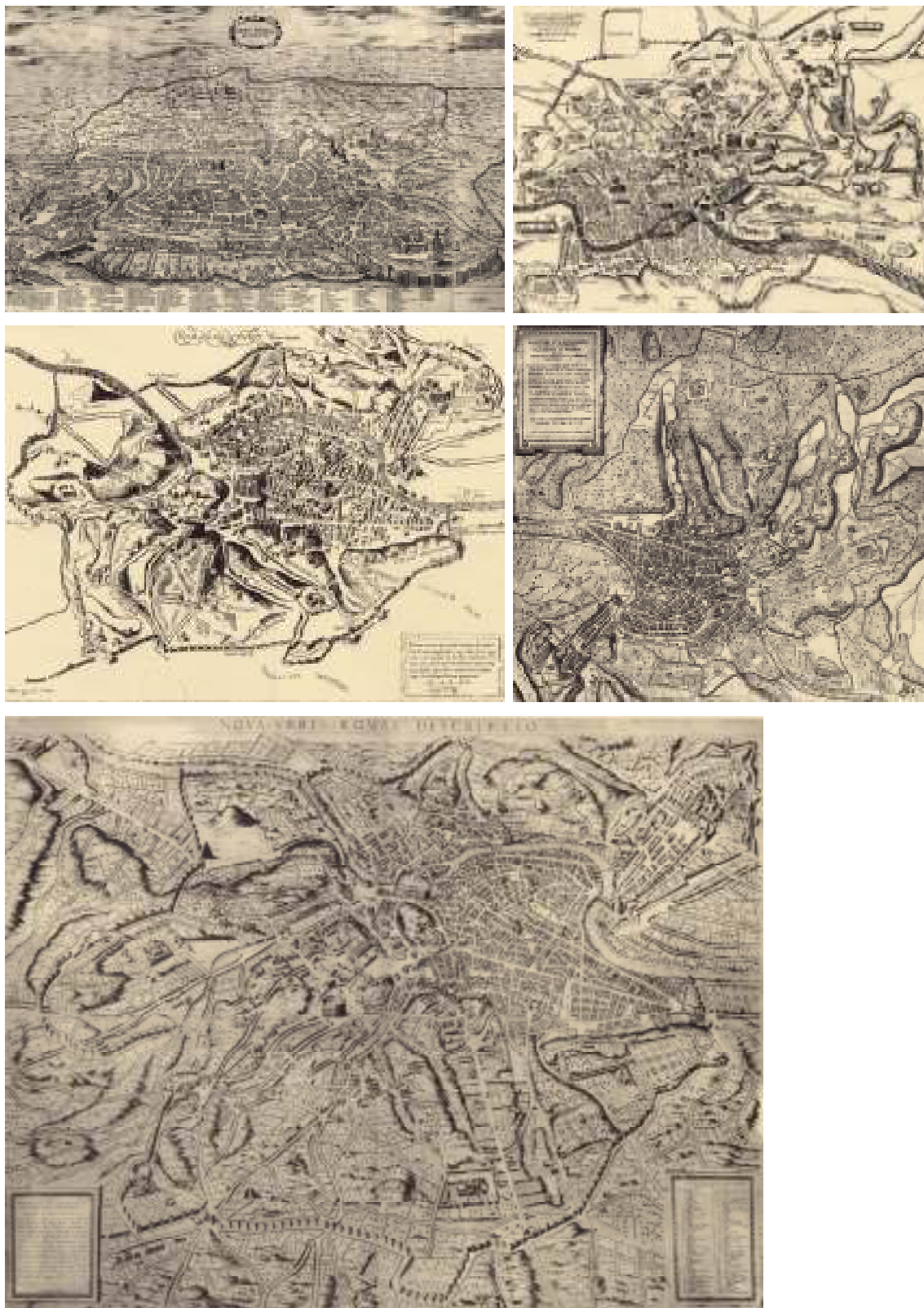
Na outra margem, com o mesmo carácter mas funções diversas foi recuperada a *Via della Lungara* que seguia parcialmente uma antiga estrada romana, fundamentalmente para ligar o Burgo Novo, directamente, ao populoso bairro de Trastevere. A articular as novas vias mantém-se a já existente ponte Sixto IV e na zona do Vaticano, seria estabelecida com a reconstrução da ponte Triunfal, que nunca se concretizou. A única ponte nessa zona era a ponte Sant'Ângelo, motivo pelo qual foi alargada e requalificada a *Via dei Banchi*, com ligação

²² FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma, p. 168

²³ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 64.

²⁴ BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999, p. 443.

²⁵ *Ibidem*.



- | | | |
|----|----|---|
| 9 | 10 | <p>9 - Planta perspéctica de Ugo Pinard, 1555, sem renunciar ao seu valor técnico, compõe uma imagem pictórica.</p> <p>10 - Roma de Pirro Ligorio, 1552, certamente inspirada pelo trabalho de Bufalini.</p> <p>11 - Roma e as suas fortificações, por Niccolò Beatrizet, 1557.</p> <p>12 - Graficamente fascinante, esta planta de Roma foi criada por Francesco Paciotti, 1557.</p> <p>13 - Roma representada por Stefano Du Pérac, 1577. Esta carta é interessante pela imagem eficaz onde se distingue o aglomerado urbano, as vias e a zona rural. As vias que serviam de passagem, serão em parte as futuras/actuais vias, reformuladas a partir desta época consoante a expansão urbana.</p> |
| 11 | 12 | |
| | | |
| 13 | | |

directa à Via Giulia.²⁵

Se as plantas de Marliano e Bufalini interessavam a estudiosos, não satisfaziam o gosto dos peregrinos da época. Por essa razão, voltou-se à representação a três dimensões, naturalmente, com a técnica melhorada.

Ligorio, Du Pérac e Cartaro, posteriormente imitados, foram os cartógrafos exemplares desse tipo de representação. Com eles assiste-se a uma reconstrução virtual da Roma Imperial e à representação perspéctica actualizada da cidade. Ambas as gravuras são tributárias da iconografia bufaliniana.²⁶

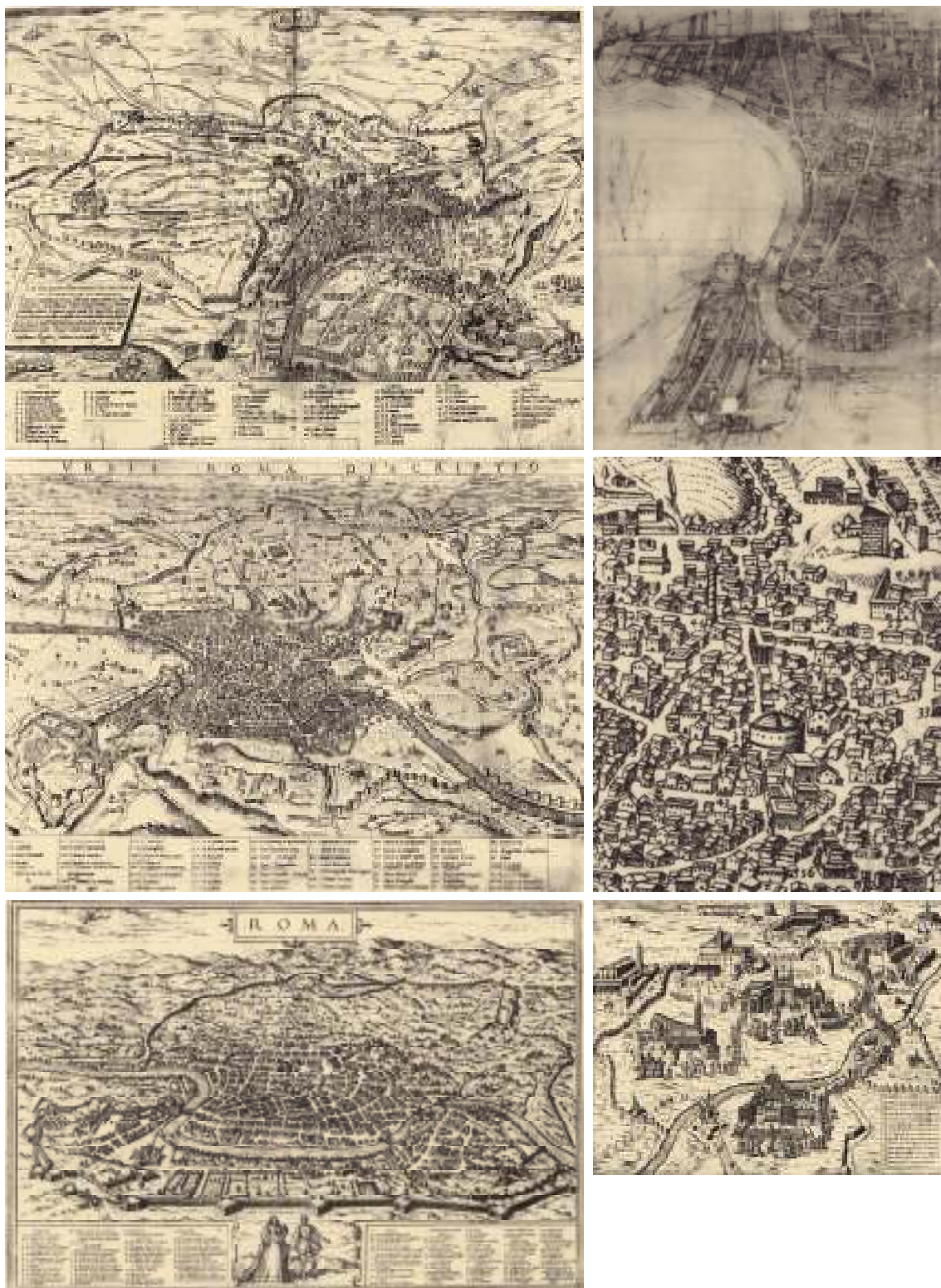
*Uma perfeita história da arquitectura é a história dos múltiplos coeficientes que informam a actividade edificatória através dos séculos e englobam quase toda a gama dos interesses humanos.*²⁷ De facto, este capítulo a par dos anteriores reflecte parte da ideia de Zevi, assumindo também a cartografia como um dos coeficientes referidos. Por isso, assistimos às várias idades do espaço, analisadas no conjunto das suas várias relações submetidas a diferentes poderes, desde o mitológico ao social, de uma moda à novidade técnica, de uma necessidade pública a um capricho, todas elas produto da coexistência e do equilíbrio de todos os componentes da civilização em que surgem.²⁸

²⁵ BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999, p. 443.

²⁶ MARIGLIANI, Clemente; *Le Piante di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 49.

²⁷ ZEVI, Bruno; *Saber Ver a Arquitectura*; Martim Fontes, 2002 – São Paulo – p.53.

²⁸ *Idem*, p. 54.



- | | | |
|-----|-----|--|
| 14 | 15 | 14 - <i>Vista de pássaro</i> de Roma, ou planta perspéctica por Giovanni Antonio Dosio, 1561. |
| 16a | 16b | 15 - Estudo da parte central do desenho da cidade por Salvestro Peruzzi, 1564-65. |
| 17 | 18 | 16a - Planta perspéctica por Mario Cartaro em pequeno formato, 1575. |
| | | 16b - Pormenor da zona envolvente ao Panteão, com os respectivos quarteirões minuciosamente desenhados. |
| | | 17 - Roma representada por Giorgio Braun, Simone Novellanus e Francesco Hogenberg, 1575. |
| | | 18 - Vista das 7 Igrejas de Roma, sobredimensionadas mas implantadas nos respectivos lugares do território, limitado pelas muralhas. Reflexo da época vindoura, representa várias procissões de peregrinos, entre as diferentes igrejas. |

7 ROMA MEDIEVAL



*Foi Ele quem vos permitiu, a vós ingratos, escapar às mãos inimigas, quer utilizando o nome dos seus servos quer refugiando-vos nos locais dedicados aos seus mártires. Dizem que Rómulo e Remo fundaram um asilo – e todos os que nele se refugiavam ficavam livres de toda a pena, procurando assim aumentar a população da cidade que iam fundar. Maravilhosa iniciativa que redundou em honra de Cristo! Os destruidores da Urbe decidiram o mesmo que antes tinham feito os seus fundadores. Que há de extraordinário em que, para completar o número dos seus concidadãos, tenham aqueles feito o que estes fizeram para conservarem um grande número dos seus inimigos?*¹

O sermão de Santo Agostinho² retrata o pensamento da época, prenúncio do futuro próximo relacionado com a crença cristã e a luta necessária para implantá-la. Reflectir-se-á na evolução da cidade dos próximos séculos como se teve oportunidade de aferir nos capítulos anteriores.

Segundo uma descrição de Cariello³, entre 410 e 455 Roma foi novamente saqueada pelas tribos bárbaras⁴ e posteriormente ocupada pelo exército dos Ostrogodos e dos Bizantinos. Em 593 eram os Lombardos⁵ os interessados na cidade. A Igreja Cristã, entretanto foi-se fortalecendo, começando, inclusive, a assumir funções administrativas e políticas enquanto, ao mesmo tempo, adquiria várias propriedades, o *Patrimonium Sancti Petri*⁶. Neste contexto, a autoridade laica vai perdendo a sua autonomia.

Quando os Francos auxiliam o papado na luta contra os Lombardos, vencendo o Rei Desiderio e Carlos Magno, é confirmado o poder temporal da igreja e o património de São Pedro transforma-se no futuro estado Pontifício, em 800. A igreja preocupa-se, agora, em dar continuidade à autoridade e ao prestígio de Roma que paulatinamente se transformará em capital espiritual da Nova Europa, sede do papado e Cidade Santa dos Peregrinos.⁷

¹ Santo AGOSTINHO; *A Cidade de Deus* – 3vol.; Fundação Calouste Gulbenkian, 2006 – citado do Livro I, capítulo XXXIV.

² Aurélio Agostinho, conhecido como Santo Agostinho (354 - 430), bispo cristão, o mais destacado teólogo dos primórdios da igreja cristã. Na sua vida e na sua filosofia, Agostinho combinou os mundos clássicos e cristão numa síntese que teve uma profunda influencia no desenvolvimento do pensamento e cultura ocidentais; BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da Historia Universal*.

³ CARIELLO, Nicola; <http://www.romamedioevale.it> -

⁴ Entende-se por invasões bárbaras à série de migrações de vários povos que ocorreram entre os anos 300 a 900 a partir da Europa Central e que se estenderam a todo o continente. É um termo criado pelos gregos que significava *estrangeiro* e aplicada pelos Romanos para designar os povos que não partilhavam os seus costumes e cultura, não havendo necessariamente confrontos violentos entre eles.

⁵ Os lombardos eram um povo germânico originário do Norte da Europa que colonizou o vale do Danúbio e a partir dali invadiu a Itália bizantina, em 568. Lá estabeleceram o Reino Lombardo, posteriormente chamado Reino Itálico (*Regnum Italicum*), que durou até 774, quando foi conquistado pelos francos.

⁶ Património de S. Pedro.

⁷ BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da Historia Universal*; Selecções do Reader's Digest, 1999 – Lisboa.

Com o Império Romano separado em 476, na parte ocidental e a partir das intervenções de Constantino no IV século, Roma iniciou a sua cristianização, oficializada pela fundação de quatro basílicas patriarcais – São Pedro do Vaticano; São João de Latrão; Santa Maria Maior e São Paulo Fora de Muros. Estes templos unidos formam um amplo quadrilátero que cobre a cidade e cruza as muralhas aurelianas. A contrastar com as igrejas nos quatro limites, situa-se, no centro, o imponente Coliseu, exlibris pagão da cidade, associado ao Capitólio, o seu centro político laico.⁸ É interessante reparar na relação visual entre as igrejas e os templos pagãos, como se os primeiros quisessem suplantar, simbolicamente, o poder destes sobre a cidade, pelo menos visualmente. Isso reflecte-se nas gravuras da época, ressaltando o valor da imagem e da sua simbologia. O confronto ainda hoje persiste, mas de forma mais ténue.

Roma viveu, num contexto caótico de guerras, com a ascensão e queda de governadores a lutarem pela sua posse. Durante 400 anos, submetida a diferentes culturas, em fases distintas, a cidade foi influenciada pela presença prolongada dos bizantinos e sucedida por uma mais curta pelos godos.⁹

De facto Roma tornara-se insegura e deixara de ter a importância de outrora, o que incentivou o êxodo urbano. A cidade imperial tornava-se grande demais para as necessidades da população. Era imperativo proteger os núcleos habitacionais. É certo que, a par da nova igreja, novos templos eram erigidos e, em redor desses, reformular-se-iam as novas partes que compunham a Roma medieval. As influências bizantinas são visíveis sobretudo a nível arquitectónico e exemplificadas em duas igrejas situadas na encosta do monte Palatino, dedicadas a São Teodoro e a Santa Anastácia.

A situação de Roma foi alterada após a derrota dos Lombardos em 756, devolvendo a sua autonomia. Carlos Magno¹⁰ foi o empreendedor do renovado império romano do ocidente com o apoio dos católicos romanos, pelo que Roma passaria a assumir a função de capital dos *Estados Pontifícios* cuja autoridade máxima pertenceu aos Papas, até 1870.¹¹

Da parca presença dos godos, persiste a memória no chamado *quartiere dei goti* (bairro dos godos), em redor da igreja de Sant'Ágata dos Godos, erigida no V século. Era a única instituição conhecida onde se praticava o culto ariano de uma comunidade sediada nas pendentes dos montes Quirinal e Suburra, na actual freguesia Monti.¹² Nada de novo se implantava. As necessidades adaptavam-se ao que existia da cidade Imperial.

Nesta etapa mais estabilizada os letrados puderam dedicar-se a áreas mais eruditas do conhecimento, nomeadamente à cartografia utilizada como meio de transmissão de

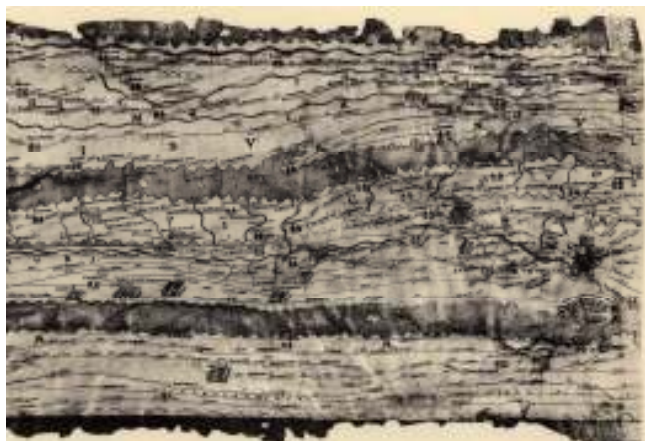
⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 52.

⁹ BRIGGS, Asa; *Enciclopedia da História Universal*; Selecções do Reader's Digest, 1999 – Lisboa

¹⁰ Carlos Magno, foi o mais ilustre soberano na história da Europa medieval. Na altura da sua morte controlava territórios cobrindo a actual França, Bélgica, Holanda, Suíça, Alemanha Ocidental, a maior da Itália, Córsega, as ilhas Baleares e o Nordeste de Espanha; BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da História Universal*; Selecções do Reader's Digest, 1999 – Lisboa

¹¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 48

¹² *Idem*, p. 50



1a	1b
	2
3	

1a - Representação de Roma, respectivas *vie consolari* e o Porto dell'Urbe, carta integrada na *Tabula Peutingeriana*, séc. XI/XIII (a partir da versão original da Idade Imperial).

1b - Representação de Roma na *Tabula Peutingeriana*, séc. XII/XIII. Reproduzida em 1824 por Corrado Mannert.

2 - Mapa de Roma Medieval segundo o mapa-mundo de Ebstorf, fim do século XIII. Limitada pela muralha e respectivas torres, a cidade é atravessada pelo rio *Tiberis*. É interessante a figura de um leão, associado à escrita *secuncu(m) formam leonis inchoata [est] Roma*. Como complemento, a planta está pontuada por inscrições toponomásticas.

3 - Fresco de Roma por Masolino da Panicale, 1435.

informação. A primeira planta topográfica da Roma medieval é datável entre 1250 e 1259, conservada no manuscrito da *Chronica Maiora* de Matthew Paris¹³. É cercada pelas suas muralhas aurelianas, atravessada pelo rio *Tevere* e nela são evidenciados quatro edifícios de Roma.

Num contexto figurado, a planta representa a cidade contida numa muralha quadrada, com o rio que a divide a meio na vertical. No lado direito da imagem 4 localiza-se a basílica de São Pedro do Vaticano (*seint pere*), acompanhada de uma porta, *la porte vers lumbardi*, orientada para Lombardia a norte. Na outra margem, está a outra porta, *la porte de vers poille*, orientada para Apúlia, a sul, e três igrejas: a maior, ao centro, seria a basílica de São João de Latrão (*seint Johann de Latrane*), acima a basílica de São Paulo (*seint Pol*) e por último, no canto inferior uma capela na *via Appia*, com a seguinte expressão escrita – *Quo Vadis*¹⁴, a localizar a igreja¹⁵ *Santa Maria delle Pianti*.¹⁶

De cariz religioso, assiste-se a uma mudança radical da visão da cidade, como destino de peregrinação. São imagens idealizadas a partir da realidade cujos elementos figurativos têm precedentes na ciência da geometria. As figuras são livres, mas representativas dos códigos que fornecem informação objectiva sobre a realidade retratada.¹⁶ Apesar de não respeitar, aparentemente, a localização real dos edifícios, é interessante notar que o rio da planta está orientado na mesma direcção para onde a água do rio corre, para sul.

Noutro documento, dos finais do século XIII e início do XIV, está uma representação laica da cidade, Roma *edificata a muodo di lion*¹⁷. É representada com os seus monumentos, exclusivamente civis. De facto, Roma Antiga está configurada sob a forma fantasiosa de um leão com boca aberta e cauda levantada, símbolo da facção política que apoiava o imperador, os Gibelinos¹⁸. Era usual representar as cidades medievais principais através de símbolos, de animais reais ou fantásticos.¹⁹ Ao associar a Roma, o leão, o rei dos animais, facilmente se crê na sua supremacia.

Com alguns monumentos representados de forma rudimentar, a gravura 5 retrata três homens a aproximarem-se da muralha de ameias e torreões, as *thermas Dioclitiani/ militie*/

¹³ Matthew Paris (c. 1200 – 1259), inglês, foi um monge beneditino, iluminador, cartógrafo e historiador da Inglaterra. Possivelmente estudante em Paris, foi admitido na Abadia de Santo Albano em 1217. Foi indicado cronista da abadia em 1236, sendo provavelmente o autor da *Chronica Majora*, ilustrada por ele mesmo; LEWIS, Suzanne; *The Art of Matthew Paris in the Chronica Majora*; p. 101.

¹⁴ *Domine, Quo Vadis?* / Senhor, onde vais? Perguntou São Pedro quando se cruzou com Jesus.

¹⁵ *Chiesa di Santa Maria delle Pianti*, mais conhecida como *Chiesa del Domine Quo Vadis*, é uma pequena igreja a sudeste de Roma, localizada a cerca de 800 m da Porta de São Sebastião na via Appia. Foi neste ponto que São Pedro, segundo a tradição conheceu Jesus enquanto fugia de perseguições em Roma. CORNELL, Tim e MATTHEWS, John; *ROMA, Herança de Um Império*.

¹⁶ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianti di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 14

¹⁷ *Roma em Forma de Leão*.

¹⁸ No interior das cidades, a dicotomia Guelfos e Gibelinos reproduziu-se sobretudo no século XIII, mas foi perdendo o significado tradicional da luta política entre o Papado e o Império, para transformar-se em luta entre as facções da população pelo domínio da cidade, BRIGGS, Asa; *Enciclopedia da História Universal*.

¹⁹ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianti di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 14 .



- | | | |
|---|---|---|
| 4 | 5 | 4 - Planta esquemática da Roma medieval, por Matteo Paris, 1250-59. |
| 6 | 7 | 5 - Gravura de Roma em forma de leão, fim do século XIII. |
| 8 | | 6 - Vista geral de Roma, no contexto de um fresco de Benozzo di Lee, 1465. |
| | | 7 - Gravura com vista de Roma composta por alguns monumentos como a Torre de Menagem, a pirâmide, túmulo de Cestio, castelo de Sant'Ângelo, colunas Antonina e Trajana com a muralha, 1459. |
| | | 8 - Aguarela representativa de Roma por Leonardo da Besozzo, primeira metade do século XV. |

therme Antoniniane/ Salustio/ theatrum/ thermas Dioclitiani/ palatium maius. Mas não contém qualquer apontamento topográfico ou de orientação.²⁰

Entre 1280 e 1290, Cimabue²¹ pintou em Assis, na capela dos Evangelistas, a imagem de Roma, sob a palavra *Ytalia*. É um fresco que evidencia uma série de monumentos romanos: o Palácio do Senado, a Torre das Milícias, o Panteão, o Castelo de Sant'Ângelo, a Meta Romuli. Obras arquitectónicas que o pintor admirou durante a sua viagem a Roma em 1272. Os mesmos elementos aparecem no fundo da obra pictórica *Crucificação de São Pedro*, situada na capela do *Sancta Sanctorum*, certamente contemporânea da pintura de Cimabue.²²

Analisando o cunho usado em documentos emancipados pelo imperador Ludovico, o Bravo são também representados, em vista, os principais monumentos clássicos e cristãos da cidade. Circundada por uma muralha com ameias, torreões e munida de portas, observe-se a figura 11 com a basílica de São Pedro, o obelisco, uma basílica trasteverina (provavelmente a de Santa Maria de Trastevere), o Castelo de Sant'Ângelo, o Panteão, a Torre de Nero, a Coluna Antonina, uma basílica cristã, o Palácio do Senado, o Coliseu, o Arco de Tito e a Pirâmide de Caio Cestio. A gravura foi também orientada a sul, no sentido da corrente do rio representado, a par da ilha Tiberina.²³

Apesar da aparente irrelevância para o nosso estudo, este tipo de representações interessam-nos pela quantidade de informação que dela podemos extrair. A desordem dos elementos e a focagem nos monumentos reconhecíveis no fundo destes frescos revelam a imagem da cidade de Roma da época. Composta por massas compactas de casario nas colinas, a cidade era pontuada por elementos que se destacavam.

O *skyline* da Roma medieval, dos séculos XI, XII e XIII, é marcado pelas diferentes e variadas torres dispersas, que serviam para identificar as diferentes propriedades e também simbolizar o poder que cada família tinha sobre a cidade. As torres permitiam a defesa ou controlo tanto das propriedades como da entrada dos barcos na cidade, mas também de auxiliaram a orientação dos habitantes.²⁴

A partir dos saques no século IX das basílicas de São Pedro e de São Paulo pelos mouros era crucial reforçar a defesa da cidade. Entre 848 e 852 anexaram três quilómetros de muralha à já existente, a limitar a zona do Vaticano. Iniciado por Leão III, esse projecto foi concluído por Leão IV com o intuito de criar uma cidade independente, de carácter sagrado. A muralha desenvolvia-se desde a orla do rio no Mausoléu de Adriano, que adoptou o nome de Castelo de Sant'Ângelo, rodeando a basílica e descendo, de novo, para o rio.

Ao longo do nosso estudo formamos a opinião de que se terá adoptado o símbolo do leão para caracterizar o domínio religioso sobre os restantes poderes. O nome do burgo recém

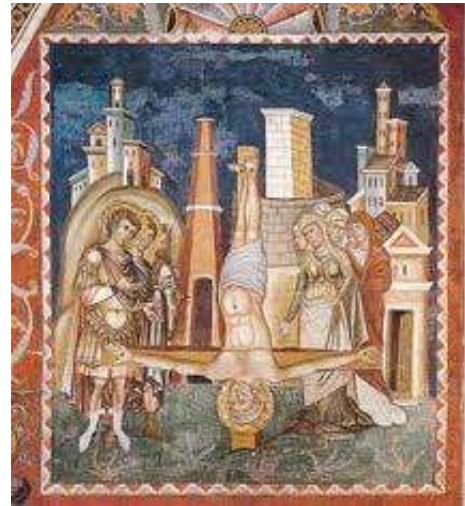
²⁰ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 14 .

²¹ Cimabue (1250?-1302), foi um pintor que renovou a pintura, impulsionando para a modernidade, deixando em parte as referencias bizantinas, assumido o pioneiro da pintura florentina.

²² MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 15

²³ FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma - p. 119

²⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 50.



	10
9	11
12	13

9 - Fresco com vista de Roma, por Cimabue , século XIII, na igreja superior de S. Francisco de Assis.

10 - Fresco da crucificação inversa de S. Pedro, entre as colinas do Gianicolo e do Vaticano, em Sancta Sanctorum de Roma, cerca de 1277-1280.

11 - Bula em ouro dos documentos oficiais do imperador Ludovico IV, 1328-1340.

12 - Fresco de Taddeo di Bartolo, 1414, no Palazzo Pubblico de Siena.

13 - Gravura de Roma integrado na obra *Très de riches Heures du Duc de Berry* por Paolo di Limburg e irmãos, 1411-16, inspirada no protótipo de Taddeo di Bartolo. O autor teve a peculiaridade e liberdade de transformar alguns monumentos em edifícios de carácter gótico como Santa Maria Maior e o Palatino, dois grandes complexos góticos nesta imagem.

formado poderia derivar do Papa Leão IV, em sua homenagem. No entanto, se analisarmos bem a forma criada em planta, atrevemo-nos a imaginar a silhueta de um leão. Será que a simbologia era levada a tal nível de concretização?

Em 1084, a Roma Medieval toma a sua forma definitiva após um dos desafios de poder entre o Papa Gregório VII e o Imperador Enrico IV. Pelos direitos da Igreja, o Papa enfrentou o imperador do Sacro Império Romano em defesa da superioridade do Poder Espiritual sobre o Poder Temporal.²⁵

Assumida a importância do poder Papal sediado na Cidade Leonina, desenvolve-se na sua frente o centro urbano de Roma unido pela única ponte pedonal entre as duas margens, a ponte Élio, actual ponte Sant'Ângelo. A estrutura viária curvilínea, composta pelas vias sinuosas e com grandes diferenças altimétricas como acontece na *via del Governo Vecchio* deve-se sobretudo à necessidade de contornar e vencer os amontoados de ruínas. Em vez de se nivelar e limpar o terreno, por questões económicas preferiu-se contornar os obstáculos, construindo sobre as ruínas.²⁶ De facto, os arqueólogos conseguem descobrir a história de Roma pelos estratos do subsolo da mesma forma que como se tentou fazer este trabalho através da leitura da cartografia.

Estes montes artificiais, na verdade relevos de poucos metros, uma acumulação de ruínas de precedentes edifícios como é exemplo o Monte Giordano ou o Monte Savello, frutos das ruínas dos castelos de *Orsini* e *Savelli*, são mais uma peculiaridade da Roma que estudamos.

A situação de completa degradação urbana e social da época é descrita por Augias²⁷: *Privada de manutenção, exposta aos caprichos do tempo, as obras imperiais colapsam, enquanto o Tibre inunda vastas áreas "abraçadas" pela curva do rio. Recuada a água, fica uma área infestada de lodo, que piora a situação higiénica. (...) Uma economia reduzida ao mínimo e a ausência de empreendedores contribui para que a actividade frequente seja o desfrute da herança clássica. Equipas de operários, por meses, anos que partilham das mármores, reduzem em migalhas as estátuas, fundem o bronze na criação de novos materiais. Nesta cidade saqueada a vida resiste. Podemos dizer que abunda numa vitalidade instintiva maior do que a catástrofe.*

Em 1144, após a revolta de Arnaldo de Brascia foi proclamada a *renovatio Senatus*, o novo organismo municipal. Sediado no Capitólio onde será edificado o palácio senatorial, tenta renovar a glória perdida nas sucessivas alianças com o império e o papado. Na segunda metade de 1200 Roma é uma comunidade livre mas de duração breve, o Papa tem o poder para dominar a autonomia do Senado e nomear directamente os senadores. Neste contexto, o Vaticano passa a ser a sede do Papado, transferido do Palácio de Latrão, para melhor defesa papal.

²⁵ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 50.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ AUGIAS, Corrado; *Storie, luoghi e personaggi di una capitale*; Mondadori, 2005 – Milano, p. 117



14a	15	14a - Representação linear, em projecção obíqua de Roma por Alessandro Strozzi, 1474.
14b	14c	14b - Neste desenho está representado o património histórico e actualizado da Roma medieval. 14c - Assinaladas as principais vias, podemos dizer que esta gravura elucida-nos mais que muitos textos.
		15 - Exemplo de recuperação de ruínas, como é o caso desta porta enquadrada num tempo do fórum de Nerva. Para além disso, demosntra o nível da via, bastante superior à sua cota original da época imperial.

Com o abate de uma centena de torres, a Roma escura abre alas ao Renascimento, espaço disponível para o despertar cultural e artístico que já se sentia. Aumenta também, o interesse de Roma como destino de peregrinação com a promulgação do primeiro Jubileu em 1300.²⁸

Segundo Maggioli, *Roma marcava a diferença de Florença, Milão e Veneza por não ter participação activa no comércio internacional e não dispunha de indústria especializada. Encontrou motivação e dinâmica para o desenvolvimento urbanístico, social e económico a preparar a chegada de milhares de peregrinos que devolverão ao espaço urbano a função de centro da cristandade que progressivamente desaparecia.*²⁹

Como nota do impulso dado culturalmente na cidade, em 1295 Bonifácio VIII institui a *Studium Urbis*, a primeira Universidade de Roma, com as faculdades de medicina e direito, sediada no Trastevere.³⁰

Entre 1277 e 1303 uma série de papas se esforça por restituir à cidade o papel de *caput mundi* (capital do mundo) como fora no início do século, mas sem sucesso. A realidade política e económica ficou aquém da imagem grandiosa a que Roma habituara. Não obstante, nesse período Roma torna-se na capital cultural de Itália e um novo centro artístico, digno de comparação com Florença, Siena e Veneza.³¹

Entretanto, o período do exílio papal em Avignon reflectiu-se num bloqueio do Renascimento que estava prestes a efervescer. Estavam ausentes os patronos e as receitas dos peregrinos escassearam. Sem o poder directo papal, Roma viveu uma fase de total inércia.

Debrucemo-nos um pouco sobre a carta da autoria de Fra Paolino da Venezia na imagem seguinte. É um objecto perfeito para estudarmos a cidade medieval. Desenhado a tinta sobre pergaminho, a vermelho as colinas e a amarelo as muralhas e monumentos, estamos perante um esforço de representação da topografia do solo. Com uma projecção vertical mista, que simultaneamente mostra o contorno das vias em projecção horizontal e, em alçado, o casario, monumentos e aquedutos. Apercebemo-nos de quais são as casas em banda, as que têm arcada, distinguimos os palácios e reparamos que uma rua seria comercial ou de acesso, tanto pelo tipo de casario como pela largura da mesma.³²

Estamos perante um documento que consegue conceber bidimensionalmente, uma ideia da cidade tridimensional como se o observador estivesse no centro dela. De facto, está orientado para nascente, mas nem todos os edifícios são dispostos segundo essa orientação.

²⁸ MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*; Provincia di Roma, 2007 – Roma, p. 18.

²⁹ MAGGIOLI, M; *La sacralità nella pianificazione urbana. Trasformazioni e costruzione dello spazio nel pellegrinaggio delle Sette Chiese* in ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 52.

³⁰ Nome derivado da inscrição bíblica *Initium Sapientiae Timor Domini*, a Universidade do Saber foi transferi posteriormente, em 1432, para o Palazzo della Sapienza, ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 52.

³¹ De facto quando Dante chegou a Roma, a eterna cidade vive um dos seus períodos mais estimulantes. Segundo Marigliani, Dante não ama a cidade dos Césares que se transformara na cidade dos papas, mas aprecia o confronto entre os dois poderes.

³² FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma, p. 115.



Com o retorno dos papas a Roma, o poder da Igreja queria mostrar-se condignamente à cidade e à Europa. Nesse sentido, o acesso à colina Capitolina sofreu uma mudança de fachada.³³ O Capitólio volta-se para o lado oposto ao original. O Vaticano ficava nessa direcção, no outro lado da cidade e do rio. Através da escadaria de *Aracoeli*, inaugurada como homenagem ao fim da peste de 1348, a cidade abre-se, simbolicamente, ao diálogo com o Papado, num diálogo visual entre dois pólos urbanos principais: Capitólio laico e Vaticano católico, enquanto atrás, o fórum e tudo o que ele representava era renegado para traseiras do Capitólio.

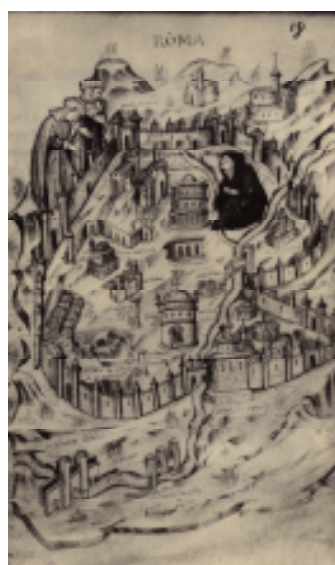
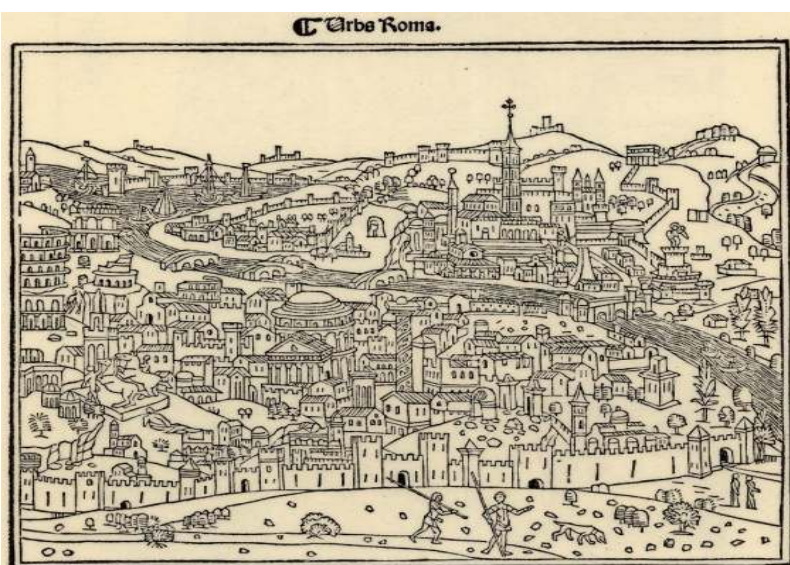
As crónicas medievais e os depoimentos dos peregrinos retratam uma cidade semideserta, estreita e apertada em redor das ruínas das torres medievais dispersas, que impressionavam os viajantes. O número de peregrinos aumentava perante a crença de que não existia melhor destino de peregrinação como Roma, que albergava os túmulos de São Pedro e São Paulo. *A meta preferida para se redimir e reforçar a própria fé.*³⁴

A subida ao Monte Mario representava, para os peregrinos a entrada na cidade Eterna, onde eram presenteados como fim de uma árdua jornada. A cidade oferecia-se, pela primeira vez, aos seus olhos tal como fora várias vezes representada.

Apesar de provenientes de épocas diferentes, duas xilogravuras reflectem fielmente o ambiente vivido na cidade. São panorâmicas genéricas da cidade em projecção oblíqua, orientadas para nascente, ou se quisermos *orientadas para Jerusalém*, como era habitual orientar as igrejas. O decréscimo populacional, está evidente nos espaços sobranceiros entre o aglomerado habitacional e a muralha, onde se vêem ruínas. Outro ponto que merece destaque é a *civitas leonina*, notoriamente um burgo à parte da cidade, mas presente e visível de todos os pontos. Por fim, a provar a crescente força do poder religioso, se na primeira imagem se destaca a cruz recortada no céu e o Coliseu parcialmente desenhado, na segunda este desaparece em prol da representação de possantes igrejas a contraporem-se às ruínas cada vez mais decadentes.

³³ GATTO, Ludovico; *Storia di Roma nel Medioevo*; Newton Compton Editori, 2004 – Roma, p. 475.

³⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma; p. 50.



17		17 - Vista geral de Roma por Artmanno Schedel, cuja peculiaridade se cinge à centralidade evidente do Vaticano na imagem. De facto, a imagem simboliza o crescente poder da Igreja.
18	19	18 - Gravura de Roma editada por <i>Fra Jacopo Filippo Bergomense</i> , 1490.
		19 - Gravura de Roma, com alguns dos seus elementos principais que a caracterizam, constituída também por personagens alegóricas, 1447.
20		20 - Imagem de Roma do século XV, editada por Giulio Ballino em 1569.

8 ROMA IMPERIAL



A passagem gradual da monarquia para a República² a partir do ano 244 *ad urbe condita*³ deveu-se à actividade das famílias patrícias de Roma. Organizaram uma forma representativa de governo chefiado por um par de cônsules eleitos para mandatos de um ano, processo progenitor da República Romana, e forma de governo que perdurou até Júlio César assumir o poder 460 anos depois.

Foram cinco séculos marcados por uma crescente prosperidade cuja sociedade era composta por três classes compreendidas pelos *escravos*, praticamente desprovidos de direitos; os *plebeus*, uma categoria que incluía muitos homens livres ou ex-escravos; e os *patrícios*, descendentes das primeiras famílias governantes e empregues por direito hereditário num dos corpos dirigentes no Senado. A história da República consiste em parte na luta entre os senadores (*patrícios*) e os plebeus a ganharem gradualmente maior poder político.

Por norma a luta de classes desenvolvia-se nas praças públicas, por entre os arcos triunfais e os grandes templos do Fórum Romano, local de excelência para discussão e debate dos interesses em comum. Era um hábito adquirido através dos seus antecessores, apesar dos aglomerados urbanos independentes, ao se preocuparem com a partilha dos problemas ou necessidades comuns tais como a defesa em conjunto ou criação de um lugar comum de trocas comerciais.

Esta forma de vida e de acção em comunidade é algo inato que perdura em Roma, tendo como lugar de excelência a praça. De facto as praças romanas não se caracterizam somente pelo carácter arquitectónico. As pessoas e a necessidade de confraternizarem formaram esses espaços ao longo dos séculos, ainda hoje visível. Podemos observar a *piazza della Colonna*, nas traseiras do Parlamento Italiano onde, todas as tardes, vários agrupamentos de pessoas engravatadas se juntam para, eventualmente, discutir as ideias apresentadas no Parlamento. Se formos ao *Campo dei Fiori*, onde de manhã se realiza o mercado, o ambiente é composto pela população local e turistas interessados no quotidiano romano. Mas à noite transforma-se no ponto de encontro da juventude como se fosse um salão de convívio sem tecto, enquanto na *Piazza Farnese* não se vê viva alma, apesar de um desenho e forma arquitectónicos exemplares.

De facto, Roma foi uma escola na percepção do espaço público. Entendo que não foi o acaso a produzir tal sentimento, é uma herança cultural deixada pelos romanos que tinham captado essa essência espacial dos etruscos. Tal como insistia um professor na *Facoltà della Sapienza*,

¹ General e Cônsul, Júlio César tinha os mesmos dotes para a escrita que para a guerra. A redacção de relatórios militares eram uma forma de arte, retratada por uma das suas expressões mais conhecidas *cheguei, vi e venci*. Uma mensagem que enviou ao Senado Romano depois de enfrentar os Partos em Zela, em 47 a.C. que reflecte o espírito empreendedor desse tempo.

² Período compreendido entre 509 a.C. a 27 a.C..

³ ...desde a fundação da cidade, que corresponde ao ano 509 a.C. no calendário juliano.

no âmbito da disciplina de urbanismo, *a rua não é a segunda casa dos romanos mas sim o prolongamento dela*. Com isto era questionado o reflexo desse efeito na transformação urbanística e sobretudo na iconografia existente.

O movimentado centro civil, coração da cidade durante bastantes séculos, era assinalado pela *cúria*, a câmara do Senado, em frente ao *comitium* onde os plebeus se reuniam para exprimir a sua vontade através do plebiscito.⁴ Com as conquistas sucessivas, a capital do Império Romano enriquecia e assistiu a uma extraordinária expansão durante a República. Em finais do século VI era uma povoação com cerca de 100 000 habitantes, quase a atingir o milhão na época de César.

Após a conclusão da já referida *cloaca Máxima* construída sob a dinastia etrusca dos tarquinos, o vale pantanoso que ficava entre o Capitólio, o Palatino e a encosta do Esquilino foi drenado e posteriormente beneficiado. Perante o crescimento populacional e as novas necessidades inerentes ao facto esta zona tornou-se lugar de encontro dos habitantes residentes nas colinas circundantes. O antigo pântano enquadrado num pequeno vale foi convertido num fórum⁵, o fulcro político-religioso e comercial de Roma e único centro nevrálgico.

Se é prematuro falar de *urbanismo* nestas épocas remotas também é certo que o planeamento urbano foi uma preocupação constante durante toda a gestão arquitectónica romana. Nasce com o intuito de resolver problemas ora da ordem político-militar ora económicos como a deslocação das tropas dentro das cidades ou o abastecimento das populações.⁶

Por maiores expectativas que se criasse, o futuro demonstrou que a realidade superaria-las. A acompanhar o crescente poder de Roma também a cidade e as suas construções se desenvolveram. Algumas formas crescem em vazios onde encontram o espaço adequado para enriquecerem a topografia na sua total extensão. Refere-se, por vezes, que a construção do palácio *Septizonium* por Sétimo Severo e de toda a zona residencial envolvente, foi encarada como um cenário.⁷ De facto, era a primeira visão que os viajantes tinham quando chegavam a Roma, pela *Via Appia* e viria a tornar-se a imagem da cidade, futura capital do Império.

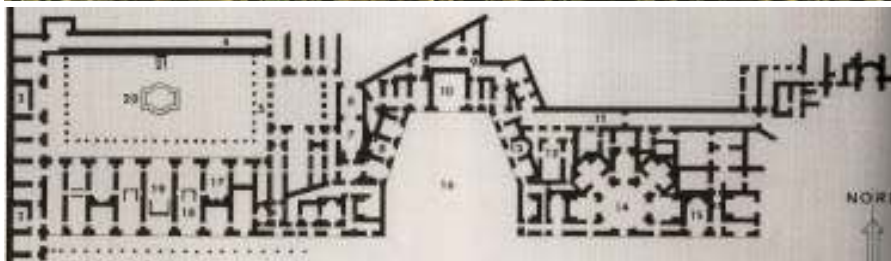
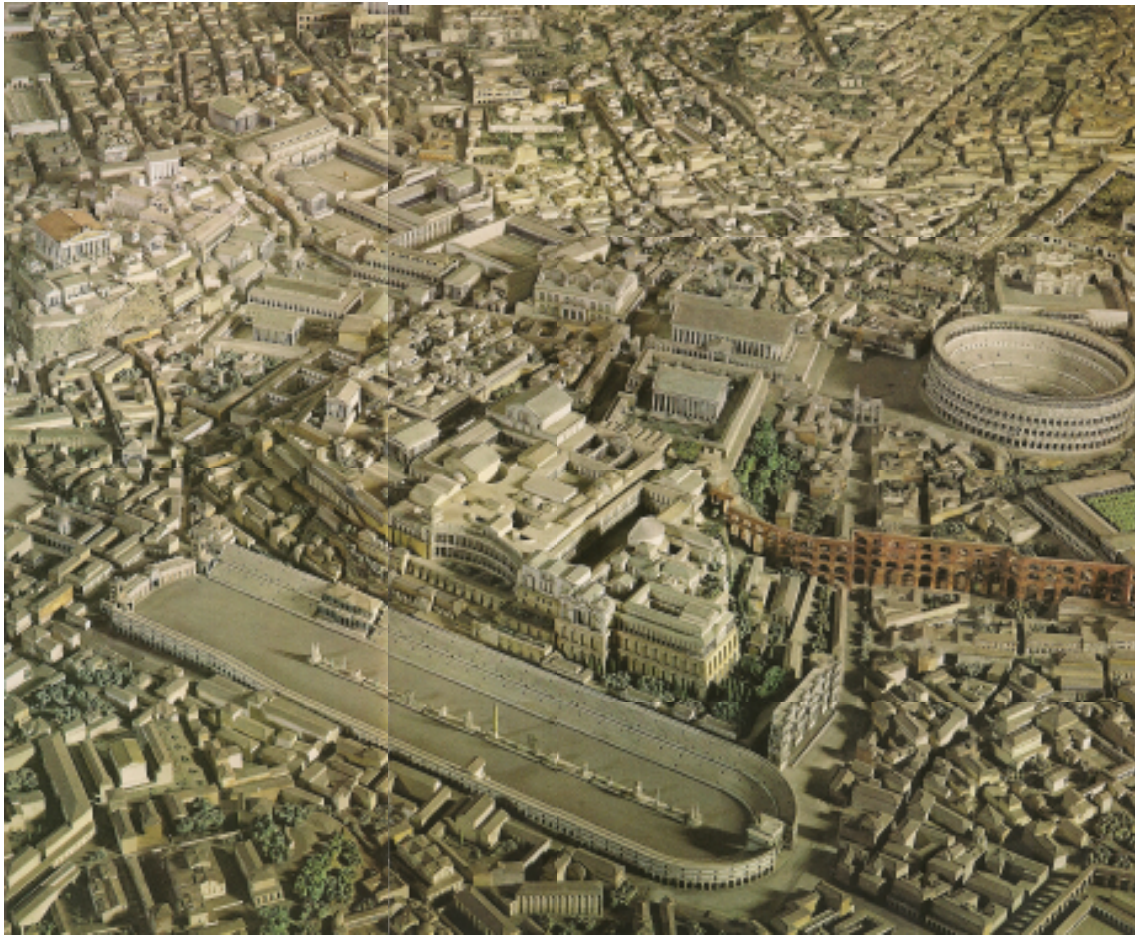
Numa nítida estratégia de compressão são construídos inúmeros edifícios monumentais,

⁴ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma.

⁵ *Uma adaptação espacial da ágora e da acrópole gregas, no mundo romano antigo era a praça pública mais importante das cidades, centro da vida judiciária, política e económica e também, por vezes, centro religioso; essencialmente é um lugar de reuniões públicas ao ar livre. Era composto pela Cúria—a casa do Senado—juntamente com mercados, tribunais e bibliotecas*, JANSON, H. W.; *História da Arte*; Fundação Calouste Gulbenkian.

⁶ GRIMAL, Pierre; *La Civiltà dell'Antica Roma*; Newton & Compton Editori, 2004 – Roma, p. 43.

⁷ Composta por três cumes (o Palatino ao sudeste para o Circo Massimo, o Germalus a ocidente para o Velabro e a Vélia para o Coliseu) esta área foi estaleiro consecutivo da construção e ampliação da residência para o imperador Augusto (31 a.C.) e seus sucessores. Inaugurada em Janeiro de 26 a.C., e posteriormente e paulatinamente alterada durante os governos sucessivos até à época imperial, serviu de reflexo monumental da cidade, cenário imponente para quem entrava na capital. Esta zona albergava também residências de nobres e abastados que contrastavam bastante com a restante cidade; MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*.



- | | |
|---|---|
| | |
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | 4 |
- 1 - Maquete de Roma Antiga no reinado de Constantino, por Gismondi no Museu da Civilização Romana. (Do alto e da esquerda: Capitólio, Circo Máximo, Fóruns Imperiais, Templo de Cláudio). L.1.1
 - 2 - Planta da *Domus Aurea*, com os seus jardins, lagos e bosques dava a impressão de rodear Roma, segundo a descrição de Plínio.(L.8.)
 - 3 - Contemplada na mesma maquete, foi reconstruída a *Domus Aurea*, a *Domus Augustana* e a *Domus Severiana*, fornecidas de água pelo aqueduto em pleno Palatino. (L.1.1)
 - 4 - Ruínas do palácio Imperial que mantêm a magnificência de outrora. (L.1.1)

contemplados com formas geométricas elaboradíssimas e sempre enquadrados nos espaços disponíveis. Esta cidade é exemplo da acumulação sucessiva de elementos harmoniosos que acabaram por resultar numa unidade conceptual.

No entanto, na restante cidade, outro panorama sobrevém pela presença de miseráveis blocos habitacionais que deram origem à fisionomia da cidade imperial, zona da cidade passível de ser considerada autoconstruída. Os edifícios públicos de equipamentos, recreativos, templos e monumentos, começaram a ser construídos em grande número na época de Appio Claudio⁸ e em maior escala durante a expansão imperial que se seguiu à segunda guerra Púnica⁹, após 201 a.C. Finalmente os governantes do I século a.C., como *Sila*, *Pompeu* e *César* empreenderam projectos arquitectónicos que alteraram o aspecto da cidade embora poucos monumentos da república tenham persistido, maioritariamente substituídos por construções maiores da época imperial.

O governo da República de Roma evoluiu em duas fases, durante 360 anos, sob a responsabilidade da classe popular, cedendo posteriormente o poder ao império.

a) República aristocrática e plutocrática dos Patrícios - 509 a.C. até à segunda metade do séc. II a.C.¹⁰

Aparte as pressões políticas e culturais provenientes das várias partes da cidade, esta organiza-se e desenvolve-se sob uma nova escala, renovada em relação à influência helenística. Na reconstrução da muralha, são incluídas algumas zonas desabitadas por motivos estratégicos, com uma superfície delimitada de 426 ha, praticamente ocupada por áreas urbanas. Perante este fenómeno e sob a escassa área disponível na zona central, a cidade expande-se para áreas disponíveis ao longo das vias, entre os cumes e vales até às portas, disseminando-se para o exterior do pomério, originando novos aglomerados urbanos.

Segundo a *Lex Icilia*¹¹, a cidade é descrita do seguinte modo: o novo edificado ocupa a zona sul da área residencial do Aventino e Trastevere; a zona periférica de *Annis Petronia* foi seleccionada para a criação de áreas culturais e serviços públicos; para o uso político-administrativo foi seleccionada a zona da *via Lata* a par do novo incremento dado às implantações públicas no *Campo Marzio*. Durante todo o IV século a.C., debaixo de todo este impulso das renovadas exigências urbanas prosseguem as reestruturações do edificado, entre a zona do fórum até à zona periférica, sobretudo no sector residencial.¹²

A acompanhar o desenvolvimento urbano e político surge a indigência da promulgação de

⁸ Appio Claudio Cieco (340 - 273 a.C.), um dos políticos romanos, foi pioneiro da construção do grande aqueduto *Ápia*, de aproximadamente 15 km, e da primeira estrada romana, a *Via Ápia*. Uma personagem destacado na República Romana. Segundo Tito Lívio, empreendeu reformas urbanísticas de grande envergadura e agiu em toda a reorganização administrativa e legislativa romanas; GRIMAL, Pierre; *La Civiltà dell'Antica Roma*; Newton & Compton Editori, 2004 – Roma, p. 106.

⁹ *Foram três, as guerras púnicas travadas nos séculos III e II a.C. entre Roma e Cartago. A Segunda Guerra (218-201a.C.) surgiu com a conquista de Sagunto*; BRIGGS, Asa; *Enciclopédia da História Universal*.

¹⁰ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 26

¹¹ Código de leis romano promulgado em 456 a.C., a conceder o direito alegadamente de usufruto de terras públicas no Aventino para habitações plebeias.

¹² MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 29

algumas leis. A iniciativa de Spurio Cassio¹³ tinha o mérito de questionar e tentar solucionar certas carências sociais. A permissão dos plebeus possuírem a sua habitação e usufruírem do direito de herança resolve parte dos problemas urbanísticos, confinando-os à parte mais negligenciada e menos cobiçada da cidade, tal como se fará futuramente na época fascista, mas a outra escala. De facto, com o *plebiscito Icilio*¹⁴ de 456 o monte Aventino foi dividido entre os cidadãos mais pobres, permitindo-lhes uma certa liberdade dentro dos lotes estabelecidos.

Era difícil controlar o crescimento exponencial da população de Roma, uma das razões da aparente caoticidade de algumas áreas urbanas. Com efeito, a construção da época denota uma total ausência de criatividade por construtores ou sequer presença de arquitectos, com preocupações de *projecto*.

Neste contexto e para contrariar os efeitos dos variados e repetidos incêndios e epidemias é estabelecida a distância mínima entre edifícios privados de 5 pés, cerca de 1,48m. Esse espaço, *ambitus*, disposto em torno dos quatro lados de cada ínsula define as vias periféricas, estreitas e de importância secundária. Esta posição jurídica tenta disciplinar uma situação já consolidada, na intenção de melhorar o *inurbano*, transformação verificada pontualmente.¹⁵

Com os sucessivos e constantes acidentes naturais e na urgência de recuperar o património destruído, verifica-se sistematicamente a ausência de um verdadeiro plano de reconstrução. Como isso não bastasse, também não existe qualquer regra de construção, nem mesmo o tradicional, traçado principal das ruas *cardo* e *decumano* e das vias secundárias paralelas aos referidos eixos.¹⁶ Porque terão sido ignorados tais princípios, tradicionais e lógicos, aos quais os romanos eram sensíveis?

A resposta encontra-se principalmente, na topografia do local, de colinas relativamente íngremes e respectivos vales, que impediram, de certo modo, o enquadramento esquemático, facilmente associados aos acampamentos militares. O sistema viário adapta-se à topografia do solo relativamente acidentado, fornece o clássico modelo de cidade radial¹⁷, convergente de um centro único, o *fórum* nas proximidades do rio, sucessor do papel desempenhado pelo porto fluvial criado na zona da ilha.

Cativante e necessitada de operários durante o século IV a.C., é inevitável a entrada de inúmeros imigrantes a Roma, em busca de melhores condições, sobretudo nas zonas mais acessíveis do centro compactado de *insulae*¹⁸. Destacam-se as zonas extrapomeriais de *Trate*

¹³ Spurio Cassio Vecellino (542 a.C. (?) – 485 a.C.) foi político e militar romano, é conhecido pela criação e implementação de novas leis em vários sectores.

¹⁴ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 36.

¹⁵ QUARONI, Ludovico; *Una ciudad eterna : cuatro lecciones de veintisiete siglos*; Fundación caja de arquitectos, 2008 – Barcelona, p. 42.

¹⁶ *Idem*, p. 46.

¹⁷ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 36.

¹⁸ Eram um tipo de habitação destinada à população mais desfavorecida, equivalente ao nosso conceito actual de *prédio*, com as habitações dispostas por pisos sobrepostos, constituídas por espaços mínimos e materiais frágeis.

Flaminia com a criação dos eixos da *Villa Pulbica*; de *Tarentum* no *Campo Marzio* e da zona do Aventino, seguindo a regulamentação da *Lex Icilia*. A área transteveriana prospera em duas direcções, da *Prata Quinctia* e da *via Portuense*. Valorizam-se as áreas próximas ao *Tevere* para residência popular juntamente com a zona urbana já destinada aos latifúndios comuns.¹⁹

Com as primeiras ocupações do *Campo Marzio* e aliviadas as pendentes capitolinas, formou-se aí um novo núcleo visando a integração das funções do antigo Fórum e o acolhimento de novos edifícios públicos, alguns de carácter religioso, tal como os mencionados *Tarentum* e a Área Sagrada (actual Largo Argentina).²⁰

b) República Oligarquica - III a.C. até à segunda metade do séc. II a.C.

Na segunda fase republicana Roma localiza-se num ponto estratégico de passagem, epicentro das vias que continuam a conjugar a norte com a Etrúria, a este com a Sabina, a sul com a Campânia e a poente com o porto de Óstia, que proporciona o intercâmbio entre as várias culturas estrangeiras (fenícia, grega e síria). Contam-se, nas vésperas das Guerras Púnicas, 100 000 habitantes a viver na cidade, oriundos das diversas culturas envolventes ao invés da *origem pura* dos fundadores da primeira República.

Numa fase mais segura, e perante o movimento associado a uma evidente expansão de serviços, o mercado desloca-se para sul entre o rio Tibre e o Capitólio, enquanto o Fórum mantém o centro político, jurídico e de negócios.²¹ Estamos perante um centro moderno onde se assiste a uma ostentação de riqueza e poder através da arquitectura, numa espécie de atracção visual de habitantes e estrangeiros a uma cidade cosmopolita, como Roma era.²²

A ocupação das áreas novas e reestruturação das mais antigas, por efeito de novos e idóneos critérios, determinou uma organização mais equilibrada da cidade, articulada nos seus eixos fundamentais. No fim do II século, o recinto urbanístico de Roma estendia-se por 500 ha de território limitado por uma muralha com 11/12 km.²³ Com um evidente crescimento populacional, agora com cerca de 300 000 habitantes resultante da anexação de novos territórios, a parte alta é reservada aos patrícios e a baixa aos plebeus, perto dos anteriores pântanos, naturalmente a área menos salubre.

A contínua necessidade de novo casario direcciona a expansão urbana para sul. Associado a este fenómeno reforçado, pela existência das estradas *consolari Appia, Collatina e Tuscolana*, também foram ocupadas as áreas livres na zona oriental. Rectificaram-se os primitivos percursos dos cumes, como a *Alta Semia* e o *Vicus Patricius* (actualmente as vias XX settembre

¹⁹ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 28

²⁰ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 28

²¹ ALLEGRA, Daniela Pasquelli d’; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 28.

²² BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999, p. 140.

²³ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 28.



- | | |
|----|----|
| 5 | 6 |
| 7a | 7b |
- 5 - Fresco de uma paisagem urbana proveniente do *cubiculum* da *villa* de Públio Fânio Sinister, em Boscoreale. Pela sua extravagância, mesmo não sendo a imagem de Roma poderá ser imaginada como tal. (L.7)
- 6 - A partir do Capitólio, estas são as ruínas do fórum romano.
- 7a - *Insula* no Capitólio. Maquete da casa romana localizada à esquerda da escadaria de *Ara Coeli*. A maquete mostra uma casa passível de possuir 3 a 6 pisos de habitação e lojas no piso térreo. (L.8)
- 7b - Ruínas do *Insula* na base do Capitólio, do século II.

e urbana) e abriram-se novas vias. Estas seriam convergentes com portas novas como a *Celimontana*, reconstruída durante a rectificação da muralha serviana enquanto se reestruturavam as ligações ao Fórum, com a abertura de novas estradas como a *Via Nuova* e a rectificada *Via Sacra*.²⁴

Com a deslocação das portas pela reconstrução da muralha, novos tecidos urbanos nascem em Collina, Viminal, Esquilina e Celimontano, enquanto, no centro, algumas das funções se alteram. Acrescentam-se algumas funções ao fórum principal enquanto se eliminam zonas residenciais. Com isso facilitaram o desembarque directo nos fóruns *Halitorium* e *Boarium* gerando zonas amplas de actividade colectiva.²⁵

Apesar de entre os séculos V e IV a.C. se registar uma escassa actividade construtiva, os séculos posteriores, III e II a.C., foram reflexo de notáveis investimentos desenvolvidos, sobretudo, por motivos políticos. Um enorme impulso construtivo ocorreu em termos técnicos e arquitectónicos.

A política urbana da última República notabiliza-se sobretudo pela actividade das personalidades políticas de Silla, Cesare e Ottaviano. Tentando melhorar a política urbana em detrimento do aumento da força política, foram pessoas sensíveis ao problema da habitação popular. Esta estratégia, seria recuperada novamente, na época fascista em pleno século XX como a seguir estudaremos.

Império Romano tornou-se a designação utilizada por convenção quando referimos o estado romano nos séculos posteriores à reorganização política efectuada pelo primeiro imperador, César Augusto.

A Roma dita imperial era um enorme complexo com uma população a exceder o milhão, maioritariamente a viver em parcas condições. Pelas alterações sentidas a nível arquitectónico e urbano a par da respectiva legislação este período é compreendido por duas fases que em conjunto determinam a nova fisionomia da cidade.

A primeira fase, compreendida em grande parte no I século, de 14 a 98, destaca-se pelo amplo processo de renovações urbanísticas que progride por sucessivas e inteligentes descentralizações e consequentes divisões, incluindo zonas periféricas. Deste modo são valorizadas as zonas do Vaticano, Castro Pretório, Latrão e as centrais do Palatino e Célio.²⁶

Essa expansão exhibe-se concretamente em dois monumentais complexos. A noroeste, com as Termas de Nero, o Anfiteatro Cláudio, o Estádio Domiciano, o *Porticus Divorum* e o Circo Neroniano, enquanto, na zona sudeste, se constrói o Coliseu acompanhado de outros equipamentos como as Termas de Tito, o Templo de *Divo Claudio*, bem como acampamentos ao longo do aqueduto de Claudio.²⁷ Segundo os dados arqueológicos a contribuição da

²⁴ QUARONI, Ludovico; *Una ciudad eterna : cuatro lecciones de veintisiete siglos*; Fundación caja de arquitectos, 2008 – Barcelona, p. 44.

²⁵ *Idem*, p. 45.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 28.



8a		
8b	8c	8d

8a - Planta em projecção oblíqua de Roma Antiga por Pirro Ligorio, 1561. Cartas como esta, apesar de posteriores à época tratada, revelam um estudo minucioso e elucidam-nos instantaneamente sobre a imagem do autor da cidade Antiga.

8b - Zona de Campo Marzio, com destaque para o mausoléu de Augusto e a coluna Antonina, entre outros monumentais complexos.

8c - Zona de Ostiense, uma das entradas de Roma pela porta Appia, era uma zona residencial, tal como actualmente passados séculos.

8d - Zona do Teatro de Marcello e do Coliseu. Interessante ver a relação da cidade com o rio, o oposto da actualidade.

construção privada no processo de reestruturação urbana, intercalando *insulae* com os grandes complexos foi positiva. Era uma forma de compor as áreas envolventes a esses núcleos. No entanto a miséria dos bairros contrastava com a magnificência dos edifícios públicos construídos por sucessivos imperadores.²⁸

Outra transformação urbana digna de registo teve lugar no tempo de Nero, após o desastroso incêndio de 19 de Julho de 64 d.C. que durou cerca de nove dias.²⁹ Naturalmente os danos englobaram bastantes equipamentos além dos 4000 *insulae* e 132 *domus*. As causas do desastre deveram-se sobretudo às ruas estreitas, aos materiais aplicados nas construções e à excessiva proximidade provocada pela negligência do *ambitus*. Na sequência desta catástrofe, a somar às constantes intempéries que Roma sofria, Nero avançaria um plano regulador que estabelecia várias regras, entre as quais³⁰:

- a) as casas deveriam ser separadas por um espaço intermédio mais alargado, recuperando o uso do *ambitus*, antes negligenciados para fins especulativos;
- b) a construção deveria ser em tijolo, um material dificilmente inflamável;
- c) preferencialmente, os edifícios deveriam ter uma fachada em arcada;
- d) as vias confinadas com *insulae* deveriam ser mais largas por uma questão de salubridade e higiene;
- e) encorajava a construção de edifícios tipo *insulae*;
- f) era estritamente proibida a construção de cabanas e casebres.

Roma tornara-se num estaleiro urbano. De todo o Império convergiam a Roma técnicos, operários, comerciantes, negociantes. A cidade fervilhava e a economia crescia como nunca. Vivia-se uma das épocas douradas de Roma como só voltaria a acontecer na época barroca, naturalmente, por motivos diferentes.

Contudo o plano urbano de Nero permanece incompleto. Embora responda parcialmente ao ímpeto reconstrutivo das zonas atingidas, dedica com maior interesse ao grande complexo da *Domus Aurea*³¹, cuja área e periferia pretende reestruturar o Agro Vaticano constituído pela *Naumachia*, *Circos di Caio e di Nero*.³²

Passada a fase turbulenta, o regulamento de Nero fica ao cuidado de Augusto que não resiste

²⁸ Augusto (43a.C. - 14d.C) é recordado por afirmar ter encontrado uma cidade de tijolo e transformado numa cidade de mármore, elogio justificado por Suetónio, um escritor latino, (69 - 141), ao se sentirem substanciais melhorias na cidade, GRIMAL, Pierre; *La Civiltà dell'Antica Roma*; Newton & Compton Editori, 2004 – Roma, p. 63.

²⁹ Tácito relata que *das catorze regiões em que Roma estava dividida, apenas quatro ficaram intactas (I, V, VI, XIV) Aventino, Gianicolo, Quirinale e Esquilino, três foram totalmente destruídas (III, X, XI) e nas outras sete algumas casas sobreviveram ao incêndio, embora muito danificadas*, ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 30.

³⁰ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il "Diritto Romano" nell'evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 52

³¹ *Domus Aurea* (Palácio Dourado) foi desenhado para tirar partido das paisagens envolventes, uma vez fora do centro, mas perto do coração da Roma Antiga. Este projecto instituído pelo Imperador Romano Nero, foi facilitado após o Grande Incêndio que devastou Roma em 64 d.C., por destruído as habitações aristocráticas das encostas do Monte Esquilino, deixando espaços livre.

³² ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 32.



9a	
9b	9c
10a	10b

- 9a - Zona de implantação do Teatro de Pompeio de 55 a.C, no *Campo Marzio* da actualidade.
- 9b - Planta do Teatro de Pompeio, com lotação para 18 000 espectadores.
- 9c - O lado sudoeste do *Campo dei Fiori* é limitado pelos muros do teatro.
- 10a - Ruínas do Fórum de Augusto, localizado ao lado do Fórum de Trajano.
- 10b - Planta reconstituída do Fórum de Augusto, com destaque para a escadaria de acesso.

à pressão especulativa de proprietários e empreendedores. Por exemplo, a cércea das casas volta a aumentar, sem limites. Em 69, os edifícios chegaram a atingir a altura do Capitólio, correspondente a 30 metros, totalmente desvinculados do regulamento existente.³³

Perante a nova tipologia habitacional, as reacções dos intelectuais atentos às classes populares não se fizeram esperar. Idealizada para maior utilidade e segurança, foi criticada por ao contrário *da antiga cidade, com ruas mais estreitas e mais altas não permitia a entrada do sol, produzia sombra; embora com espaços menores, aqueciam-se melhor*.³⁴ No entanto, incapaz de enquadrar todos as opiniões e satisfazer todas as necessidades, o método neroniano transforma uma cidade completamente arrasada noutra mais salubre.

Com estas mudanças também se altera o carácter social do lugar. Dá-se uma substituição da população plebeia por outra mais rica e poderosa, capaz de comprar ou alugar e manter um *alloggio*, enquanto os mais desfavorecidos são remetidos para a periferia. Este êxodo permitiu a Nero construir a sua *Domus Aurea* nas áreas desocupadas.

Note-se que o Império, em contínua expansão a par de inúmeras guerras necessita de uma capital que ofereça uma imagem à semelhança do seu poder. Esse seria um dos seus objectivos tal como na época barroca será o da cidade à imagem do poder de Deus e, novamente na época fascista, à imagem do regime. Falamos, portanto, da cidade como imagem de diferentes formas do Poder.

Vespasiano³⁵ com o lançamento de dois éditos, obrigaria a construção prioritária sobre as ruínas, mantendo os terrenos vazios e proibiria a demolição de imóveis por questões especulativas, mantendo a cidade contida no espaço necessário sem liberdade de crescimento. Plínio o Velho, por ocasião da *Censura di Vespasiano e Tito* descrevia Roma circundada por uma muralha de 12 km, dividida em 14 regiões e com 265 cruzamentos de vias principais.³⁶

Os repetidos incêndios acabaram por eliminar os bairros insalubres e amontoados realojando-se os cidadãos pobres noutras condições, ao mesmo tempo que diminuía o número de ricos com usufruto pleno e privado de enormes áreas livres de jardim. Ocorre uma mudança reduzindo-se o fosso entre as classes.

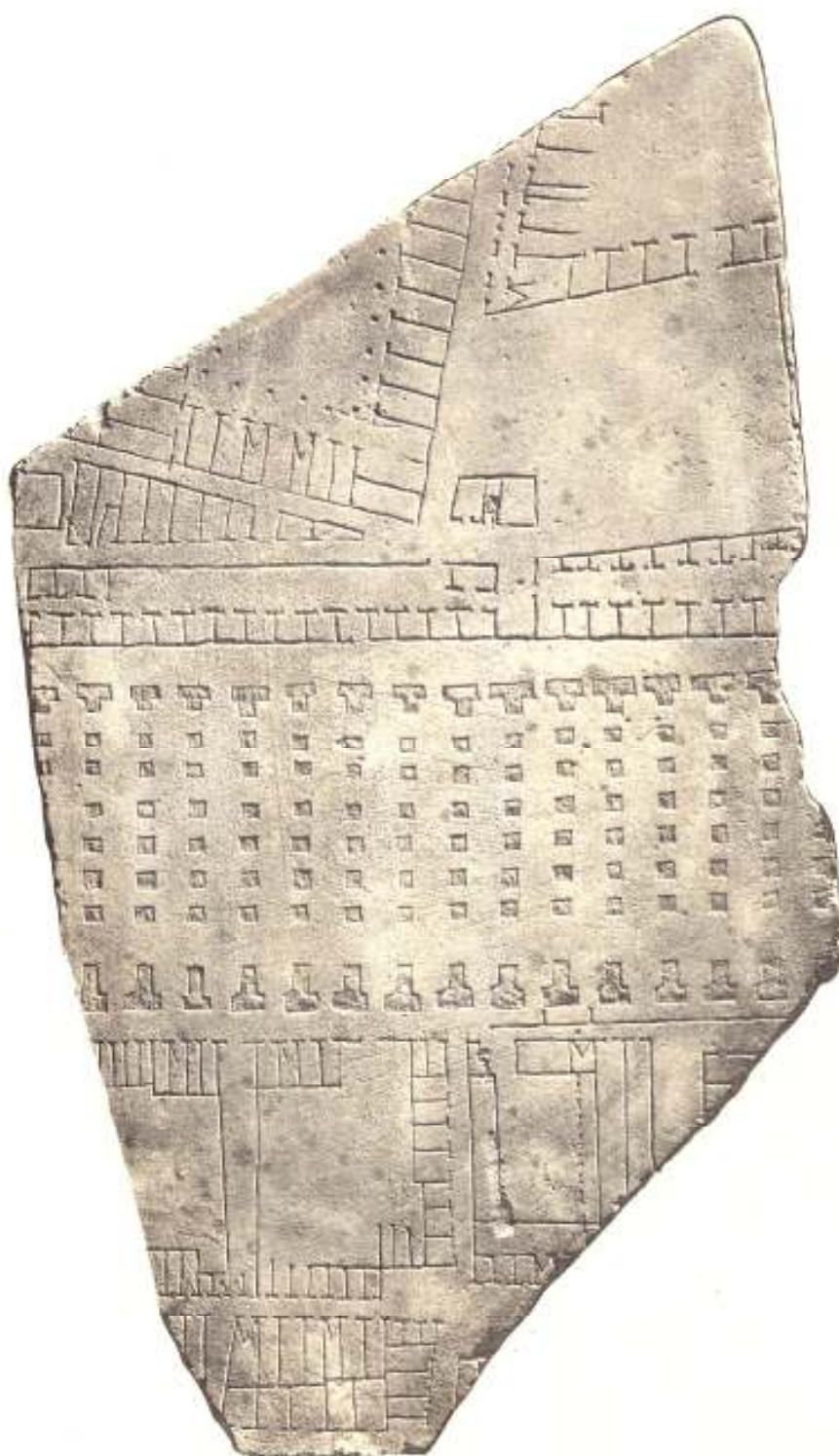
Na segunda fase imperial, Roma foi objecto de um conjunto de obras públicas, desde o Vaticano ao Castro Pretório e Latrão, incluindo o contínuo esforço construtivo na *Domus Aurea* que já se estendia de Célio ao Palatino. Após a morte de Nero houve mudanças políticas dos planos, passando a ser estabelecido que a importância da necessidade pública antecede a privada. No entanto esta intenção viria a ser insuficiente para solucionar a

³³ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 32.

³⁴ QUARONI, Ludovico; *Una ciudad eterna : cuatro lecciones de veintisiete siglos*; Fundación caja de arquitectos, 2008 – Barcelona, p. 60.

³⁵ Ver cronologia em anexo.

³⁶ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 32.



11 - Fragmento da planta marmórea de Roma no tempo de Settimio Severo, 203/211.

descontinuidade existente entre várias zonas da cidade.³⁷

Referimo-nos à evidente descontinuidade urbanística entre o centro político (Quirinale, Viminale, Oppio, Célio, Aventino, Capitólio e Ilha Tiberina) e o mais recente centro monumental de *Campo Marzio* separado pelo afloramento rochoso que unia o Quirinal ao Capitólio.

Protagonistas na resolução desta *lacuna urbana* são Trajano³⁸, promotor do programa novo de estruturas públicas e Apolodoro di Damasco³⁹ que através do seu pensamento moderno concebeu os novos fórum e mercados de Trajano. O imperador concebia a zona comercial como uma extensão do seu centro administrativo e cultural, reunindo as principais funções urbanas no novo centro cosmopolita.

Entre 107 e 113, Trajano construiu ao lado do fórum de Augusto um gigantesco fórum com 300 metros de comprimento por 185 de largura, a suplantar os fóruns antecessores. *Para isso, arrasou, em obra de engenharia impressionante, a língua de terra que ligava o Quirinal ao Capitólio, criando um pequeno vale artificial que deu a Mussolini o pretexto para rasgar a sua Via dell'Impero, hoje via dei Fori Imperiali. Dotou-o de uma enorme praça marcada por colunas..., uma basílica..., uma ampla biblioteca dividida por dois edifícios e, entre estes uma coluna colossal, a coluna de Trajano, que celebrava, num friso que se ergue em espiral até à estátua de bronze dourado do imperador, os episódios da conquista da Dácia.*⁴⁰

Através de um ambicioso programa público e uma original implantação das construções, Trajano consegue uma auspiciosa fusão entre o centro público tradicional e a zona do *Campo Marzio*, um importante centro residencial. Trajano fez mais, no exterior do fórum mas adjacente a ele, construiu encostado ao *Quirinale*, um conjunto comercial, um elemento importante para se compreender como se vivia em Roma no século II da nossa era.

*Como o resto é uma ruína, os Mercados de Trajano erguem-se como um testemunho, singularmente bem preservado, da visão do imperador. São uma harmoniosa construção em tijolo disposta em hemicírculo, encostada à colina, oferecendo ao visitante, como dezenas de olhos abertos à curiosidade do seu próprio mistério, cinco andares de lojas, que devem ter constituído uma das maiores áreas comerciais de retalho da Antiguidade – e um curioso precursor do conceito oitocentista de shopping arcade, mais do que do contemporâneo de shopping mall.*⁴¹

Durante quase um século, Roma viveu um período de apogeu, afirmando-se como potência

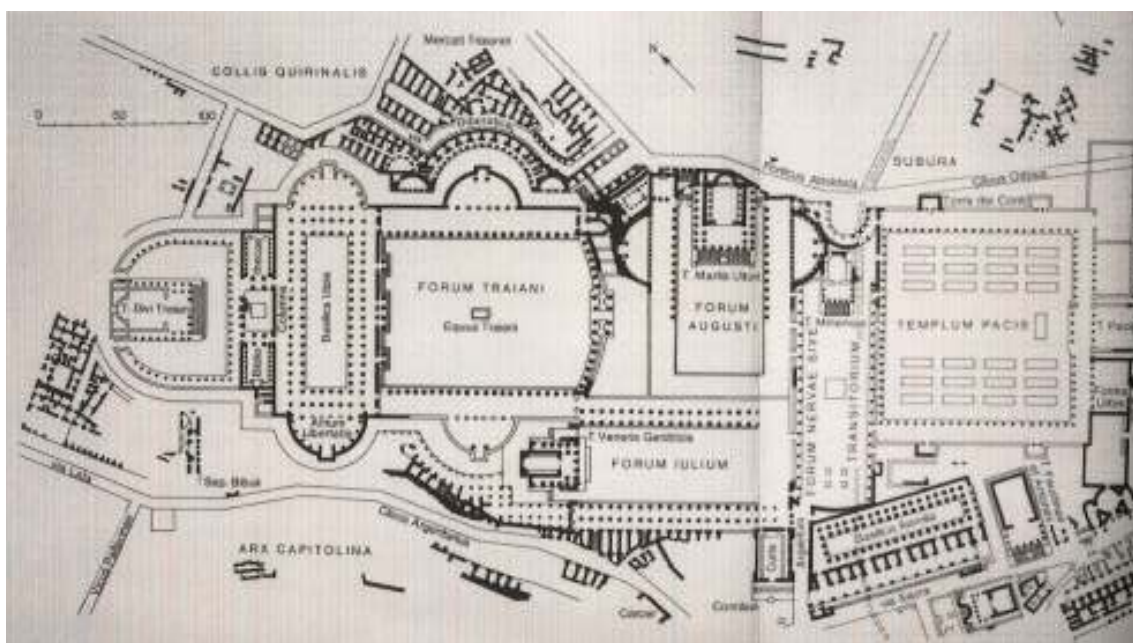
³⁷ BENEVOLO, Leonardo; *História da Cidade*; Editora Perspectiva, 1999, p. 140.

³⁸ O imperador Trajano foi o primeiro imperador estrangeiro alargando-se horizontes para uma nova era, onde a participação cidadã romana nos altos escalões do império passou a ser mais abrangente. Realizou novos projetos arquitetónicos e reformas em educação e agricultura, a ponto do Império atingir a sua maior extensão.

³⁹ Apolodoro de Damasco (65 d.C. - 125) foi um dos arquitectos mais notáveis do Império Romano. Como arquitecto oficial do imperador Trajano, foi responsável pelas construções mais importantes, mantendo sua posição no início do governo do imperador Adriano, MASO, Leonardo B. dal; *Roma dos Césares*; Bonechi Edizioni, 1996.

⁴⁰ FERREIRA, António Mega; ROMA, *Exercícios de reconhecimento*; Sextante Editora, 2010 3ª edição – Portugal – pg 20

⁴¹ *Idem*, p. 22.



12a	12b	12a - Ruínas do mercado de Trajano.
12c		12b - Reconstituição através dos fragmentos da planta marmórea e das descobertas arqueológicas do Fórum de Trajano.
13		12c - Obra colectiva que rasgou a colina Quirinal, interligado-se o Fórum Imperial ao Campo Marzio.
		13 - Via do Fórum criada durante o regime fascista, dividiu os fóruns resultando numa <i>ferida urbana</i> e arqueológica.

hegemónica no mundo conhecido. A decadência posterior realça aos nossos olhos o papel diverso mas complementar dos Antoninos: eram bons militares, sábios gestores, cultos e iluminados. Foram eles, com calculismo e ambição, que deram à cidade o desfogo de uma grande metrópole imperial, atingindo o seu máximo esplendor e um milhão e duzentos mil habitantes.

As *Termas de Caracalla*⁴² a par da *Via Nuova*⁴³ são elementos urbanos significantes com o intuito de transformar a zona meridional da cidade numa área habitacional confortável e um novo ponto comercial numa das entradas da cidade. Mas Roma começara a ressentir-se e este gesto urbano nunca se concretizaria integralmente, permanecendo um vazio verde pontuado de ruínas até hoje.

A intenção urbana de colocar num ponto estratégico os edifícios públicos é recorrente por toda a história urbana de Roma. Repete-se na época barroca em redor de uma nova ponte de acesso ou na contemporaneidade ao criar equipamentos como o *Parco della Musica*. Roma identifica-se com este estilo de expansão de cidade aplicado e adaptado aos tempos modernos, e em harmonia com as restantes partes. No entanto, também dá pretexto a que se formem vazios urbanos, um dos temas em estudo nos planos reguladores actuais.

Com a contracção populacional e a insegurança eminente, termina o espírito de *cidade aberta* a todos os Romanos. Aureliano⁴⁴ realiza o maior projecto urbanístico e cenográfico da época, a última muralha de Roma, por sinal limite do centro histórico de Roma actual. A proteger o coração do império, deveria reflectir a imagem do Império para os tempos vindouros. No fim de contas esta muralha resulta no alargamento do pomerio até aos seus limites. A cidade aumentara de tal modo, que a soma das distâncias entre o *militare áureo*⁴⁵ no *Foro Roma* a cada uma das 36 portas da cidade era de cerca de 35 km em linha recta. A acrescentar à elevada cénica dos edifícios construídos, Plínio concluiu que não existia cidade com amplitude como Roma.⁴⁶

Neste âmbito analisemos a primeira planta geométrica de Roma existente, mais conhecida por *Forma Urbis Romae*. Criada na época de Septímio Severo entre 203 e 211, media 18 metros de largura por 13 m de altura e foi esculpida em 150 placas de mármore. Montadas numa parede interior do *Tempio della Pace* e orientada a sudeste, representa a cidade do início do século III.

Desenhado na escala aproximada de 1 para 240, o mapa era suficientemente detalhado para incluir as plantas de quase todos os templos, termas e *insulare* da cidade romana central. Os

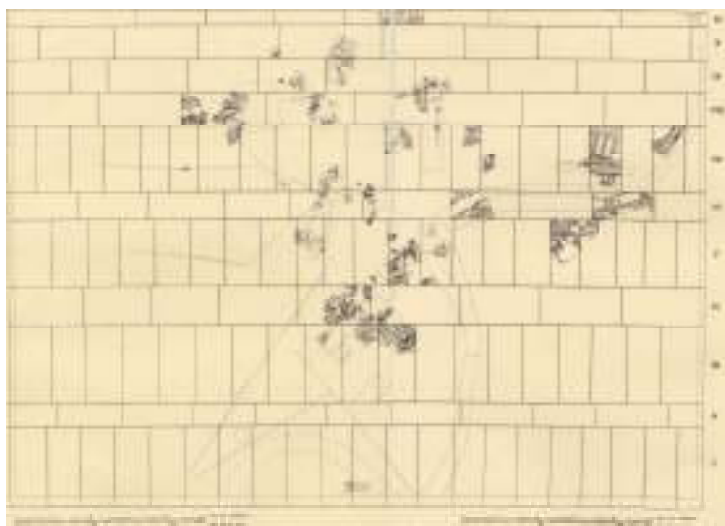
⁴² Construídas entre 212 e 217, inaugurada durante o governo do imperador Caracala, são exemplo das grandes termas imperiais. Actualmente, apesar da parcial existência de ruínas, fascina pela sua escala, reflexo da escala do Império numa obra arquitectónica, mote para uma reflectirmos sobre vários aspectos.

⁴³ Estrada de acesso à cidade, paralela à pioneira *Via Appia*.

⁴⁴ Imperador romano de 270 a 275.

⁴⁵ Coluna de mármore erigida no fórum Romano, revestida a bronze, onde estão inscritas as distâncias de Roma às principais cidades do Império.

⁴⁶ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 35.



14a	14b
15a	15b
16	

14a - Fragmentos da Planta Marmórea no tempo de Settimio Severo, 203/211, que correspondem ao *porticus Liviae* e às *Thermae Traiani*.

14b - A este fragmento associa-se à zona da Via Portuense.

15a - Reconstrução da Planta Marmórea por parte de Guglielmo Gatti, composto numa grelha esquemática que representa a montagem das placas.

15b - Pormenor de Campo Marzio, reconstituída através de parte das 1034 peças encontradas. Muitas delas ainda se desconhece a que zona da cidade se associavam.

16 - Roma Antiga por G.A. Lévêil e Carlo Dezobrey, 1847.

limites do plano corresponderam ao espaço das placas ao invés de se basearem nos limites geográficos ou políticos como é usual.⁴⁷

Os edifícios são configurados segundo a estrutura mural portante do plano térreo, desenhada a fios de ferro, com várias convenções gráficas a distinguir os espaços. Por isso é perfeitamente possível distinguir os espaços internos dos externos, os privados dos públicos. Segundo Frutaz sabe-se que a administração possuía plantas mais antigas embora nenhuma se tenha conservado até à actualidade.⁴⁸

Não podemos descurar a disseminação do cristianismo nos meandros da cidade. Finalmente oficializado como religião, estará de mãos dadas com o poder político o que de certo modo influenciará parte dos acontecimentos urbanos de Roma. No *Declínio e Queda do Império Romano*, Gibbon⁴⁹ apresentava uma famosa perspectiva cínica sobre a atitude de Roma perante a religião. *As várias formas de veneração que prevaleciam no mundo romano eram consideradas pelo povo igualmente verdadeiras; pelo filósofo igualmente falsas; e pelo magistrado igualmente úteis. E assim, a tolerância gerava não só a mútua indulgência mas também a concordância religiosa.*⁵⁰

Num império onde a vida humana de cada pessoa era considerada tão trivial e irrelevante, não nos deveremos surpreender com o rápido crescimento de um novo culto religioso. Quando Jesus de Nazaré e o procurador *Pôncio Pilatos* se enfrentaram na basílica de Jerusalém – por volta do ano 30 – o poder estava do lado de Pilatos. No entanto, Jesus tinha o poder de uma ideia. A sua mensagem de que toda a vida era preciosa, abordava uma necessidade humana que os Césares não conseguiam preencher.⁵¹

Ajudados pela facilidade de deslocação e pela tolerância geral a novas religiões no seio do Império, os primeiros cristãos converteram a pouco e pouco, o mundo romano. Vitorioso, Constantino emitiu o seu famoso édito em prol da tolerância. Muito mais tarde, no leito da morte foi baptizado, tornando-se o primeiro imperador cristão de Roma. O poder estava a mudar de mãos – o mundo ocidental viria a ser dominado pela Igreja Cristã e pelo seu bispo romano – o Papa.⁵²

Enquanto o Império Romano se afundava, o cristianismo preservaria para sempre grande parte do esplêndido legado de Roma como a língua, a literatura, a arquitectura e a engenharia.

⁴⁷ FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Piante di Roma*; Instituto di Studi Romani, 1962 – Roma.

⁴⁸ *Ibidem*.

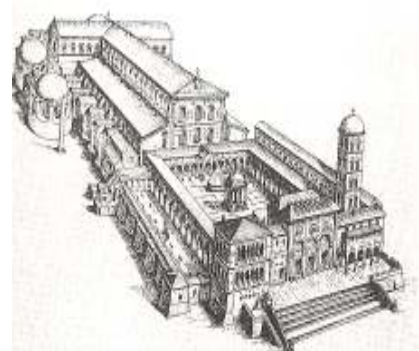
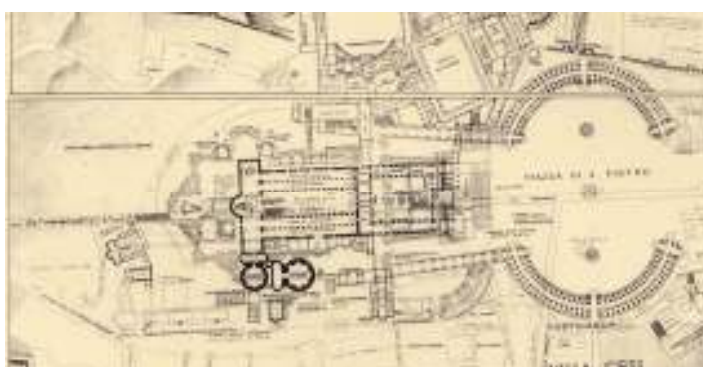
⁴⁹ Edward Gibbon foi historiador do século XVIII.

⁵⁰ QUARONI, Ludovico; *Una ciudad eterna : cuatro lecciones de veintisiete siglos*; Fundación caja de arquitectos, 2008 – Barcelona.

⁵⁰ FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Piante di Roma*; Instituto di Studi Romani, 1962 – Roma

⁵¹ GRIMAL, Pierre; *La Civiltà dell'Antica Roma*; Newton & Compton Editori, 2004 – Roma , p. 290.

⁵² ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p. 43



- | | |
|-----|--|
| 17 | 17 - Roma antiga por Rodolfo Lanciani, 1893/1901. É interessante por conciliar na mesma carta a representação topográfica, a cidade imperial e a contemporânea, de forma sucinta através das vias ou monumentos principais. Através de um código de cores entre o preto, vermelho e azul, associado respectivamente à planta imperial, à topografia e cidade actual. |
| 18 | 18 - Vista sobre o fórum romano. |
| 19a | 19a - Roma por Rodolfo Lanciani na zona do Vaticano, com a planta reconstituída da basílica de S. Pedro no reinado de Constantino sobre a planta da basílica actual. |
| 19b | 19b - Axonometria Basílica constantina de São Pedro do Vaticano (Touring Club 1961, 127) |



Não eram desprovidos os deuses e os homens que escolheram este lugar para fundar a cidade
Tito Lívio (*Ab Urbe condita*, V, 54)¹

Estudadas as diferentes etapas de desenvolvimento urbano de Roma faltava-nos idealizar a génese desta grande obra. De facto Roma é um conjunto de intervenções, transversais ao tempo, tal como o são praticamente quase todas as cidades, mas esta em especial conseguiu guardar de cada fase o seu propósito e interesse até hoje. É possível interagir hoje com diferentes planos urbanos sobrepostos entre si, enquanto Roma foi desempenhando diferentes funções tanto a nível económico como político, a par da evolução da sua sociedade.

Ao longo de um ano de estadia em Roma, fui sistematicamente indagando como surgiu esta cidade e porque continua a fascinar viajantes e estudiosos de todos os tempos.

De certa maneira, a curiosidade de aprofundar e esclarecer essa questão foi um dos impulsos à elaboração deste estudo. A partir de que princípios ou necessidades se desenvolve uma metrópole, que por sinal, mantém traços de todas as épocas, coadunando-as entre si?

Contrariamente à análise das outras fases, o estudo desta não se baseia na cartografia pela inexistência de qualquer tipo de gravura ou planta. Os textos dos antigos historiadores que tiveram um contacto mais próximo com essa era e os estudos contemporâneos formulados na procura da Roma antes de ser Roma são os nossos guias. Tal como Piranesi imaginara Roma Imperial, sob um posto de vista pessoal, a partir do que tinha estudado, nós simularemos a Roma Arcaica com os meios técnicos actuais. Com este exercício criamos a oportunidade de reflectir intensamente sobre a geografia e as razões da escolha do lugar, tema permanente em arquitectura de todas as eras e civilizações.

A morfologia do solo romano incentivou as primeiras fixações, talvez precedentes das grandes migrações que investiram na península itálica no século XIV a.C., entre finais da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro.

O núcleo do sistema urbano desenvolve-se ao longo do rio Tibre, nas suas margens de pouca variação altimétrica. Possuía um relevo resultante do antigo aparelho vulcânico Lacial, como os montes Tiburtinos e os montes Prenestrinos, variando entre os 13 m ao nível médio do mar, a par da actual *piazza del Popolo* e os 120 m do monte *Mario*², no meio dos quais se encontrava a ilha *Tiberina*. Roma também é atravessada pelo rio *Aniene* que conflui no *Tevere* a norte, para além dos vários afluentes que criavam um extenso pantanal, no *Campo Marzio*. De facto a presença do rio com a modesta distância de 20 km até ao mar, a existência de relevo pouco acentuado, a riqueza natural dos bosques e dos pântanos, são

¹ ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma, p.13.

² Localizado a noroeste da cidade, a cerca de 2,5 km da actual *Piazza del Popolo*, este monte não pertence ao grupo das sete colinas por se localizar fora dos limites da cidade arcaica.

características, por vezes peculiares, que definem a posição estratégica do lugar, naturalmente ponto de conexão a norte com *Etrúria* e *Sabina*, e a Sul com a *Campânia*, a meio da península.

Roma será uma cidade suficientemente próxima do mar para intercâmbio comercial e distante o bastante para se precaver dos perigos constantes tais como invasões de povos inimigos.

*É de crer que o modelo urbano de cidade constituído não fosse estritamente uma criação romana. Na realidade Roma projecta alguns reflexos da cidade grega que assimilou nos primeiros momentos da sua existência, quando as aldeias assentes em diversas colinas nos arredores da ilha tiberina protagonizam o processo de formação da cidade, assumem um papel essencial nas inovações introduzidas pelos etruscos, que assimilaram elementos do modelo grego no contexto da difusão da cultura oriental.*³

Nos séculos precedentes à fixação dos colonos gregos na península Itálica, o território já era habitado por várias povoações com cultura, língua e hábitos de vida diversos. No entanto o padrão de vida das comunidades centrais era influenciado pela refinada civilização etrusca, com avançada extracção mineira, fabrico metalúrgico e joalharia, e, sobretudo pela animada religiosidade ritual que foi capaz de prever a fundação da cidade e a construção de templos, reflexo da sua sensibilidade.

A descoberta de fossas de incineração no Fórum Romano e no Palatino provam a existência de aldeias no lugar de Roma desde o século X a.C. As urnas funerárias em formas circulares ou elípticas reproduzem as choupanas dos habitantes das colinas no início da Idade de Ferro, relacionadas com as aldeias dispersas pelas colinas antes do século VIII a.C. ocupadas por latinos.⁴ Inicialmente eram populações compostas por pastores e camponeses que progressivamente criaram um ponto comercial para troca de produtos, charneira entre o mar e as povoações do interior e confederavam em situações de perigo de invasões.

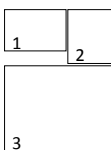
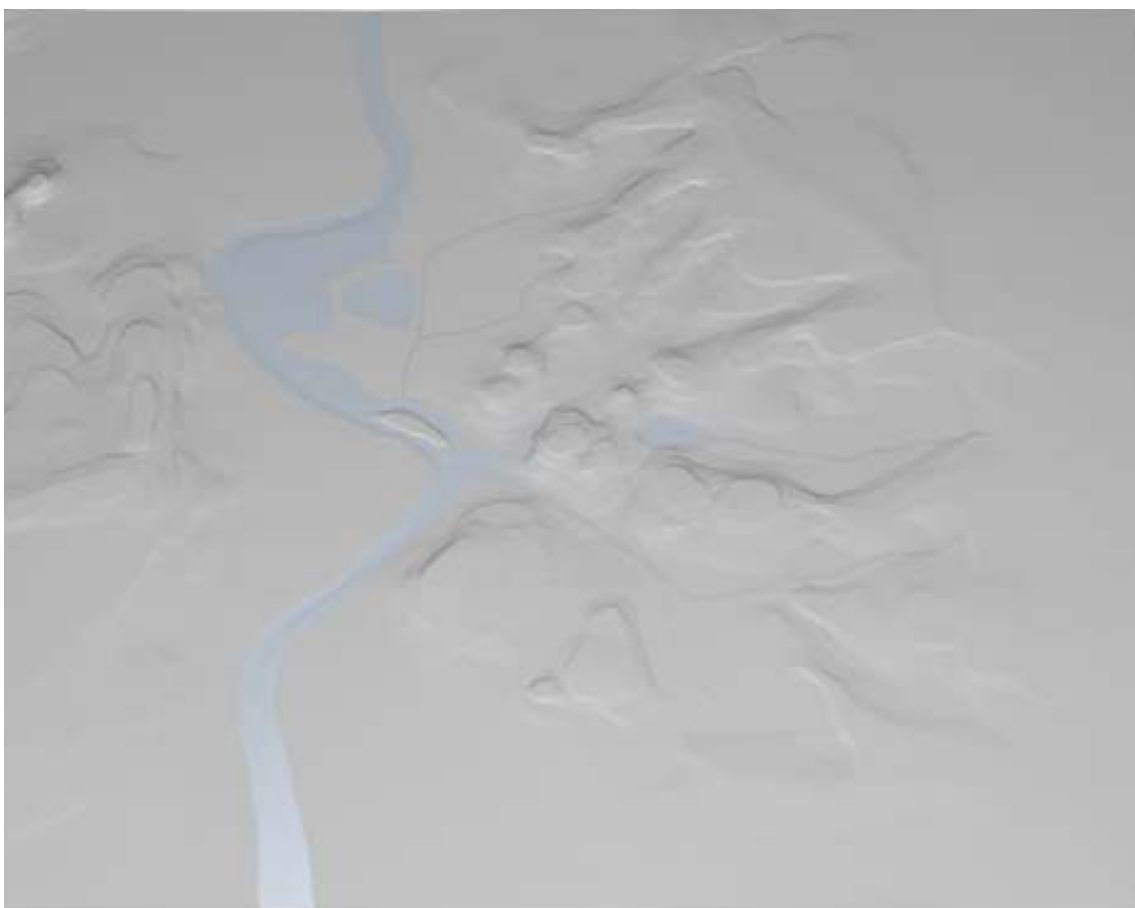
A acompanhar este processo de sedentarização, novos sulcos são rasgados, provavelmente a partir da passagem de povos primitivos, ampliadas e melhoradas ao longo do tempo. Constituem *a posteriori* a base fundamental para o património romano de ligações viárias: *la Cassia* e *la Flaminia* com o norte, *la Salaria* e *la Valeria* para nascente, *la Latina*, *l'Appia* e *l'Ardeatina* para sul.

É certo que a origem de grande parte dessas novas estradas é influenciada pelo ponto comercial referido, localizado nas proximidades da ilha *Tiberina*.⁵ Partindo de encontro aos diversos aglomerados, são ideais para escoar produtos e movimentar pessoas compondo uma estrutura determinante na implantação da cidade antiga, que assume uma lógica urbana radial e acidentada.⁶

³ GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; *Roma y la urbanización de occidente*; Arco Libros, 1997 – Madrid, p.14.

⁴ LIBERATI, Anna Maria; *Evoluzione Urbanistica di Roma dall'Età Arcaica al Tardo Impero Attraverso il Diritto e le sue Fonti*; .p.266.

⁵ O vau do rio Tevere, mais exactamente depressão del Velacro, essencial no atravessamento do rio é propício à fundação de um porto fluvial.



1 - Região de Roma enquadrada no Mar Mediterrâneo, ou *mare nostrum* como era conhecido. Roma era privilegiada pela centralidade perante os territórios vizinhos.

2 - Roma também se localiza a meio da península Itálica, epicentro da estrutura viária existente e melhorada paulatinamente.

3 - Maquete virtual da topografia de Roma. Facilmente distinguimos as sete colinas, os pontos geográficos da criação da cidade e com esta técnica podemos também simular o rio com as enchentes periódicas.

O período histórico dos séculos XIII-IX a.C. obriga-nos a reflectir sobre as condições de vida das populações locais e traçar um *esquisso* contemporâneo do nascimento urbanístico da cidade arcaica. Nesses primeiros séculos (XIII-XII a.C.), certas exigências incentivaram a concentração gradual nas partes altas das colinas. A configuração do terreno, a hostilidade do lugar e a necessidade de protecção levou a uma segunda fase de associação comunitária de aldeamentos separados pelas várias colinas com as respectivas tradições, costumes e línguas.

A ideia de *villa-estado* pode-se formar aqui, influenciada no modelo fornecido pelas vizinhas e prósperas cidades etruscas e sabinas. A sua organização administrativa está ligada a uma indiscutível lógica de actividade mercantil conjugada num processo natural da actividade humana em favor das relações sociais. Neste contexto, surgiu um ritual periódico de reuniões colectivas – a festa *del septimonium*⁷ – que permitia conjugar plenamente os interesses comuns sem interferir com a independência dessas comunidades.⁸

No entanto, a estas populações contrapõe-se sucessivamente outros aglomerados que ocupam as partes baixas, na base das colinas. Populações menos afortunadas compostas por aventureiros, pequenos comerciantes, rebeldes até, deram vida a uma comunidade pagã. Estas comunidades mostram uma total ausência de coesão, originando aglomerados humanos desordenados e caóticos que aumentam a necessidade de proteger as referidas urbes, com muralhas, fosso e outras defesas do género, reflectindo-se numa consciência hierárquica social (XI-X a.C.).

A partir do século IX a.C., torna-se necessária a união dos vários núcleos urbanos independentes e autónomos entre si, protegidos por muros com o mínimo de duas portas de acesso somente ligados viariamente. Com esta noção importa referir que o monte Palatino era habitado por gente de origem latina, os *Ramnes*; os montes Esquilino e Quirinal habitados por sabinos, os *Tities*; e os montes Gianicolo e Célio por etruscos, enquanto os vales e depressões do terreno são ocupados pela população mista de várias origens.⁹

Este cunho tribal mantém-se intacto até à invasão gaulesa de 390 a.C.,¹⁰ deixando como herança uma malha urbana, por consenso geral, reflexo prevalente de um carácter descentralizado numa população heterogénea e diversificada. Importa salientar que os etruscos detinham o sentido de construção do *pomerium*, segundo Lívio¹¹, uma zona de respeito limitada por muros, sem permissão para cultivo nem construção de casario, que invariavelmente inculcaram aos povos sucessores.

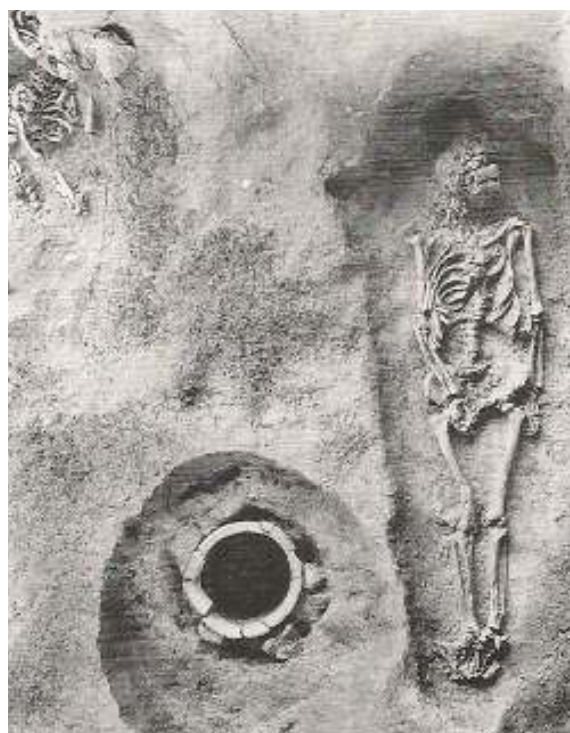
⁶ Apesar da inexistência de registos escritos, os estudos baseiam-se em vestígios arqueológicos, fonte segura de documentação histórica para formular uma hipótese interpretativa do desenvolvimento cultural da primeira fase da cidade.

⁷ Celebrado a 11 de Dezembro sobre as 7 colinas: *Palatium, Velia, Fagutal, Subura, Cermalus, Caelius, Oppius, Cispius* (esta última anexada noutra etapa de desenvolvimento, sem alterar o nome da festividade). FONTE

⁸ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.45

⁹ *Idem*, p.46.

¹⁰ Onde Lívio (VI, 1) nos diz que durante essa invasão foram destruídos praticamente, no incêndio da cidade, todos os registos dos pontífices, tal como os outros documentos públicos e particulares. - RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*.



4	5
6	

4 - Necrópole Arcaica, localizada entre o templo de Romulo e Templo de Antonino e Faustina, no fórum romano. (1957)

5 - Fruto do trabalho da arqueologia, parte do que sabemos tem que ver com as relações que se tiram em algumas descobertas, como este esqueleto que nos revela um pouco o modo de vida da época.

6 - A partir das descobertas referidas, criou-se um modelo em maquete de um aldeamento romano. Proposta baseada nos vestígios funerários da implantação dos pequenos aglomerados populacionais e respectivo sistema viário.

NASCIMENTO DE ROMA—ROMA QUADRATA

De todas as colinas da área, a do Palatino salienta-se pela sua posição privilegiada para vigia e acesso rápido ao vau do rio, à ilha Tiberina e à margem oposta¹², reforçado pela defesa natural da sua escarpa, essencial para a implantação segura de meios urbanos.

Recentes vestígios descobertos no Palatino permitem aos arqueólogos afirmar que a primeira cidade de Roma remonta ao século VIII a.C.. Segundo Salles, esta descoberta permite deduzir que a vila do século IX a.C. encontrada em Germal¹³, com choupanas circulares ou elípticas e protegida por uma muralha de terra e madeira, seja a origem de Roma.¹⁴ Confirmaria os relatos dos historiadores romanos de outrora.

O território dessa vila era cercado por uma fronteira sagrada, o *pomerium*¹⁵, que delimitava a chamada *Roma Quadrata*. Esta expressão tinha dois significados: o mais amplo refere-se à cidade em forma de quadrado fundada por Rómulo na colina do Palatino, conforme o rito etrusco, e o segundo alude a um monumento ritual. À medida que Roma se tornava cidade fortificada seriam incluídos posteriormente o Capitolino e a ilha Tiberina.

De facto na obra *Vida de Rómulo*, Plutarco¹⁶ refere-o como o fundador que encaixou uma relha¹⁷ de bronze numa charrua e, jungindo a ela um touro e uma vaca, traçou uma linha ou sulco ao redor dos limites; todos os outros que o seguiam encarregavam-se de pôr tudo o que a charrua levantava no interior do recinto, de modo que nenhum montinho de terra ficasse de fora. Com este sulco definiam o muro; e no local em que planeavam fazer um portão, levantavam a relha, passando a charrua por cima, e deixavam um espaço; por esta razão consideram a muralha sagrada, excepto o local onde estão os portões.¹⁸

Para Marta¹⁹, este parágrafo representa uma continuidade do urbanismo etrusco por parte dos romanos, baseado num ritual. É descrito o rito de fundação através da observação de cerimónias tradicionais, que se deduzem serem oriundas desses ritos culminando na abertura do *sulcus primigenius*. Segundo Tacito²⁰ o *pomerio* trapezoidal do Palatino era um recinto amuralhado com uma extensão de 1500 m e pontuado por 3 portas – Romanula, Mugonis e

¹¹ Tito Lívio, nascido em Pádua (59 a.C. - 17), é o autor da obra *Ab urbe condita* (Desde a fundação da cidade), onde tenta relatar a história de Roma desde o momento tradicional da sua fundação 753 a.C. até ao início do século I da nossa era.

¹² Pelos vestígios arqueológicos encontrados na margem direita do rio *Tevere* é provável que fosse habitada pelos etruscos. - RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*.

¹³ É uma das colinas mais baixas do grupo *Palatinus*.

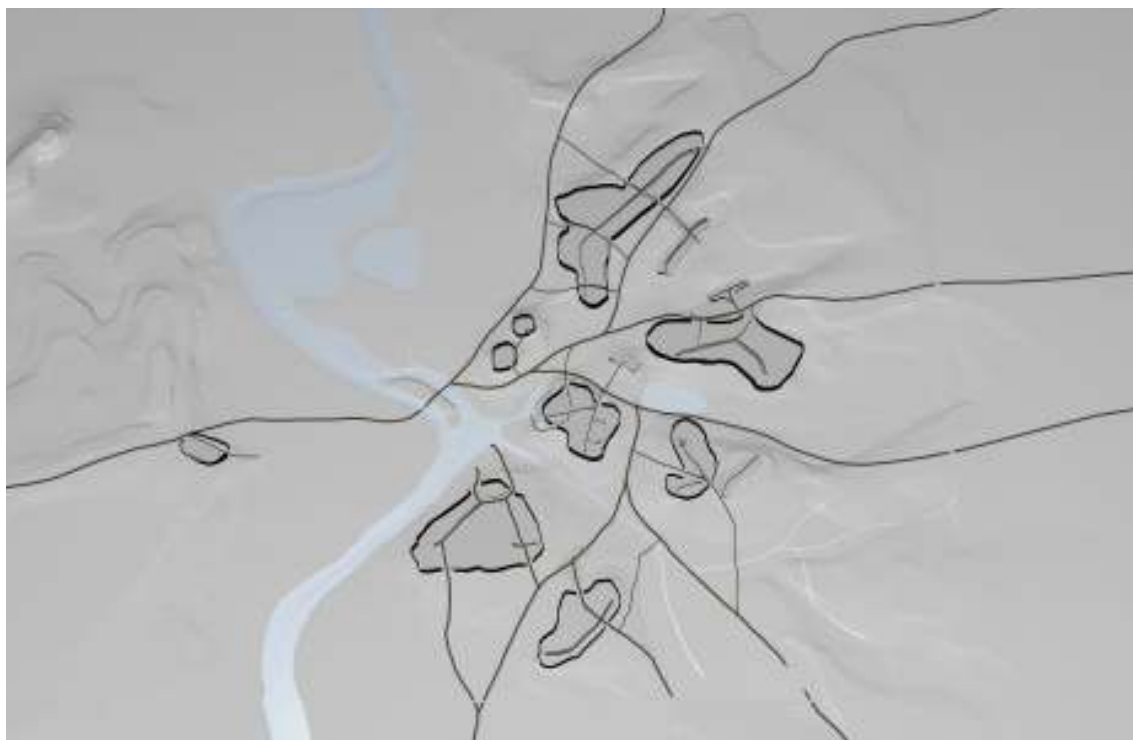
¹⁴ SALLES, Catherine; *Larousse das Civilizações Antigas*; 1ªed. São Paulo-Larousse, 2008, p.34.

¹⁵ O pomério delimitava a cidade do subúrbio, distinguindo duas realidades urbanas. Juridicamente, Roma só existia dentro do *pomerium*, tudo além dela eram simplesmente terras pertencentes a Roma, e para certos historiadores, também contemplava a zona sagrada da cidade. - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; pg.16

¹⁶ Plutarco de Queroneia, filósofo e prosador grego, nascido em Queroneia no século I, produziu um conjunto de biografias de personalidades importantes, na Antiguidade. - ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; *Plutarco e as Biografias Vitorianas no Século da História*.

¹⁷ Arado, instrumento usado pelos agricultores para lavrar ou sulcar a terra.

¹⁸ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*; p.3 - (Plutarco, *Vida de Rómulo*, XI, 2, III).



- | | |
|----|--|
| 7 | 7 - Representação de Roma Régia, enquanto se formavam sistemas comunitários de governação, século VIII-753 a.C.. |
| 8 | 8 - Planta do Palatino durante a época régia. A muralha enquadra a chamada Roma Quadrada, com as portas <i>Romanula</i> e <i>Mugonia</i> . |
| 9 | 9 - Pela forma e emparelhamento, este muro no Capitólio pode fazer parte do conjunto urbano de Roma Quadrada. |
| 10 | 10 - Muralha de Romulo na colina de Palatino, a delimitar Roma Quadrada, trata-se de um conjunto de blocos de tufo sobrepostos |

Caci.

O aumento demográfico exigiu novas construções, delimitação das estradas, novas defesas em lugares mais expostos mantendo a centralização das infraestruturas urbanas. O recinto pomerial, definido como entidade urbana, tornou-se necessariamente reduzido para assegurar a válida defesa, favorecer a centralização administrativa e facilitar as deslocações pedonais.

Infelizmente, não existe nenhuma informação concreta relativamente à área abrangida pela Roma Quadrada. Halicarnasso²¹ narra subtilmente que Rómulo traçou um quadrado ao redor do círculo que havia traçado com o arado no Palatino. Noutro trecho sugere que o templo de Vesta se localizava fora desse limite. Tácito²², numa descrição mais pormenorizada, afirma que o limite da Roma Quadrada tinha início no *Forum Boarium*, directamente sob o Lupercal²³. O sulco assim começado era prolongado de modo a incluir o grande altar de Hércules; delimitado em intervalos regulares por pedras, corria ao longo do pé de Palatino até ao altar de Conso, logo depois até as Curiae Veteres, chegando finalmente ao santuário dos Lares no Fórum Romano. Tácito refere-se de facto aos limites rituais da cidade e não aos muros defensivos da Roma Primitiva.²⁴

À excepção de Halicarnasso, mais ninguém na Antiguidade sugeriu que Rómulo tivesse traçado o sulco na forma de um quadrado, nem há provas arqueológicas a favor da existência de cidades romanas ou etruscas de planta quadrada, levando a crer noutras possibilidades já formuladas.²⁵

Além da fundação, a estrutura urbana também era de influência etrusca. Internamente ao sulco preparado, eram criadas duas vias ortogonais segundo um ritual, à artéria principal chamava-se *decumanus* (orientada este/oeste), *secundus solis decursus*²⁶; e à artéria secundária ortogonal na direcção norte/sul, *cardo*. A partir daí se estruturar-se-ia a restante cidade, uma prova de que mesmo num aparente caos, aparentemente explicado pelas crenças, existirá um propósito com influências gregas e etruscas. O romano que caminhava ao longo do *cardo* sabia perfeitamente que aquela via era o eixo em torno do qual girava o sol, e se ele seguia o *decumanus*, tinha consciência de seguir o curso do sol.²⁷

¹⁹ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma - p. 16.

²⁰ Públio Cornélio Tácito, (55 - 120 d.C.), romano, considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade, foi também questor, pretor, cônsul, procônsul da Ásia e orador; MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; pg.186

²¹ Dionísio de Halicarnasso foi um historiador e crítico literário grego, activo em Roma até finais do século I a.C., MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma - p. 185

²² RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Italia e no Mundo Antigo*; p. 100.

²³ Idem, pg 99; seguindo a lenda, Lupercal localiza-se na gruta onde a loba criou os irmãos gémeos, no monte Palatino, próxima das *Scalae Caci* e do Templo da *Magna Mater*. Descoberta em 2007, associa-se a gruta, zona de criação de Rómulo ao fórum.

²⁴ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Italia e no Mundo Antigo*; p. 100.

²⁵ MORRIS, A.E.J.; *Historia de la Forma Urbana desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*; Editorial Gustavo Gil, 2007 – Barcelona, p. 61.

²⁶ Segundo o percurso do Sol.

Actualmente podemos interpretar que possivelmente *Rómulo* fundou uma cidade quadrada com uma área circular, cujo centro seria o espaço do Comício, desvanecendo assim as incongruências presentes no relato de *Plutarco*, apesar da inexistência de registo histórico ou arqueológico de cidades com planta circular. Talvez nesta colina também se localizasse a residência do responsável da coordenação dos vários aglomerados, papel posteriormente assumido por reis, crendo-se que *palatino* é o vocábulo-base da nossa actual palavra, *palácio*.²⁸

A recém-formada cidade baseava-se em experiências das suas antecessoras. De facto, as diferentes formas de cidade seriam matéria de estudo, tendo em conta temas como a defesa ou a salubridade do lugar a par dos objectivos futuros, mesmo que não se tenha previsto a dimensão atingida durante o Império.

É natural que parte do que se acabou de resumir entre em conflito com a descrição convencional das cidades romanas e o seu planeamento. Pressupõe-se que uma cidade romana fosse uma versão mais elaborada do acampamento militar. De qualquer modo, quando foi fundada Roma seria improvável que o exército romano sentisse a necessidade de erguer acampamentos, uma vez que os inimigos eram avistados à distância de um dia. Por isso é plausível que o seu desenvolvimento se diferencie das habituais grelhas ortogonais das colónias romanas.²⁹

Constantemente se fazem alusões às teorias de Aristóteles³⁰ como auxílio ao estudo do planeamento dos antigos aglomerados. Na sua obra *Política*, Aristóteles formula recomendações muito explícitas sobre o lugar –*o terreno sobre o qual a cidade será assentada deve ser inclinado, mas devemos ter em mente quatro considerações. A primeira e mais essencial, o local deve ser salubre. Um declive que esteja de frente para o leste, com ventos que sopram da direcção do nascer do sol, proporciona um local salubre, melhor que o sotavento do lado norte, se bem que este ofereça um estado atmosférico bom. A segunda é que deve estar bem situado para desenvolver todas as suas actividades civis e militare.*³¹

Na mesma ordem de ideias Vitruvius³² escreveu que a escolha de um lugar deve vir primeiro. Inspirado pelos seus mestres gregos, adverte os planeadores que *tal lugar será elevado, nem húmido nem exposto em excesso às geadas; seu clima não deve ser demasiado quente nem*

²⁷ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*; p.38.

²⁸ ALLEGRA, Daniela Pasquelli d'; *La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura*; Carocci editore, 2006 – Roma.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), grego, foi um dos filósofos que mais influenciou o pensamento ocidental e nível urbanístico legou escritos que em muito nos esclarece sobre os métodos e pensamentos da época, ROZESTRATEN, Artur; *Comentários sobre el modelaje tridimensional en la arquitectura griega y romana antiguas: Heródoto, Aristóteles y Vitruvio*.

³¹ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*; p.15

³² Marcos Vitruvius Polião, foi arquiteto e engenheiro romano do século I a.C. e deixou como legado a sua obra em 10 volumes, de nome *De Architectura*, VITORINO, Júlio César; *Sobre a História do Texto de Vitruvius*.

*demasiado frio, mas temperado. Por outro lado, não deve haver pântanos nas suas imediações. Se a cidade se encontra sobre a costa, exposta ao sul ou ao oeste, não será salubre. Em resumo, ao fundar cidades, há que evitar os lugares onde os ventos quentes possam soprar sobre seus habitantes (...) As ruas correm directamente na direcção dos ventos, as suas constantes rajadas correm com ímpeto e (...) varrem as ruas com grande violência. O alinhamento das casas, por conseguinte, deve ser orientado nas direcções opostas às quais sopram os ventos, de modo que estes choquem contra os ângulos dos blocos e sua força se rompa e disperse.*³³

Na escolha do lugar foi primordial a salubridade do lugar, as condições de defesa, a qualidade do solo e também o ponto estratégico de relação com outras povoações, eventualmente ou casualmente aliada a uma vertente mitológica que defende o carácter místico e crente de certos fundadores. Não será difícil de assumir a veracidade de ambas as atitudes.

CIDADE RÉGIA

A cidade Palatina no fim do século IX não deixou vestígios de edificado. No entanto, através do estudo das necrópoles descobertas no local, presume-se que o local, por volta de VIII a.C., fosse composto de algumas centenas de famílias, cerca de 4 000 a 5 000 indivíduos.

Num período complexo e intenso, as povoações distribuídas nas colinas são governadas por sete reis³⁴ durante três séculos. Oriundos das mais importantes populações (etruscos, latinos e sabinos) contribuíram de várias formas para a expansão e união dos aglomerados, prenúncio do futuro de Roma. Podemos contemplar esta fase sob três etapas:

a) Constituição de uma confederação parcial - século VIII - 753 A.C.³⁵

Nos princípios do século VIII a.C., os núcleos originais já organizados nalgumas colinas com fortificações próprias reuniram-se em confederações criando minúsculas cidades-estado, distinguidas pela língua, ritos e tradição, sempre defendidas por muros e interligadas por vias.

Numa segunda etapa de associação, as referidas confederações originaram dois sistemas:

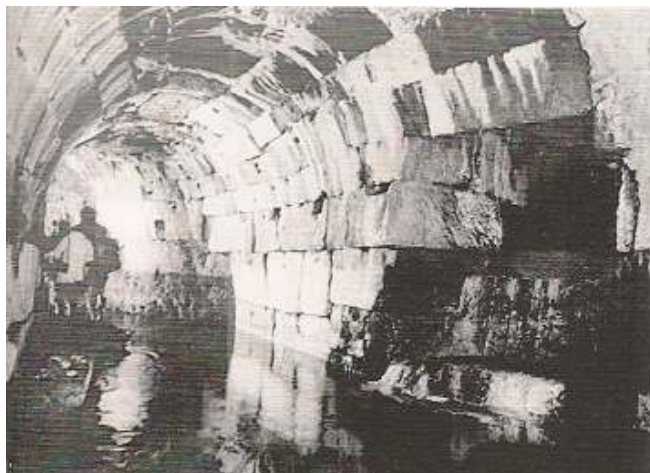
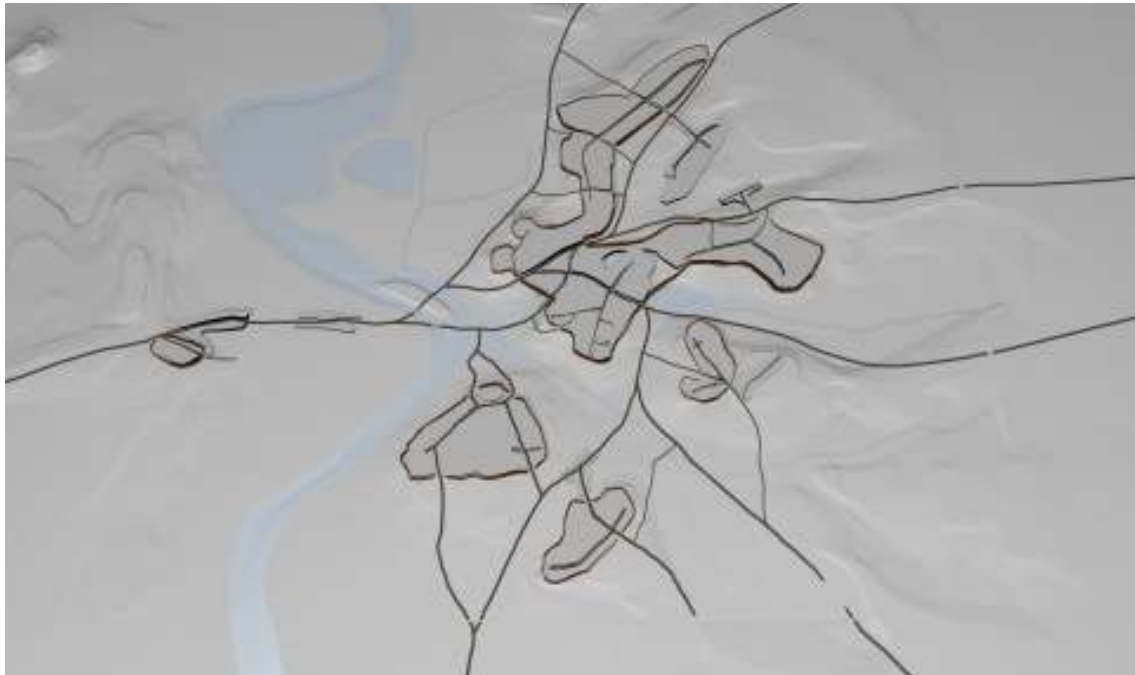
- o sistema SEPTIMONZIALE (comunidades do Palatino, Célio e Esquilino) – tribos de origem latina;
- e o sistema QUIRINALE (comunidades do Quirinale e Viminale) – tribos de origem sabina.

Apesar de uma aparente tendência à união, estas duas comunidades só se coadunavam na discussão e defesa dos interesses comuns, representados no espaço do vale limitado pelo Capitólio e o Palatino, entre as portas Flumentana e de Giano. Na verdade, o local em

³³ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no Mundo Antigo*; p. 25.

³⁴ Segundo a tradição, Roma foi governada por sete reis, quatro latinos e sabinos e os três últimos de origem etrusca, povo que acabou por dominar a cidade.

³⁵ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 19



- | | |
|-----|---|
| 11 | 11 - Representação do primeiro sistema unitário de Roma, durante a segunda monarquia com os reis etruscos, 616-509 a.C.. |
| 12a | 12a - Traçado do itinerário do saneamento criado em Roma de forma a drenar as águas, <i>Cloaca Maxima</i> . Com esta intervenção foi possível posteriormente urbanizar na zona pantanosa. |
| 12b | 12b - A foto remete para as dimensões reais da <i>Cloaca Maxima</i> , e demonstra a técnica construtiva que a caracteriza. |
| 13 | 13 - Parte da muralha serviana, a penúltima de Roma, do VI século a.C., proveniente do Aventino. |

questão corresponde ao fórum³⁶ que assume o papel de centro político e comercial, visando conservar a individualidade histórica, política e religiosa de cada estirpe populacional, perfazendo no total cerca de 10000 pessoas.

b) Fusão das confederações parciais e período do primeiro rei - 753-616 a.C.³⁷

O início da monarquia teve uma importante influência romana, exercitada na Comuna de Roma, sobre a federação das várias comunidades das outras colinas do Septimontium. Transformada no poder absoluto do Principado, este período foi caracterizado pela actividade construtiva e empreendedora, consequência da consolidação político administrativa e também ético-religioso da vida cidadina.

Voltemos ao lugar de onde partiram os lupercos, ao ponto mais alto da colina, no limite da Roma Quadrada. A tradução de *quadrada* que mais interesse desperta, seria *quadripartite*, ou esquadrada no sentido de que os quatro ângulos no centro eram ângulos rectos. Isso significaria, segundo as palavras de Varrão³⁸ acerca da topografia da cidade do Palatino, ao descrevê-la como *quadrata*, que os seus *cardos* e *decumanus* cruzavam-se em ângulo recto. Isso foi feito para que a cidade permanecesse *esquadrada*, embora nada nos elucide sobre a configuração do traçado primitivo da cidade no Palatino.³⁹

A cinta defensiva erigida neste período tira partido das pendentes naturais das colinas, coligando-as uma à outra, criando uma unidade conceptual. Esta primeira muralha da cidade caracteriza-se por um perímetro mural descontínuo, de técnica uniforme e sob um carácter arquitectónico simples e unitário.

No fim do VII a.C., a Comuna Romana, com uma população oscilante entre 20 000 e os 30 000 habitantes era organizada prevalentemente sob as urbes de Septimontium, Quirinal, Célio, Aventino e Capitólio. Incorporadas num único campo de defesa uniforme e gravitante em redor do nó extramuros do *Fórum* esta primitiva agregação, que exprimia de certo modo a centralidade do sistema monárquico, exclui os etruscos do Célio e do Gianicolo e os latinos do Aventino.⁴⁰

O desenho político, tendente a uma confederação única das comunidades, só numa segunda instância encontrará uma definição própria embora parcial da cidade, enquanto o poder passa para o cuidado etrusco sem interrupção pelos 107 anos seguintes.

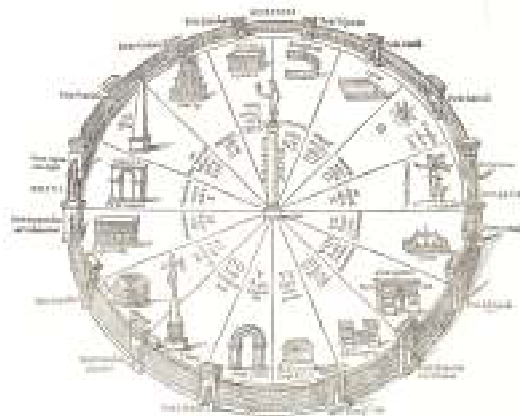
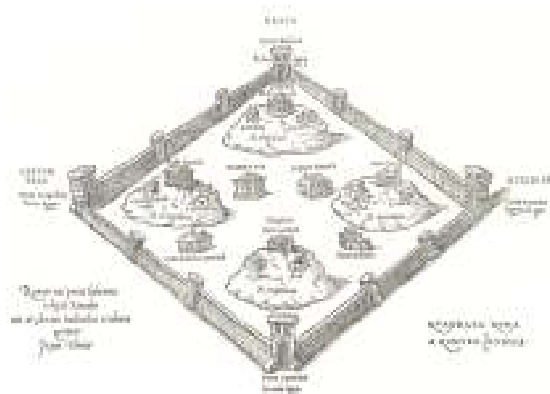
³⁶ O Fórum, que se estende entre o Capitólio e o Palatino, cruzava e drenava a Cloaca Máxima, possuía igualmente dois complexos de edifícios: o *Atrium Vestae*, com o seu templo e a *Régia*, implantados no Palatino; e no outro extremo o Comício. Era o lugar em que, até o ano 145 a.C., costumavam reunir-se as *Comitia Curiata*, enquanto as assembleias da plebe eram reunidas no próprio Fórum. FONTE

³⁷ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; p. 21.

³⁸ Marco Terêncio Varrão (116 a.C. — 27 a.C.) foi filósofo e enciclopedista romano, que estudou em Roma, PEREIRA, Marcos A.; *A “Estranheza” dos Antigos, ou: para que Serve a Antiguidade? Sobre certa Leitura de Quintiliano pelos “Modernos”*.

³⁹ RYKWERT, Joseph; *A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Italia e no Mundo Antigo*; p. 104.

⁴⁰ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p. 22



14a	14b
14c	
15	16

14a - Pensamentos, desenhos e ideias modernas sobre acontecimentos passados são meios de estudo. A representação esquemática de Marco Fabio Calvo sobre Roma Quadrada permitiu-nos o conhecimento de mais possibilidades de interpretação sobre os dados escritos que existem, 1527.

14b - Esquema simbólico de Roma durante o reinado de Sêrvio Tulio por Marco Fabio Calvo, 1527. Tal como Alberti fizera, relaciona as distâncias dos monumentos a um ponto em comum, e com isso representa o património da cidade da época. A muralha serviana recém criada e as respectivas portas são elemento essencial.

14c - Pelo mesmo autor, um esquema circular que representa a divisão da cidade em regiões por Augusto, na mesma lógica a que hoje se divide por *rioni*.

15 - Roma Antiga por Bernardo Gamucci, 1565, apesar de não ser uma carta exemplar pela falta de rigor, é interessante rever a forma como os monumentos se relacionam através da estrutura viária, as portas na cidade, entre outros aspectos.

16 - Pormenor da planta de Roma editada em 1891 pelo Instituto Cartográfico de Itália, que sobrepõe os diferentes limites de Roma ao longo dos séculos.

c) Constituição de um sistema unitário urbano e governo dos últimos reis(etruscos) - 616-509 a.C.⁴¹

Os fortes interesses políticos e comerciais da cidade vizinha etrusca acabam com o exercício de poder sobre outras comunidades como a Romana, não obstante a intenção de os limitar ao espaço destinado em Gianicolo. Consolidadas outras áreas de governo, tanto políticas como militares, a partir da sabedoria etrusca, iniciam-se:

- a construção do grande Templo de Giove Ottimo Massimo Capitolium;
- primeira implantação a madeira do Circo Massimo;
- o imponente programa de obras hidráulicas como a drenagem das margens pantanosas do Tibre, das águas estagnadas de Suburra, Argileto, Velabro e Fori, mediante *la Cloaca Massima*.⁴²
- execução da pavimentação do Fórum
- conclusão da construção da ponte *Sublicio*, iniciada em 639 a.C.

O crescente prestígio da nova cidade, representada pelo *Septimontium*, e a sua boa organização administrativa, acabam por atrair a comunidade do Quirinal, conhecida pela sua independência, agora em decadência. O posterior alargamento não invalida o esforço requerido à convivência entre as diferentes tribos embora tenha incrementado a actividade mercantil, agrícola e pastoril.

A valorização das finalidades urbanísticas, iniciadas pelos reis etruscos, provavelmente por ordem militar e política, rege-se pelas necessidades vinculadas até então. O primeiro e fundamental problema criado durante a dinastia etrusca era a ampliação *pomeria* da cidade e a sua nova fortificação perante o crescimento populacional. Neste contexto é construída por Sêrvio Túlio a primeira muralha de Roma, tal como a imagem representa.

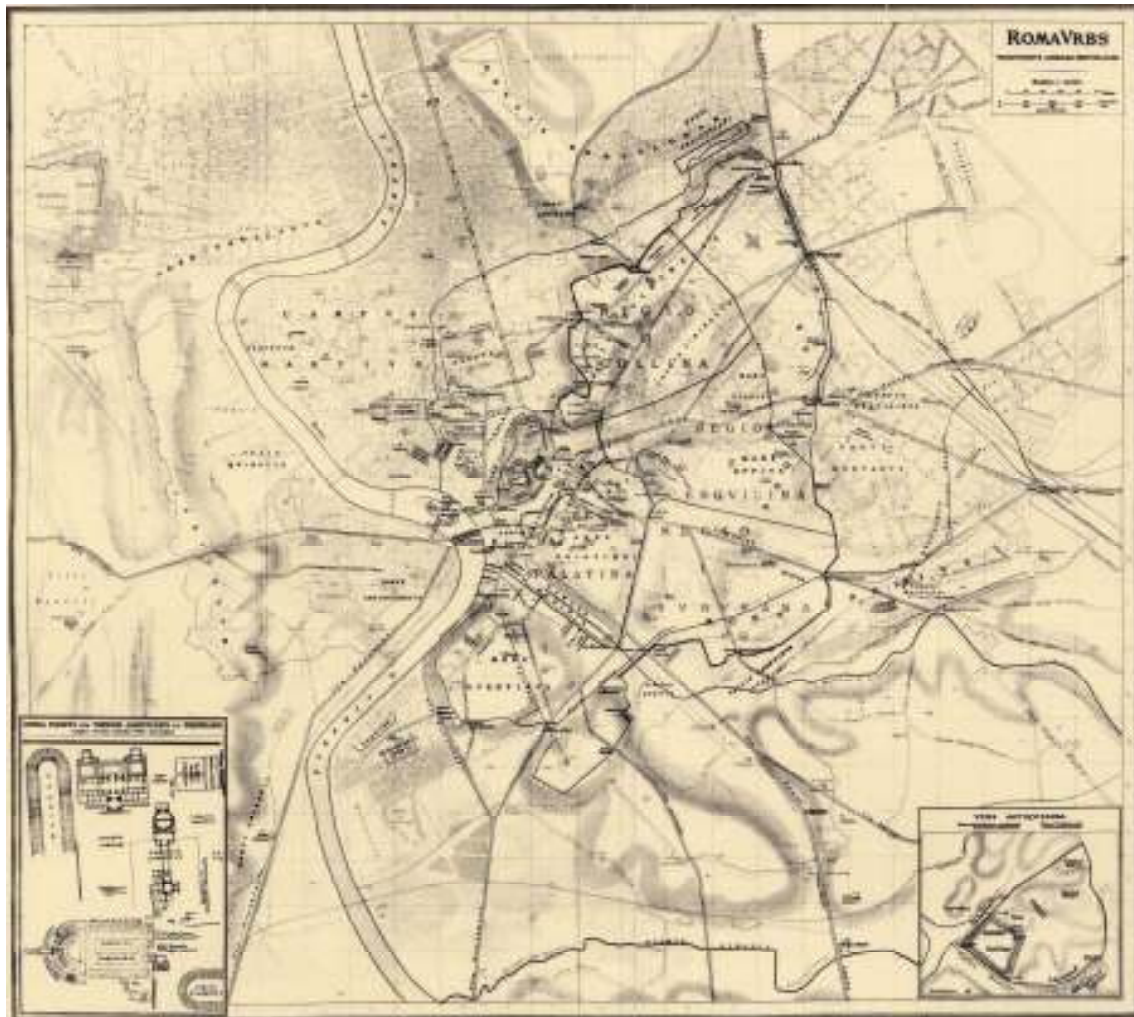
No que toca às mais antigas aldeias muradas das colinas, não se sabe o período de ligação entre si, na formação de uma cinta amuralhada, mas foi certamente após a construção do *agger*⁴³, em fins do século VI e início do século V a.C., segundo as descobertas arqueológicas mais recentes.

No reinado de Sêrvio Túlio a cidade foi dividida por quatro distritos, que pode ser outra forma de entendermos o significado de Roma Quadrada. As recém formadas áreas urbanas chamam-se Suburrana, Esquilina, Colina e Palatina e a esse período associa-se a ampliação da cidade com a anexação definitiva do Quirinale e Viminale, a construção do *agger*, do fosso e da muralha. Segundo Tito Lívio, Roma no fim da sua primeira etapa, possuía uma população de 193 centúrias, ou seja, 80 000 habitantes subdivididos por quatro regiões que perfaziam um perímetro de 7km.

⁴¹ MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, pg 2235 - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; pg 23

⁴² A *Cloaca Massima* é uma das mais antigas redes de esgotos do mundo construída na antiga Roma nos finais do século VI a.C. pelos últimos reis. Iniciada por *Tarquínio Prisco* e concluída por *Tarquínio*, o Soberbo, usufruíram da experiência desenvolvida pela engenharia etrusca para drenar as águas residuais e o lixo de uma das populosas cidades do mundo, para o rio Tibre, que atravessa a cidade, em direcção ao Mar Tirreno.

⁴³ Zona terraplanada e rodeada por um fosso é contemplada para funções específicas da urbe.



	17 - Quase a passar para o regime republicano, a cidade também se vai formando. Enrico Kiepert e Cristiano Hulsen representam sobre a planta de Roma moderna, a cidade republicana, 1912.	
17	18 - Novamente em maquete, é um exemplo ilustrativo de como seria Roma no fim da monarquia.	
28	19 - Dos monumentos melhor preservados desta época, o templo de <i>Ercole Vincitore</i> .	



CHIRICO, *O Enigma da Chegada*

Uma carta completa da Cidade Imperial é, para os estudiosos de Roma Antiga, um sonho por concretizar. Para mim, um novo objectivo nasceu. Encarando a dissertação como o trabalho final de Mestrado Integrado em Arquitectura, após esta longa *viagem* por Roma, tomei consciência de que, afinal, este trabalho não é o fim mas parte de um processo. Esta etapa é uma chegada que serve de charneira para o futuro.

*Como objecto de estudo, a cidade é representada no tempo segundo diferentes lógicas e convenções profissionais e segundo distinções estéticas que, de algum modo, traduzem uma forma imaginada no presente. Porém, se a imagem é uma construção, como se incluirá também o seu sentido como espaço de interacção na experiência da cidade?*¹

Cidade, qualquer, cuja *tradição é um desafio à inovação. É feita de excertos sucessivos.*² A questão levantada traduz em parte o intuito inicial deste trabalho, para a qual procurou, desde sempre, uma resposta. No entanto, sinto ainda que se pode encontrar mais respostas ou, pelo menos, reflectir sobre as relações a ela inerentes. O património cartográfico de Roma é a fonte ideal e foi a base³ destas 150 páginas. O tempo e o espaço disponíveis para expor o caso de estudo foram difíceis de conciliar com a envergadura histórica que Roma oferece.

*Na sequência da expansão das superfícies urbanizadas e do aumento da população, a visão e a compreensão da totalidade tornaram-se lacunares.*⁴ Devemos continuar a interrogar-nos, segundo Teyssot, *acerca do conceito de dimensão, demasiado simplista, quando entendido no sentido restrito de superfície, densidade, etc.*⁵ Noutro sentido, o objectivo deste trabalho foi iniciar uma *carta virtual* que nos ilustre Roma em todas as suas fases, numa análise transversal ao tempo. Numa narrativa cartográfica, através da recolha empreendida *in locu*, foi composto sumariamente a história urbana de Roma, obtendo invariavelmente lições de arquitectura.

A alma do homem antiquário, tão inclinada a preservar e a venerar, instala-se nessas coisas e faz delas um ninho familiar. A história da sua cidade converte-se para ele na sua própria história: concebe as muralhas, a porta fortificada, os regulamentos municipais e as festas populares como uma crónica ilustrada da sua juventude, e tudo isso se redescobre a si mesmo com a sua força, a sua actividade, os seus prazeres, o seu juízo... Todo o antigo e passado que

¹ BRANDÃO, Pedro; *O Sentido da Cidade - Ensaio sobre o mito da Imagem como Arquitectura*; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa; p.84.

² Colégio de Arquitectos de Granada; *O Chiado, Lisboa : Álvaro Siza - a estratégia da memória*; D.G.C.A..Sociedade Lisboa 94, 1994 – Granada (catálogo de exposição), p.77.

³ Frutaz e Marigliani foram dois autores que em muito contribuíram com a sua recolha e exposição da cartografia de Roma em duas obras citadas na bibliografia.

⁴ TEYSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.173.

⁵ *Ibidem*.

*entra neste campo de visão é aceite, sem mais, como igualmente digno de veneração; pelo contrário, aquilo que não mostra em relação ao antigo esta reverência, ou seja, o que é novo e está em fase de realização, é recusado e encontra hostilidade... A História antiquária sabe só como “conservar” a vida, não como criá-la.*⁶ Na verdade, muito recentemente, Roma contraria essa atitude ao usufruir da vida urbana. Entre outras, são estas contradições próprias que suscitam a polémica contemporânea.

Roma teve sempre as duas atitudes ao longo dos séculos. Se por um lado era conservadora, mantendo-se fiel à sua tradição, houve épocas em que foi rebelde e criou novos paradigmas, por vezes exemplo para outras culturas. A esta procura, na qual o presente estudo se baseia, associo uma fase de sedimentação do conhecimento pessoal acumulado nestes últimos anos, dedicado à Architectura. Outros artistas como Piranesi, Alberti ou Palladio, obtiveram essa experiência, numa espécie de formação neste *laboratório* de arquitectura, ao estudarem Roma. Afinal, sou mais um aprendiz.

Não nascendo do acaso, o método aplicado aqui foi incutido no âmbito do trabalho elaborado para História de Architectura Portuguesa sobre o desenvolvimento da cidade de Trancoso. Uma experiência positiva e interessante foi propulsora destas minhas *estradas romanas*.

Sempre que revelei o tema da minha dissertação, fui questionado sobre o(s) período(s) focado(s), mas não quis ser restritivo a esse nível. Foi assumido o estudo de 8 etapas previamente destacadas através de diferentes variáveis, sejam sociais, políticas, económicas e, sobretudo, urbanas. Precisavam de ser todas abordadas por estarem intrinsecamente ligadas, sendo um trabalho global necessário. O único limite imposto, à partida, relaciona-se com a superfície do território, focado no centro histórico de Roma por este existir desde os primórdios até à actualidade.

O fascínio quase decadente, a força cultural da história em estado bruto, a idade que cobre cada rua, e a curiosidade pelo somatório dos volumes dos edifícios e das esculturas a par do vazio das praças, encorajaram-me nesta labuta diária entre mapas e livros, rectas e letras, teclado e caneta.

Inevitavelmente, durante todo este processo, focado no urbanismo e na relação do espaço urbano com o Homem, foram retiradas várias e pontuais aprendizagens. Nada como conhecer o real para entender e fazer alguma teoria. *Quer consideremos o aspecto político, o aspecto urbanístico ou o aspecto estético, não é fácil responder à pergunta: que acontece, hoje, com a metrópole?*⁷

Enquadrado num projecto académico, como poderia responder a essa pergunta, a acrescentar o facto de ser uma cidade desconhecida? A curiosidade partiu da necessidade que ocasionalmente foi satisfeita pela cartografia, de tal modo que foi o mote desta pequena

⁶ Nietzsche; *Sobre a Utilidade e os Prejuízos da História para a Vida* in BRANDÃO, Pedro; *O Sentido da Cidade - Ensaios sobre o mito da Imagem como Architectura*; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa.

⁷ TEYSOT, Georges; *Da Teoria de Architectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.173.

biografia de Roma. Após uma selecção ponderada, foram apresentadas diversas cartas que retratam a Roma nos seus diferentes tempos, e muitas outras que não foram expostas contribuíram sempre na montagem deste trabalho.

Finalizado o estudo analítico de cada fase, como era objectivo, foi criado através do *software Archicad* um modelo tridimensional do centro histórico de Roma associado a essa fase. Essa acção permitiu reflectir novamente sobre a cidade, relacionando com o terreno, mesmo que virtualmente. A narrativa referida é composta por 8 imagens, submetidas a um código coeso de representação.

Dizem os populares que *Roma é o monumento que fala*.

Mas antes de ser monumento é uma metrópole, uma cidade viva do terceiro milénio. O futuro está ainda expectante perante as identidades possíveis para a Roma contemporânea, apesar de abraçada a um enorme legado arquitectónico e arqueológico. Induzidos pelo próprio estudo, acabamos por assisitar a duas linhas de pensamento paralelas. Por um lado, reflectiu-se sobre a evolução de Roma, a par do seu urbanismo, arquitectura e mesmo a sociedade; por outro, analisou-se a iconografia, paulatinamente alterada e renovada. A mudança de linguagem, orientação, projecção e o uso da cor são elementos que marcam também a passagem do tempo, tal como o espaço presta contas dele.

Não obstante, fiel a esta tese, procurou-se estabelecer um método de análise assumindo que a representação *é o acto de recodificação de um original, que visa a produção de um modelo. Essa recodificação procede por redução e por abstracção. Marginalizam-se os pormenores supérfluos e eliminam-se os aspectos que não são pertinentes, para então abstrair uma espécie de esqueleto capaz de solucionar o problema na sua generalidade.*⁸

*No caso da arquitectura, é precisamente a estabilização dos seus códigos específicos de notação rigorosa que vai possibilitar uma metodologia própria e a construção do conceito de arquitectura como hoje o conhecemos na cultura ocidental.*⁹

Convencidos de que existe uma séria possibilidade de progredir neste campo, caso se proceda a um exame sistemático e comparativo dos factos urbanos, estabelece-se uma *relação do colectivo e privado, sociedade e indivíduo que se contrapõem e se confundem na cidade composta de pequenos seres que procuram uma organização e, juntamente com esta, um pequeno ambiente para si mais apropriado ao ambiente geral.*¹⁰

Afirmou-se por várias vezes que a cidade somente pode ser definida referindo-a precisamente ao espaço e ao tempo; só assim podemos compreender de qual facto urbano estamos a tratar. Roma hoje ou Roma na época clássica, são dois factos distintos, embora tenhamos, em todo o caso, de considerar a importância dos fenómenos de permanência que ligam a Roma do passado à de hoje. O certo é que, se nos quisermos aperceber das transformações dos factos urbanos, devemos-nos ocupar sempre com factos muito circunstanciados. Os estudos mais profundos e a experiência do homem comum confirmam-no, indicam-nos que uma

⁸ TEYSSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.176.

⁹ RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; *O que é DESENHO*; Quimera, 2003, p.83.

¹⁰ ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*; Edições Cosmos, 2001 – Lisboa, p.33.

*cidade muda completamente no giro de cinquenta anos; quem vive sempre na mesma cidade habitua-se lentamente a esta transformação, mas nem por isso é menos real.*¹¹

Terminámos o segundo capítulo questionando como mudam os paradigmas iconográficos da actualidade, que de certo modo coincidem com a incerteza do rumo urbanístico a que Roma assiste. Na verdade, Rossi interpreta que a cidade é *como um campo de aplicação de forças diversas*¹², como a economia, a política, ou as necessidades sociais acompanhadas de novos campos como a ecologia urbana.

*Esta cidade, constituída por tantas partes (em si completas) é a que verdadeiramente permite a liberdade das opções. Naturalmente, não podemos confiar, tão simplesmente, os valores da cidade de hoje a esta sucessão de factos; até porque nada nos garante uma continuidade efectiva. É importante conhecer o mecanismo e sobretudo estabelecer como poderemos agir nesta situação. A mobilidade no tempo, de cada uma das partes de cidade, está profundamente ligada ao fenómeno objectivo da decadência de certas zonas.*¹³

Este fenómeno representa a noção de *ilhas* romanas relativamente ao desenvolvimento geral, testemunho dos diferentes tempos da cidade e em simultâneo configuram-se como grandes áreas de reserva. Com essa consciência, a partir do fenómeno metropolitano presente, montou-se uma análise entre mapa e o terreno, desenhando para encontrar.

Não se procurava a solução entre várias possíveis de um projecto, procurava-se incessantemente a Roma actual, fruto do nosso ponto de vista, de oito *Romas* partilhadas. Através do diálogo de desenhos, ou melhor dizendo, de cartas, vislumbram-se as oito fases de Roma, as suas características, os seus princípios e heranças. Se hoje a mobilidade e a reunião das partes é o cerne do urbanismo romano, deve-se ao fruto do passado, sendo pertinente o conhecimento do mesmo.

Por a representação cartográfica seleccionar os elementos importantes através de critérios próprios, o resultado iconográfico revela-nos de facto as intervenções urbanísticas realizadas ao longo dos séculos.

*Os elementos gráficos mínimos, o ponto, o traço e a mancha existem como conceito abstracto na geometria enquanto ponto, linha e plano. Estes conceitos, sem realidade material e com uma existência abstracta que lhes permite terem uma definição em termos de infinito, baseiam-se na situação experimentável do ponto enquanto o momento em que o instrumento riscante toca no plano do desenho, no risco que resulta do movimento da mão registado por esse mesmo instrumento, ou na mancha que é a própria conquista da planura da superfície.*¹⁴

Naturalmente a actualidade é fruto ainda da enorme dependência da viatura particular. Durante o regime fascista, retratado no capítulo 3, as intenções eram diferentes. A cidade era projectada contando com o *carro*, como veículo de excelência, que permitiria a MOBILIDADE de maiores distâncias. A escolha dos locais de residência torna-se cada vez mais independente dos locais de trabalho. *O cidadão vai para qualquer parte do território originando o dormitório. Residência e trabalho estão agora, na sua recíproca relação,*

¹¹ ROSSI, Aldo; *A Architectura da Cidade*; Edições Cosmos, 2001 – Lisboa, p.203.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Idem*, p.139.

¹⁴ RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; *O que é DESENHO*; Quimera, 2003, p.73.

*essencialmente ligados ao tempo, são funções do tempo.*¹⁵

*A dimensão plana e o desenho tradicional do labirinto, ponteados por numerosos cruzamentos em forma de leque, oferecem-nos a ocasião de nos perdermos, de vaguearmos, de voltarmos a dar os mesmos passos, de atravessarmos de novo o mesmo ponto. Pelo contrário, com a ligação rodoviária, ainda que regressemos ao mesmo ponto, estaremos numa outra estrada. A partir desse momento, deixámos de habitar uma cidade regulada por esquemas axiais, formada por hierarquia de espaços bem caracterizados (as avenidas, as praças, as ruas). Habitamos um gráfico. Circulamos num mapa.*¹⁶

Quando criada a capital italiana em Roma, uma época se iniciava, com a progressiva industrialização, destruindo em parte a relação de vizinhança, sentimento característico de Roma. O aparecimento dos primeiros meios de trabalho COLECTIVO origina, de facto, novas formas de habitação. Produção e administração separam-se, sobretudo após a criação das linhas ferroviárias.

Aproveitados os troços dos aquedutos desactivados, decalcaram-se no mesmo percurso, as linhas férreas, mantendo intacta a forma da cidade existente. Inspirado em Paris e posteriormente em Florença, foram criadas as estações ferroviárias nos extremos da cidade, como se tocassem no centro, tal como os aquedutos abasteciam o centro da cidade, as novas estações ou novos portais da cidade permitem o acesso das pessoas ao centro.

Estas reflexões finais são fruto da pesquisa bibliográfica e cartográfica, mas a realização das representações tridimensionais na fase conclusiva, permitiram assimilar sucintamente as ideias/projectos de cada época. O facto de serem realizadas no mesmo espaço de tempo, após a pesquisa completa permitiu também uma leitura global, apercebendo-se as causas e efeitos a longo prazo.

O primeiro gesto de expansão urbana foi planeado no início da *febre barroca* que assolava Roma. Apesar de camuflada pelo *cenário*, interessaram-nos sobretudo as novas vias rasgadas e desenhadas, sob um PLANO que partiu de uma organização simbólica do espaço, ainda hoje cruciais ao tráfego viário.

*Todas as estruturas urbanas a partir do Renascimento tiveram a RUA como elemento fundamental. A rua, espaço público da cidade, é espaço do encontro, mas é essencialmente espaço para o movimento: da caminhada das procissões nas avenidas de Roma de SixtoV, da marcha do exército vitorioso nas Viae Triumphales na cidade barroca, da corrida das carruagens nos boulevards da cidade oitocentista e do deslocamento veloz do automóvel – e somente do automóvel – nas vias de circulação da cidade do século XX.*¹⁷

Num primeiro tempo – e portanto a origem da transformação da cidade – pode ser localizada na destruição da estrutura fundamental da cidade medieval, que era baseada na absoluta identidade do local de trabalho com a habitação no mesmo edifício. Tem assim início o fim da economia doméstica entendida como unidade de produção e de consumo. A destruição desta forma básica de vida da cidade medieval, conduz a uma série de recções cujas últimas

¹⁵ ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*; Edições Cosmos, 2001 – Lisboa, p.237.

¹⁶ TEYSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.174.

¹⁷ GONSALES, Célia Helena Castro; Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão – publicado em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473> .

*manifestações se mediriam em pleno na cidade do futuro.*¹⁸

*Ao mesmo tempo, surgem as casas dos trabalhadores, as casas de massas, as casas de aluguer; só aqui surgiria o problema da habitação como problema urbano e social. Sinal distintivo desta fase, em termos espaciais, é a expansão da superfície urbana, enquanto que redidência e local de trabalho são pouco subdivididos na cidade.*¹⁹

Apesar do barroco e renascimento em Roma se destacarem, a cidade medieval consolidou a FORMA urbana tal como a conhecemos. As vias estreitas e sinuosas, a cidade pontilhada de igrejas, as ruínas suspensas mas não esquecidas são tela, epicentro das posteriores expansões urbanas.

Roma Imperial, berço de inúmeras culturas, é uma fonte inesgotável de temas. Neste estudo interessou a relação da cidade com a sociedade, através dos espaços públicos como os fóruns ou as termas. As ruínas das Termas de Caracalla foram, de certo modo, o *barómetro* que se insinuou ao meu olhar como uma individualidade. Cada monumento é um contador da História, *são como as datas, sem elas, um antes e um depois, não poderemos compreender a história*. Embora não seja tema do presente trabalho ocupar-se da arquitectura em si, mas sim da arquitectura como componente do facto urbano, foram várias vezes apontados elementos assim, por influenciaram intensamente a nossa arquitectura.

Acredito que a tradição do espaço público e seu uso esteja inalterado até hoje na cultura romana. Faz parte da genética urbana, não só a forma da praça, nem o uso das arcadas, mas sim o conjunto de indivíduos.

Tudo isto levou-nos impreterivelmente à génese desta obra colectiva. Mesmo sem nenhuma prova documental que nos elucide, é pertinente conhecermos algumas hipóteses, através de estudos cartográficos e bibliográficos de outros autores. A FUNÇÃO surge desde o início, ou seja, os primeiros aglomerados urbanos nascem nos topos das colinas por uma questão de defesa, próximos do mar por uma questão mercantil, e nas margens do rio pela água e transporte. Perfeitamente mutáveis, as funções variam como por exemplo no das colinas onde hoje é inexistente qualquer tipo de construção.

*Estas são as bases para o estudo positivo da cidade; esta delinea-se já nas primeiras implantações. Mas com o tempo a cidade cresce sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria. Na sua construção permanecem os motivos originários, mas ao mesmo tempo a cidade esclarece e modifica os motivos do seu próprio desenvolvimento.*²⁰

Roma, objecto desta dissertação, é aqui entendida como uma arquitectura. Não apenas como imagem da cidade nem ao conjunto das arquitecturas, focamo-nos aqui na *construção da cidade no tempo*²¹. A implantação, a função e a forma são três conceitos que abraçam sempre a arquitectura, e se olharmos para Roma como um todo através do tempo, ela mesma é arquitectura e por isso mesmo uma lição completa dessa ciência. Aprendi que Roma não foi o acaso, e nada é um acaso. Conhecêmo-la por ser criada camada sobre camada, alterando-se/adaptando-se as funções perfeitamente actualizadas, a ponto de hoje Roma se

¹⁸ ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*; Edições Cosmos, 2001 – Lisboa, p.236.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Idem*, p.31.

²¹ *Ibidem*.

poder equiparar à contemporânea Brasília.

Finalmente refira-se que este registo, o da representação pelo desenho, não é um gesto passivo ou mimético, sendo, pelo contrário, uma espécie de um *entender interactivo da paisagem fenomenológica que os nossos sentidos experimentam, através de uma expressão gráfica não codificada que se inventa a cada nova realização*.²²

A partir da memória colectiva, como uma estratégia, reproduzimos Roma no sentido lato, focando os elementos estruturantes: *é só através do uso de toda uma série de meios denotativos ou simbólicos que uma coisa se pode transformar num objecto compreensível e “real”*. Observa, justamente, Jacques Guillerme que *“desse modo, o mesmo objecto pode ser identificado com recurso a representações diferentes”*.²³

A comunicação urbana pode ser considerada um processo que tem no seu cerne interações sociais e transacções económicas, fluxos de informação, necessidades expressivas e funcionais, que derivam das actividades humanas. Para além disso, algo se pode dizer sobre a visibilidade, isto é, aquilo que é representado ou ocultado, numa narrativa que permite uma explicação da imagem da cidade a partir do modo da sua representação, dos significados.²⁴

De facto, a estrutura complexa da cidade surge num discurso que pode parecer insuficiente. Mas, como em tudo, existe um princípio e um fim, e abordamos com toda a justiça dois pólos temáticos, a cartografia e a cidade, de e em Roma, ex-libris da arquitectura.

Consequentemente, a verdade é concebida como correspondência, entre o modelo (abstracto) e a realidade (original).²⁵

Concluindo, Guillerme *nota que esse carácter transitivo cria os fundamentos da prática de qualquer cultura iconográfica e que a atitude da figuração que “figura de novo o já figurado” constitui a própria condição das virtudes heurísticas da figuração gráfica*.²⁶

²² RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; *O que é DESENHO*; Quimera, 2003, p.79.

²³ TEYSSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.177.

²⁴ BRANDÃO, Pedro; *O Sentido da Cidade - Ensaios sobre o mito da Imagem como Arquitectura*; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa; p.82.

²⁵ TEYSSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa, p.177.

²⁶ GUILLERME, Jacques; *L’Art du Project, histoire, technique, architetture*; Mardaga, 2008, p.68.

a.C.

- 1000 – Gregos colonizam a costa do Egeu
- 900 – Etruscos no norte de Itália
- 753 – Fundação lendária de Roma por Rômulo
- 753-509 – Monarquia
- 616-579 – Realização da *Cloaca Maxima* e primeira pavimentação do Fórum a par da construção da ponte Subúcio.**
- 510 – Roma uma república: último rei etrusco expulso
- 390 – Celtas saqueiam Roma
- 390 – Início da reconstrução da cidade**
- 378 – Segundo Tito Lívio foram construídas as muralhas servianas no reinado de Sêrvio Túlio**
- 334-326 – Campanhas de Alexandre, o Grande
- 312 – Appio Cláudio constrói a via Appia de Roma a Capua**
- 272 – Aqueduto de Anio Vetus**
- 264-241 – Primeira Guerra Púnica: Roma luta contra Cartago
- 241 – Aurelio Cotta constrói a via Aurelia de Roma a Pisa reconstrói o Templo de Vesta no Fórum, em pedra**
- 220 – O cônsul Flaminio constrói o circo Flaminio e cria a via Flaminia**
- 218-201 – Segunda Guerra Púnica: Cartago invade Itália
- 202 – Início de grande actividade no campo urbanístico**
- 200 – Romanos desenvolvem o cimento como material de construção
- 160 – Bibliotecas públicas em Roma
- 149-146 – Terceira Guerra Púnica: Roma derrota Cartago
- 144 – Aqueduto d'Acqua Marcia**
- 100 – Templo Rotondo na Area Sacra di Largo Argentina**
- 73-71 – Espártaco lidera a revolta dos escravos em Roma
- 50-11 – Teatro de Marcello**
- 46 – Ponte Cestio, destruída e reconstruída na construção dos *muraglioni***
- 48 – César derrota Pompeu, acaba a república
- 33 – Aqueduto de Acqua Julia**
- 30 – Octávio torna-se Augusto, imperador de Roma
- 27 – Panteão; Ara Pacis...**
- 20 – *Militarium Aureum* no fórum**
- 19 – Termas de Agrippa e aqueduto de Acqua Vergine**
- 13 – Teatro de Balbo**
- 12 – Túmulo de Gaio Cestio em forma de pirâmide**
- 2 – Fórum de Augusto**

d.C.

- 10 – Tochas usadas para iluminar as principais estradas de Roma
- 10 – Augusto transporta obelisco de *Ramses II* até ao Circo Massimo**
- 14 – Tibério sucede ao imperador Augusto
- 23 – *Castra Pretoria***
- 37-41 – Calígula inicia a construção de um Circo, concluído por Nero, onde posteriormente se localizará a construção constantina de S. Pedro. Ampliação do Palácio Imperial no Palatino**
- 41-54 – Cláudio, imperador de Roma
- 41-54 – Calígula inicia a construção do aqueduto Claudio em Porta Maggiore**
- 54-68 – Nero, imperador de Roma, **Alargamento da via nova entre o fórum e o Palatino**
- 64 – Grande incêndio de Roma/Primeira perseguição aos Cristãos
- 64-68 – Domus Aurea**
- 68-69 – Vespasiano imperador de Roma
- 70-79 – Plínio, o Velho: *História Natural*
- 71-79 – Construção do Fórum de Vespasiano**
- 80 – Coliseu aberto em Roma**
- 98-117 – Trajano imperador de Roma
- 100 – Coluna de Trajano erguida em Roma**
- 110 – Termas de Trajano, sobre a *Domus Aurea***

115 – Mercados de Trajano

117 – Império Romano atinge a sua maior extensão

117-38 – Adriano imperador de Roma

118-130 – Panteão reconstruído: primeiro grande zimbório em Roma

130-139 – Mausoleo de Adriano em *Campo Marzio*

138-161 – Antonino Pio imperador de Roma

164-80 – Império Romano afligido pela peste

192-197 – Guerra Civil no Império Romano

193-211 – Septímio Severo imperador de Roma

200 – Tribos germânicas atacam as fronteiras romanas

212 – Cidadania romana dada a todas as pessoas livres do império

212-217 – Banhos de Caracala construídos em Roma

250 – Aumentam as perseguições aos cristãos

270 – São criadas as muralhas aurelianas como reacção à crescente insegurança perante invasões

283 – Incêndio do Fórum Romano. Fórum de César, Teatro e Pórtico de *Pompeo*

285 – Diocleciano divide o Império em Oriente e Ocidente

298-306 – Termas de *Diocleziano*

308-312 – Basilica de Constantino

313 – Édito de Milão garante tolerância ao cristianismo

324-330 – Constantinopla fundada no local de Bizâncio e torna-se a capital do Império Romano

362 – Primeiro hospital público em Roma

375 – Godos são autorizados a instalarem-se no interior do Império Romano

392 – Culto pagão proibido no Império Romano

406 – Vândalos, Alanos e Suevos invadem o Império Romano

410 – Visigodos sob as ordens de Alarico saqueiam Roma

440 – Código de Teodósio resume a lei romana

452 – Fundação de Veneza

455 – Vândalos saqueiam Roma

476 – Rómulo Augustulo abdica, fim do Império Romano do Ocidente

488 – Ostrogodos invadem a Itália

493 – Teodorico estabelece o reino de Itália

527-565 – Justiniano imperador de Bizâncio

536 – Justiniano repõe o poder romano em Itália

536 – Bizantinos conquistam Nápoles e Roma aos Ostrogodos

550 – Sinos de igreja usados em França pela primeira vez

603 – Lombardos convertem-se ao cristianismo

800 – Carlos Magno imperador do Sacro Império Romano-Germânico

1073 – Gregório VII, papa: império e papado em conflito

1084 – Normandos saqueiam Roma

1150-1450 – Período gótico na arte e arquitectura

1155 – República Romana esmagada pelo imperador Francisco I

1176 – Imperador Francisco I aceita a autoridade papal

1309 – Papado transfere-se para Avinhão, *Cativeiro da Babilónia*

1320 – Renascimento cultural em Itália

1378-1417 – Grande Cisma no papado

1417 – Martinho V eleito único papa, acabando com o Grande Cisma

1505-1012 – Fresco da Capela Sistina por Miguel Ângelo

1656 – Basílica de S. Pedro é concluída por Bernini

1796-1797 – Napoleão conquista grande parte da Itália

1800 – Franceses sob Napoleão conquistam Itália

1802 – Napoleão torna-se presidente da República Italiana

1885 – Construção dos *muraglioni* no Tibre

1914-1918 – I Guerra Mundial

1922 – Mussolini forma governo fascista em Itália

1925—Demolição da zona de *Velabro* para desimpedir dois templos: *Vespa e Fortuna Virile*

1927—Demolições para criar o *Larfo Argentina* e isolar as ruínas republicanas

1933—Inaugurada a *via dell'Impero* que liga cenograficamente a *Piazza Venezia* ao Coliseu

1936 – Roma e Berlim assinam o pacto do Eixo

1936—Demolidos os quarteirões na futura *Via della Conciliazione*, a inaugurar no ano Jubileu 1950.

1939-1945 – II Guerra Mundial

1943 – Queda de Mussolini: Itália rende-se aos Aliados

1957 – Tratado de Roma, formação da CEE

CAPÍTULO 2

Modelo tridimensional Roma Contemporânea realizado pelo autor em *Archicad*.

- 1—Fotografia panorâmica de Roma actual, a partir da cobertura do castelo de Santo Ângelo por Filipa Ferreira em Junho de 2010.
- 2 - Imagem aérea da cidade por satélite, fornecida pela *Google Earth* em Maio de 2010.
- 3 - Mapa turístico de Roma fornecido pelas entidades próprias em Outubro de 2009.
- 4/5/6 – Plantas retiradas do documento em formato digital cedido pela Facoltà della architettura Ludovico Quaroni com os dados relativos ao Plano Director de Roma de 2003. Esse mesmo plano foi desenvolvido pelo *Dipartimento alle Politiche della Programmazione e Pianificazione del Territorio* da *Comune di Roma*.
- 7 – Fotografias cedidas por Filipa Ferreira, tiradas em Junho de 2010.
- 8/9 –
- 10/11 – Fotografias do autor, tiradas durante a permanência em Roma em 2009/2010 no âmbito do programa *Erasmus*.
- 12 - Planta retirada do documento em formato digital cedido pela Facoltà della architettura Ludovico Quaroni com os dados relativos ao Plano Director de Roma de 2003. Esse mesmo plano foi desenvolvido pelo *Dipartimento alle Politiche della Programmazione e Pianificazione del Territorio* da *Comune di Roma*.
- 13 – Fotomontagem retirada em PANELLA, Raffaele; *Roma 3º Millennio, le identità possibili – materiali per un progetto sulla metropoli*, p.46.
- 14 – Imagem analítica usada em PANELLA, Raffaele; *Roma 3º Millennio, le identità possibili – materiali per un progetto sulla metropoli*, p.44.
- 15 - <http://www.zaha-hadid.com/architecture/maxxi/>
- 16 - <http://www.casabenati.it/spip.php?rubrique10>, mapa criado pela ATAC, empresa de transportes da *Comune di Roma*.
- 17 - Planta fornecida pela empresa de transportes romana ATAC, <http://www.atac.roma.it/>.
- 18 – Por Paolo Margari in <http://www.flickr.com/photos/paolomargari/sets/72157623334192268/>.
- 19 - Figura retirada em PANELLA, Raffaele; *Roma 3º Millennio, le identità possibili – materiali per un progetto sulla metropoli*, p.87.

CAPÍTULO 3

Modelo tridimensional de Roma Fascista – realizado pelo autor em *Archicad*, com as linhas ferroviárias representadas.

- 1 – Trata-se de uma planta desenhada e publicada em 1924 pelo *Istituto Geografico Militare* em Florença sob encomenda da *Comune di Roma*. Orientada a Norte esta carta apresenta-se em projecção policêntrica de Sanson-Flamsteed, icnográfica e orográfica. A edição original consta de 12 painéis de diferentes dimensões (entre os 67X93cm e 70,2X96,2cm; perfazendo no conjunto total 273,9X285,2cm) in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 584-596.
- 2 - Editada por A. Marino e Mauro Gigli em 1934, esta carta consta de um esquema de montagem (fig.2a) com 41X55cm e de 30 painéis com 41X55cm cada. Orientada a norte, aplica-se a projecção vertical icnográfica e orográfica à escala 1:4000. Esta carta tem a particularidade de ser sobreposta por uma outra carta transparente com o relativo decalque do Plano Director, omitido por questões de logística, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 604-634.
- 3 – Desenhada e publicada pelo *Istituto Geografico Militare di Firenze* em 1949 sob a direcção do topógrafo Eugenio Scalerà. Orientada a Norte esta carta apresenta-se em projecção policêntrica de Sanson-Flamsteed, icnográfica e orográfica, usa a cor para distinguir as curvas de nível da topografia e dos cursos de água da restante representação. Tudo à escala 1/25000 in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 639.
- 4 – Desenhada e editada pela *Direzione Generale del Catasto e dei Servizi Tecnici*, foi impressa em Milão em 1955. Subdividida em 4 secções (83X69cm cada), é apresentada em projecção de Gauss – Boaga, icnográfica e omográfica, orientada a norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 640-643.
- 5a - <http://www.romainbiancoenero.it/schiattarella-it.html>, montagem de cores sobre a carta original por *La Gazzetta*.
- 5b – Desenhada e editada por Treves Treccani Tuminelli em 1931, trata-se de uma planta topográfica orientada a Norte e subdividida em 13 painéis, 40X30cm (120X120cm) in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.545.
- 6 - Fotografia aérea de Roma tirada durante o voo de aeroplano pelo tenente Umberto Nistri em 11 de Fevereiro de 1919, está orientada a Norte (81,5X69cm), in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 578.
- 7a - <http://www.spinadiborgo.it/>
- 7b – Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.
- 8 – Desenhada por Giovanni Battista Marcon, foi editada e impressa por *Stabilimento Luigi Salomone* em 1960. As figuras desportivas foram integradas posteriormente à planta original. Orientada a Norte, esta carta de 73X50cm está em projecção vertical icnográfica e a cores a destacar alguns edificios específicos, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 655.
- 9 – Desenhada por Mario Riccardi, editada por *Guida Monaci* em 1961, foi impressa em Roma por *Stabilimento L. Salomone*. Orientada a Norte, respeita a projecção icnográfica de Gauss-Boaga à escala 1/5000 in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 660-663.
- 10 - Da autoria de Cini Vittorio, foi editada pela oficina gráfica Chiappini em 1942 a cores. Com 15X19,2cm esta planta está orientada a Norte e em projecção vertical, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.558.
- 11 - <http://it.wikipedia.org/wiki/EUR>.
- 12 - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.
- 13 – De autoria anónima esta planta foi editada por Vallardi Antonio em 1905, orientada a Norte e com projecção vertical topográfica (151X39cm), in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.500.

14 – Criada pela ATAC, editada e impressa por Marzi A. Em 1930, esta planta topográfica orientada a Norte tem dimensões mais reduzidas, passíveis de se usar pelo utente – 51X71,5cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.538.

15 - <http://borgatediroma.wordpress.com/2011/05/29/gordiani/>.

16 – Desenhada por Mezzapesa e impressa pelo *Istituto Cartografico italiano* em 1965, é uma planta topográfica orientada a Norte com 95,5 X67cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.588.

17 - Da autoria de Piccinato Luigi, 1962, é uma planta topográfica a cores orientada a Norte, à escala 1/50 000 com 140X100cm, in http://www.cittasostenibili.it/urbana/Scheda-13/urbana_Scheda_13.htm.

18 – Desenhada e impressa por Indiveri, foi editada em 1937 esta planta topográfica com alçado. Note-se a distinção plena entre os espaços verdes e o edificado, realçando-se os limites à expansão sentida. Orientada a Norte, com 47X67cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.552.

19 – Editada por Barberi em 1910, é uma planta de projecção oblíqua com alguns edifícios em alçado. Orientada a Sul, sobre a partir da *Piazza del Popolo* tem de dimensões 56,5X36,5cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.508.

20 – Desenhada por Ravaglioli e impressa por Piffero em 1980. Esta planta topográfica com alçado corresponde a um guia detalhado de Roma. Orientada a Norte mede 110X110cm, MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.593.

CAPÍTULO 4

Modelo tridimensional Roma Capital – realizado pelo autor em *Archicad*, com as linhas ferroviárias representadas.

1 – Gravado por Bernardino Olivieri em 1814 e novamente publicada em 1817 por *Calcografia Cameraale*. Em projecção vertical, icnográfica e orográfica, orientada a Norte mede 56,3X75,7cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 462-466.

2 – Uma das 6 folhas que compõe a representação total do *Campo Marzio*, a folha 1 (*Piazza del Popolo*) é exemplo das restantes. Encomendada por Pio VII, esta planta orientada a Norte, à escala 1/2000 e com projecção vertical icnográfica, destaca-se pela existência de metade da praça construída e a ainda existência do porto di *Ripetta*, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 468-469

3 – Editada por Carlo Marrè em 20 de Setembro de 1870, data em que a colina de Quirinal representa o palácio papal. De projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a Norte, a planta está dividida em 10 painéis (cada um com 54,7X75,5cm), in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 534.

4 - Litografia de autoria anónima, trata-se de uma carta com projecção oblíqua com alçado, datável entre 1870-79, com orientação a Sul, mede 63X41cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 535.

5 – Guia desenhada por Ignazio Gigli, gravada por Giovanni Della Longa foi publicada em 1867. Trata-se de uma litografia de projecção vertical mista e orográfica; o alçado é reservado a monumentos ou edifícios relevantes. Orientada a Norte trata-se de um exemplar com 77X88cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 530.

6a - Desenhada por Martinelli Aurelio e editada em 1872 por Pulcinelli G., trata-se de uma planta de estudo contida na obra de Martinelli onde estão algumas anotações manuscritas. Orientada a Norte, mede 74X55cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.426.

6b – Desenho de Martinelli Aurelio e editada por Gentili, é impressa a duas cores: a base em sépia é a matriz da planta de Vallardi/Stanghi de 1844 é actualizada com a ponte dos Florentinos e a chegada da primeira linha a Termini, as novas vias e o novo quarteirão nos Prados do Castelo são delineados a negro. Trata-se de uma planta topográfica, orientada a Norte, de dimensões 66,5X52cm, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.424.

7 – Editada por Maggi Giovanni Battista e gravada por Micheletti Giuseppe em 1873, trata-se de uma planta topográfica, orientada a norte, com 83X62cm, à escala 1/8 000, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.430.

8 – Planta topográfica de autoria e edição anónimas, orientada a norte, à escala 1/2 000, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.463.

9 – Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

10 – Desenhada por Romolo Bulla e editada pela Litografia omónima de Roma em 1884, trata-se de uma planta-guia de projecção vertical mista, cujos alçados se relacionam com edifícios de maior importância. Orientada a poente, mmede 43,7X56,2cm, demonstra o primeiro desenvolvimento urbano da época, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 545.

11a - http://flickrriver.com/photos/imperial_fora_of_rome/sets/72157594586797778/.

11b - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010 a partir da cúpula da basílica de S. Pedro do Vaticano.

12 – Editada em Roma por R. *Stabilimento Cartografico C. Virano* em 1889, representa as últimas modificações urbanas, em projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a Norte, mede 82,5X77cm, à escala 1/10 000, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 546.

13 - <http://motondoso.it/2006/07/sepolto-due-volte-il-porto-di-ripetta>.

14 - <http://www.casadellarchitettura.it/monitor/d/didatticaurbana/calzolari permanenza e fragilita.html>.

15 - http://www.webalice.it/paolo.grappasonni/Roma..._mi_ricorda.html.

16 – Desenhada por Rodolfo Lanciani e publicada em oito partes, actualmente difíceis de encontrar as respectivas formas originais, trata-se de uma planta em projecção vertical icnográfica e orográfica à escala 1/1000. Orientada a Norte, a esta enorme planta (4,56X6,96m) foi criada sobre a icnografia da cidade moderna traçada a encarnado, e sobre a cidade contemporânea a azul a negro uma planta inteira ou parcial dos monumentos antigos, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 102-109.

17 – Desenhada e gravada pelo arquitecto Luigi Rossini nos anos 1828-29, de projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a norte, usa cinco medidas de escalas e mede 60,5X81cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 86.

18 – Integrada numa obra de Alfredo von Reumont, em 1867, usa a projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a norte, com 30X40cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 100.

19 – http://www.cittasostenibili.it/industriale/industriale_Scheda_7.htm, planta de Sanjust de Teulada Edmondo e editada por Danesi em 1908 é composta por 12 painéis de diferentes dimensões e escalas, orientada a norte.

20 – Publicada pelo *Istituto Cartografico Italiano* em Roma em 1891, com o patrocínio da *Comune di Roma* trata-se de uma projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a norte, mede 166X125cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 547-555.

CAPÍTULO 5

Modelo tridimensional Roma Barroca – realizado pelo autor em *Archicad*, com o plano urbanístico representadas.

1 – Fresco realizado sob ordens de Giovanni Guerra e de Cesare Nebbia, entre 1588 e 1590, mede cerca de 140X489cm e é orientado a nascente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 259.

2 – Utilizada num livro, esta figura, representa muito esquematicamente o plano viário para a cidade em projecção vertical, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 257-258.

3 – Capa de um livro da autoria de Ioanne Pinadello Tarvisino com 20,3X13,4cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 257-258.

4 – Desenhada e gravada por Ambrogio Brambilla, editada por Niccolò van Aelst em Roma, entre 1582 e 1599, usa projecção vertical com alçado, orientada a nascente, mede 41,2X54,5cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 56.

5 – Desenhada por Ambrogio Brambilla, editada por Niccolò van Aelst em 1590, usa projecção oblíquo-vertical com alçado e orográfica. Orientada a nascente, mede 40,4X54,3cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 261.

6 – Esta figura da autoria de Ioanne Pinadello Tarvisino, representa muito esquematicamente a cidade em projecção oblíqua com alçado, 20,3X13,4cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 257-258.

7 – Delineada por Antonio Tempesta, gravada e editada por Matteo Merian, trata-se de uma redução da original apresentada na figura 8, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 275.

8 – Desenhada e gravada por Antonio Tempesta, foi editada em Roma em 1593. Na totalidade com 109X245cm, perfazia 12 painéis (53X39cm), usa projecção oblíquo-vertical com alçado e orográfica, a cidade é vista a partir de Gianicolo quase o mesmo que orientada para leste, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 262-274.

9 – Desenhada por Giovanni Maggi e editada por Paolo Maupin em 1625, trata-se da maior planta perspetiva de Roma moderna. Projecção Oblíquo-vertical com alçado, os edifícios são tratados com enorme minúcia permitida pela técnica da xilogravura, orientada a nascente a edição original conta com 48 painéis (54X38cm) que perfazem 224X428cm se montado, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 307-322.

10 – Impressa por Goffredo van Schayck em Roma, 1630, usa a projecção oblíquo-vertical com alçado, orientado a leste. Com 102x152cm de dimensões, é composta por 8 painéis de 51X38cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 323-331.

11 – Pintura de Felice Calvi no último quadrante do século XVI na *loggia* do Palácio *Doria-Spinola* em Génova, hoje palácio da Prefeitura. O autor reproduz a planta de Du Pérac de 1577, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 256.

12 – Desenhada, gravada e editada por Matteo Greuter em 1618, 130X214,7cm, em projecção vertical com alçado, orientada a nascente, trata-se de uma planta complexa, pela quantidade de informação que retém, é enquadrada por uma elegante moldura barroca desenhada, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 285-293.

13 – Desenho de estudo pela mão de Giovanni Battista Nolli, foi reproduzida posteriormente com as devidas alterações para a edição e impressão de 1748. Nolli já trabalhava nesta planta em 1736 segundo uma carta de Revillas e em 1744 foi concluída porque o conde Bernardino Bernardini já a podia usar. Em projecção vertical icnográfica, o original media 165X187cm, orientado a norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 383-394.

14 – Montagem criada pelo autor sobre a planta de Nolli da fig.15.

15 – Desenhada por Giambattista Nolli, gravada por Giovanni Battista Piranesi e Carlo Nolli foi impressa em Roma, 1748, 47X68,5cm. Orientada a norte magnética, usa a projecção vertical icnográfica e orográfica. A parte ornamental é da autoria de Piranesi, que se tratam de figuras de monumentos que ladeiam a planta, à esquerda o Vaticano; em baixo a fonte da *Piazza Navona*, alguns templos do fórum tendo em primeiro plano a base quadrada da Coluna Trajana; à direita, Sta Cruz de Jerusalém, a *Fontana de Trevi*, a fonte e a coluna com a Virgem na Praça Sta Maria Maior e a basílica omónima, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 419.

16 – Desenhada por Giambattista Nolli, trata-se da planta grande que montada mede 176X208,5cm, com projecção vertical icnográfica e orográfica, orientada a norte magnético e astronómico. As figuras ficaram a cargo do pintor Stefano Pozzi. Do lado esquerdo duas figuras representam Roma e o Tibre rodeados dos monumentos antigos, e do lado direito a figura simbólica da Igreja está sentada entre a basílica de Latrão, o Capitólio e a cúpula de S. Pedro. A planta de Nolli, fruto de um longo trabalho de levantamento, sob um rigoroso método técnico fixou definitivamente a projecção e orientação do novo tipo de planta da cidade, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 396.

17 – Desenhada e gravada por Giovanni Battista Piranesi, 1756, foi inserida na sua obra *Le Antichità Romane*. Em projecção vertical icnográfica e orográfica (a orografia é bastante destacada neste caso) o traçado planimétrico dos edifícios é quase um apontamento na planta. Com 46,7X68,4cm é orientada a norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 69.

18 – Desenhada e gravada por Giovanni Battista Piranesi, 1756, foi inserida na sua obra *Le Antichità Romane*. Em projecção vertical icnográfica e orográfica, com 83,5X59,5cm é orientada a norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 70.

19 – Idealizada, desenhada e gravada por Giovanni Battista Piranesi, foi inserida no *Campus Martius Antiquae Urbis Romae*, com 45,2X28,5cm, em projecção vertical icnográfica e orográfica trata-se de uma criação de Piranesi, como se fizesse parte da planta *Severiana*, sendo um dos seus fragmentos de mármore, in 17 – Desenhada e gravada por Giovanni Battista Piranesi, 1756, foi inserida na sua obra *Le Antichità Romane*. Em projecção vertical icnográfica e orográfica (a orografia é bastante destacada neste caso) o traçado planimétrico dos edifícios é quase um apontamento na planta. Com 46,7X68,4cm é orientada a norte, in

FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 71-79.

20/21/22 - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 79.

23 - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

24 - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

CAPÍTULO 6

Modelo tridimensional Roma Renascentista – realizado pelo autor em *Archicad*.

1 – Miniatura sobre pergaminho, 38X25cm por Attavante degli Attavanti, esta vista parte do Monte Mario, orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 163.

2 – Gravura atribuída a Maestro di Orosio, 1418-20 in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.45.

3 - Miniatura de Pietro del Massaio de 1471, 48,5X39,7 desenhada sobre pergaminho. Projecção oblíquo-vertical com alçado, orográfica e panorâmica, orientada a sul. A orografia é marcada por massas de cor acastanhada, e são representados somente os monumentos, em destaque para a zona do Vaticano, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 158.

4 - Criada por Domenico Gnoli com base no *Descriptio Urbis Romae* de Alberti, entre 1432-34, usa a projecção vertical com alçado e orientada a sul, com a figura circular de 39cm de diâmetro, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 151.

5 – Trata-se de uma xilografia, desenhada por Giovanni Battista Palatino e usada por Bartolomeo Marliano na 2ª edição da sua *Urbis Romae Topographica*. Com 30X47cm, está orientada a nascente, usa a projecção vertical icnográfica e orográfica, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 21.

6 – Este panorama gravado por De Rossi Giovanni Battista em 1879, reproduz em forma de linha a pintura conservada em Mantova datada por volta de 1538. Orientada a poente, usa a projecção Oblíquo-vertical com alçado, orográfica e panorâmica, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 167-169.

7 – Desenhada e gravada por Leonardo Bufalini, impressa em Roma provavelmente por Antonio Bladoa 26 de Maio de 1551, consta de 20 painéis (em média 49X35cm) e quatro tiras (em média 49X13cm). Usada a técnica da xilogravura, é orientada a nascente e aplica a projecção vertical icnográfica e orográfica, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 189-209.

8 - Vista de Roma por Enrico Van Cleve a partir de *Colle Oppio*, trata-se de uma gravura de projecção panorâmica, 1550, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 180.

9 – Desenhada por Ugo Pinard, gravada por Giacomo Bos e editada em Roma a 1555 por Antonio Lafréry. Com 53,5X86cm, é aplicada a projecção oblíquo-vertical com alçado, orográfica; a partir de Gianicolo orientada a nascente. Em baixo, Pinard dedica esta gravura ao cardeal Giorgio d'Armagnac, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 223.

10 – Da autoria de Pirro Ligorio, esta carta de Roma de 1552, foi editada em 1562, é na verdade uma réplica da primeira edição editada por Tramezzino em 1552. De projecção oblíquo-vertical com alçado, 54,5X39,5cm, é orientada a nascente, in MARIGLIANI, Clemente; *Le Pianta di Roma delle Collezioni Private*, p.138.

11 – Desenhada e gravada por Niccolò Beatrizet e editada por Natonio Lafréry em 1557, utiliza a projecção oblíquo-vertical com alçado, orográfica, 35,5X48cm, orientada a poente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 224.

12 – Desenhada por Francesco Paciotti, gravada por Niccolò Beatrizet e editada em Roma por Antonio Lafréry, 1557. Trata-se de uma carta com projecção vertical com alçado e orográfica, orientada a nascente, mede 48X55cm. O autor usou como base do seu trabalho a planta criada por Bufalini, interessa pelo desenho que dá a alguns monumentos antigos ou em usos diferentes, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 228.

13 – Desenhada por Stefano Du Pérac e editada em Roma por Antonio Lafréry em 1577, 79,4X100,7cm. Orientada a poente, usa a projecção vertical com alçado e orográfica, esta planta também foi baseada na criada por Bufalini, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 247-255.

14 – Desenhada por Natonio Dosio, foi gravada por Sebastiano Del Re em 1561 e editada em Roma por Bartolomeo Faleti, 42X55cm. Orientada a sul, aplica-se a projecção oblíqua com alçado e orográfica, a cidade é vista do Monte Parioli. Dá especial enfoque aos monumentos antigos, assunto de que se ocupava, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 229.

15 – Esquisso de Salvestro Peruzzi (1564-65) representa a parte da cidade mais habitada no século XVI, entre o Vaticano, Porta do Povo, via del Corso, Capitólio e o rio, 62X94cm. Desenho a pena, usa a projecção oblíquo-vertical com alçado, orientado a nascente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 232.

16 – Desenhada e gravada por Mrio Cartaro em formato pequeno (41X55,2cm), 1575. Projecção oblíquo-vertical com alçado e orográfica, a cidade é vista a partir de Gianicolo, orientada a nascente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 237.

17 – Criada por Giorgio Braun, Simone Novellanus e Francesco Hogenberg, inseriram-na na sua obra *Civita/tes or/bis ter/rarum*, 1575. Em projecção oblíquo-vertical com alçado e orográfica, , 33,8X49cm , é orientada a nascente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 235.

18 – Editada em Roma por Antonio Lafréry em ocasião do Jubileu de 1575. Esta perspectiva é útil para o estudo do estado destas sete igrejas, e talvez represente os percursos tradicionais de peregrinação, orientada a sudoeste (39,5X50,5cm), in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 236.

CAPÍTULO 7

Modelo tridimensional Roma Medieval – realizado pelo autor em *Archicad*, com as igrejas representadas por toda a cidade.

1 – Trata-se de um mapa-mundo romano, ou mais precisamente de uma carta itinerária militar e civil, baseada num protótipo datável do século III com sucessivas actualizações (sec.IV/V), algumas de teor cristão. O rolo de pergaminho de 34X682cm que hoje a contém, é uma cópia do século XI-XII (Miller). Desenho a cores sobre pergaminho: 1.a negro os contornos do terreno e a maior parte das legendas; 2. a vermelho, vias e outras legendas; a verde as superfícies de água; 4. a amarelo e rosa pálido a topografia das montanhas; 5.e a azul as águas termas. Roma é simbolicamente representada com uma personagem sentada num trono, tal qual um soberano medieval, rodeado por um círculo amarelo, este atravessado pelo Tibre,

com o porto de Óstia no extremo, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 12.

2 – O mapa constava de 30 folhas (totalidade de 358X356cm), em 1880 separaram as folhas para melhor conservação. A cidade de forma oval atravessada pelo rio, é interessante pela figura do leão ou o mausoléu de Adriano, transformado em fortaleza, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 140.

3 – Pintura de Masolino da Panicale, 1435, no baptistério da igreja de *Castiglione Olona (Varese)*. O fresco encontra-se na parede de entrada no baptistério, sobre a porta (100X120cm). Devendo representar Jerusalém, o artista inspirou-se em Roma medieval, em projecção perspéctica, orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 152.

4 – Criada por Matteo Paris por volta de 1250/59, este desenho sobre pergaminho, 5,5X8,5cm, encara Roma de forma rectangular, representa a muralha atravessada pelo rio Tibre, o alçado de alguns edifícios sagrados, duas portas e algumas legendas, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 140.

5 – Miniatura do fim do século XIII, 7,5X7,8cm, possui uma escrita gótica, mas é uma representação fantasiosa de Roma, com a forma de um leão de cauda levantada, e alguns edifícios de tratamento rudimentar, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 13.

6 – Reprodução de Benozzo di Lese de um fresco do coro da igreja de S. Agostinho de S. Gimignano, 1465, uma cena da partida de S. Agostinho de Roma para Milão, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 156.

7 – Miniatura em pergaminho, esta imagem pertence à obra de Santo Agostinho, *Civita Dei*, orientada para norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 155.

8 – Desenhada por anónimo esta gravura da primeira metade do século XV, baseia-se na obra de Leonardo da Besozzo, 10X14,4cm. Em projecção oblíquo-vertical com alçado, está orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 154.

9 – Fresco de Cimabue no último quarto do século XIII, num dos quatro cantos do cruzamento da igreja superior de S. Francisco de Assis, onde o artista retratou os evangelistas acompanhados dos seus símbolos. A S. Marcos se associa o leão e como campo de trabalho evangelizador atribui-se Itália, caracterizada aqui por um grupo de monumentos romanos, encimados pelo título *Italia*, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 141.

10 – http://www.30giorni.it/articoli_id_19740_l6.htm.

11 – Autoria atribuída a Leonardo da Venezia, esta vista em perspectiva representa os principais monumentos clássicos e cristãos da cidade, orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 144.

12 – http://france.scalarchives.it/web/ricerca_risultati.asp.

13 – Miniatura realizada entre 1411/16 pelos frades Paolo, Ermanno e Giovanni de Limburg (Holanda), de diâmetro 18,5 cm. Com projecção oblíquo-vertical com alçado e panorâmica é orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 148.

14 – Desenho delineado a pena por Alessandro Strozzi em Veneza, 1474, 21,7X26,3cm, é orientado para sul, com a projecção oblíquo-vertical com alçado e panorâmica, FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 159.

15 – http://flickrriver.com/photos/imperial_fora_of_rome/sets/72157594586797778/.

16 – Criada pelo frade Paolino da Venezia, esta planta foi inserida no seu *Compendium*, também conhecido por *Chronologia Magna*, terminado em 1320, 46,8X33,6cm. Com projecção vertical mista e orográfica, mesmo orientada a nordeste, nem todos os elementos que a incorporam seguem a mesma direcção, FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 143.

17 – Em projecção oblíquo-vertical com alçado e panorâmica e orientada a poente, 23X53,6cm, trata-se de uma xilogravura inserida por Artmann Schedel na sua obra *Liber Cronicarum*, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 166.

18 – Inserida pelo frade Jacopo Filippo Bergomense, discípulo de S. Agostinho, no seu *Supplementum Chronicarum*, esta carta orientada a poente, tem projecção oblíquo-vertical com alçado e panorâmica, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 165.

19 – Miniatura de 1447, serviu para ilustrar o capítulo 31 do livro II, *Dittamondo* ou *Dicta Mundi*, da autoria de Fazio degli Uberti, 22X14cm. De carácter um pouco figurado, assume-se na mesma como uma carta de projecção Oblíquo-vertical com alçado e panorâmica e orientada a sul, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 153.

20 – Actualização de anónimo da planta de Münster e inserida na obra de Giulio Ballino *de' disegni/delle piu illustri/ città et fortezze / del mondo*. Xilogravura, 18,9X26,3cm, orientada a poente e projecção oblíquo-vertical com alçado e panorâmica, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 174.

CAPÍTULO 8

Modelo tridimensional Roma Imperial – realizado pelo autor em *Archicad*.

1 – MASO, Leonardo B. Dal; *Roma dos Césares*; Bonechi Edizioni, 1996 – Florença; p.6/7.

2 – MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.118.

3 – MASO, Leonardo B. Dal; *Roma dos Césares*; Bonechi Edizioni, 1996 – Florença; p.9.

4 – Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

5 – CORNELL, Tim e MATTHEWS, John; ROMA, *Herança de Um Império* (Atlas of Roman World) ; Círculo de Leitores, 1991, p.85.

6 – Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

7 – MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.131.

8 – Idealizada e desenhada por Pirro Ligorio, 1561, foi refeita por Giacomo Bos e editada por Antonio Lafréry em 1574/75. Em projecção vertical com alçado, é orientada a nascente, esta planta artística deve-se à criatividade e conhecimento bibliográfico de Ligório por vezes confuso, tanto a nível literário, como arqueológico e arquitectónico, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 26-32.

9a - Imagem aérea da cidade por satélite, fornecida pela *Google Earth* em Maio de 2010.

- 9b - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 102-109.
- 9c - GASPONI, Giancarlo; *Magia di Roma*; Euroedit, 1991 – Trento, p.66.
- 10a - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.
- 10b - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.127.
- 11 – Gravada em mármore entre 203 e 211, provavelmente a mando do prefeito da cidade L.Fabio Cilone, esta enorme planta (13X18,10m) foi fixada numa parede na época de Vespasiano, restaurada na época severiana, numa ala adjacente ao Templo della Pace, hoje a parede exterior do convento contíguo à basílica de Ss.Cosma e Damiano. Desta planta, único documento topográfico de Roma Antiga conservado no seu formato original, conhecem-se 1089 pedaços, um decimo da totalidade. Desse número só se localizam com rigor no terreno 41 pedaços, 7 são identificados mas não localizados e os restantes estão em estudo. Orientada a sudoeste, de projecção vertical, calcula-se que esteja à escala 1/240, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 1.
- 12a - <http://www.flickr.com/photos/26318625@N08/4078615879/>.
- 12b - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.126.
- 12c - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 90.
- 13 – Foto tirada por Filipa Ferreira.
- 14 - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 4.
- 15 - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 3.
- 16 – Desenhada por J. A. Léveil com a colaboração de Luigi Carlo Dezobry e publicada na obra deste último, *Rome ao siècle d’Auguste*, 1846-47. Litografia com 49,3X73cm, com projecção verticamicnográfica e orográfica, representa exclusivamente a parte monumental central da cidade antiga, é orientada a poente, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 90.
- 17 – Desenhada por Rodolfo Lanciani, foi publicada em oito painéis, pela Litografia Luigi Salomone pelo editor Ulrico Hoepli, à escala 1/1000. Cada painel mede 57X87cm, em projecção vertical icnográfica e orográfica e orientada a norte, foi aplicada a cor, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv.102-109.
- 18 - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.
- 19a - FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 103.
- 19b - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.106.

CAPÍTULO 9

Modelo tridimensional Roma Arcaica – realizado pelo autor em *Archicad*.

1 - LIBERATI, Anna Maria, BOURBON, Fabio; *Roma Antigua*; Ediciones Folio, 2005 – Barcelona, p. 22.

2 – http://www.archweb.it/dwg/geografia_mappe_dwg/geografia_mappe_dwg.htm, posteriormente alterado, conforme a necessidade.

3 – Realizado pelo autor em *Archicad*.

4/5 - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.139.

6 - LIBERATI, Anna Maria, BOURBON, Fabio; *Roma Antigua*; Ediciones Folio, 2005 – Barcelona, p. 45.

7 - Realizado pelo autor em *Archicad*.

8/9/10 - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.138.

11 - Realizado pelo autor em *Archicad*.

12a - <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RomaCloacaMaximaPercorso.png?useFormat=moble>.

12b - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.115.

13 - MARTA, Roberto; *Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica*; Ed. Kappa, 2000 – Roma, p.138.

14a – Desenhada por Marco Fabio Calvo de Ravenna, 28X42,5cm, trata-se de uma xilogravura, orientada a nascente, é uma reconstrução esquemática de Roma Quadrada. A origem da obra de Calvo encontra-se no projecto de Raffaello de preparar uma planta arqueológica de Roma Antiga, com a colaboração de Andrea Fulvio e de Calvo, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 16

14b – Desenhada por M.F. Calvo, talhada por T.Egnazio e publicada por L. Vicentini em Roma, 1527. Orientada a nascente, mede 28X42,5cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 17.

14c – Desenhada por M.F. Calvo, talhada por T.Egnazio e publicada por L. Vicentini em Roma, 1527. Orientada a sul, mede 27,5X42,5cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 17.

15 – Inserida por Bernardo Gamucci nos seus *Libri quattro/ dell’Antichità/della città/ di Roma/raccolte sotto brevità/da diversi antichi et moderni/scrittori*, a xilogravura, 20,3X25,2cm, de projecção vertical com alçado e orográfica, é orientada a nascente. Entre os poucos monumentos reproduzidos, alguns são recentes como o torreão de Niccolò V no Vaticano ou a basílica de S.Paulo, in – FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 33.

16 – Publicada em Roma pelo Istituto Cartografico Italiano, 1891, à escala 1/6000 e de projecção vertical icnográfica e orográfica, 166X125cm, é orientada a norte, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tavv. 547-555.

17 – Desenhada por Enrico Kiepert e Cristiano Hülsen, editada por Dietrich Reimer em 1912 após a revisão de Riccardo Kiepert, nesta planta de projecção vertical icnográfica e orográfica, os monumentos antigos são desenhados sobre a icnografia da cidade moderna, orientada a norte, 55,3X61,3cm, in FRUTAZ, Amato Pietro; *Le Pianta di Roma*, tav. 114.

18 - http://www.museociviltaromana.it/percorsi/percorsi_per_sale/sezioni_storiche/sala_xviii.

19 - Foto tirada pelo autor no ano lectivo de 2009/2010.

ALLEGRA, Daniela Pasquinelli d'; ***La Forma di Roma – un paesaggio urbano tra storia, immagini e letteratura***; Carocci editore, 2006 – Roma

ALMAGIÀ, R.; ***Le Regioni d'Italia – Lazio*** (vol.XI); UTET, 1976 - Torino

AUGIAS, Corrado; ***Storie, luoghi e personaggi di una capitale***; Mondatori, 2005 – Milano

BERNARDES, Paulo José Correia; ***Arqueologia Urbana e Ambientes Virtuais: Um Sistema para Bracara Augusta***; Dissertação submetida à Universidade do Minho para a obtenção do grau de mestre em Arqueologia e orientada pela Professora Doutora Maria Manuela Martins (UM) e pelo Prof. Dr.-Ing. Dr. h.c. Dr. E.h. J. L. Encarnação (TUD); Janeiro 2002 - Braga

BRIGGS, Asa; ***Enciclopedia da Historia Universal***; Selecções do Reader's Digest, 1999 – Lisboa

BRANDAO, Pedro; ***O Sentido da Cidade - Ensaios sobre o mito da Imagem como Arquitectura***; Livros Horizonte, 2011 – Lisboa

BENEVOLO, Leonardo; ***História da Cidade***; Editora Perspectiva, 1999

BENEVOLO, Leonardo; ***A Cidade na Historia da Europa***; Editora Perspectiva, 1999 – São Paulo

BERDINI, Paolo; ***La Citta in Vendita – centri storici e mercato senza regole***; Donzelli Editore, 2008 – Roma

de CARLO, Laura; QUATTRINI, Paola; ***Le Mura di Roma tra realtà e immagine***; Newton Compton Editori, 1995 – Roma (CFI0306946 –Biblioteca Centrale delle Facoltà di Architettura Università Sapienza di Roma)

CARPENZANO, Orazio; ***Porte Metropolitane per Roma***; Palombi Editori – ao cuidado da Università degli Studi di Roma *La Sapienza – Dipartimento di Architettura e Analisi della Città*, 2001-2002 – Roma (GROMA volumi 2)

Colégio de Arquitectos de Granada; ***O Chiado, Lisboa : Álvaro Siza - a estratégia da memória***; D.G.C.A..Sociedade Lisboa 94, 1994 – Granada (catálogo de exposição).

CORSINI, Maria Grazia; ***Tipi e tessuti del centro storico di Roma: lettura del costrutto per il progetto***; Ed. Kappa, 1998 – Roma (U.419 –FAUP) (n interessa)

CORNELL, Tim e MATTHEWS, John; ***ROMA, Herança de Um Império*** (Atlas of Roman World) ; Círculo de Leitores, 1991

DAL MASO, Leonardo B.; ***Roma dos Césares***; Bonechi Edizioni, 1996

FERREIRA, António Mega; ***ROMA, Exercícios de reconhecimento***; Sextante Editora, 2010 3ª edição – Portugal

FRIEDMAN, Joe; ***Inside Rome: discovering the classic interiors of Rome***; Phaidon, 1998 – London (A.73.12 – FAUP)

FRUTAZ, Amato Pietro; ***Le Pianta di Roma***; Istituto di Studi Romani, 1962 – Roma (D11b –Biblioteca del Dip. Di Pianificazione Territoriale e Urbanística di Facoltà di Architettura degli Università Sapienza di Roma)

GUIDONI, Enrico; ***La Città Europea***; Electa Editrice, 1981

GASPONI, Giancarlo; ***Magia di Roma***; Euroedit, 1991 – Trento

GATTO, Ludovico; ***Storia di Roma nel Medioevo***; Newton Compton Editori, 2004 – Roma

GRIMAL, Pierre; ***La Civiltà dell'Antica Roma***; Newton & Compton Editori, 2004 – Roma

- GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; **Roma y la urbanización de occidente**; Arco Libros, 1997 – Madrid (H.95 –FAUP)
- JANSON, H. W.; **História da Arte**; Fundação Calouste Gulbenkian, 1998 – Lisboa
- LEWIS, Suzanne; **The Art of Matthew Paris in the Chronica Majora**; Univ. of California Pr., 1987
- LAMAS, Jose M. Ressano Garcia; **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**; Fundação Calouste Gulbenkian, 2010 – Lisboa (Cid.p.6 –FAUP)
- LIBERATI, Anna Maria, BOURBON, Fabio; **Roma Antigua**; Ediciones Folio, 2005 – Barcelona
- MARTA, Roberto; **Roma unica grande eterna – il “Diritto Romano” nell’evoluzione urbanistica**; Ed. Kappa, 2000 – Roma
- MARIGLIANI, Clemente; **Le Pianta di Roma delle Collezioni Private**; Provincia di Roma, 2007 – Roma
- MASO, Leonardo B. Dal; **Roma dos Césares**; Bonechi Edizioni, 1996 – Florença
- MORRIS, A.E.J.; **Historia de la Forma Urbana desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial**; Editorial Gustavo Gil, 2007 – Barcelona (U.23 –FAUP)
- MUMFORD, Lewis; **The City in History: its origins, its transformations, and its prospects**; MJF Books, 2007 – Nova Iorque
- MAGGIOLI, M; **La sacralità nella pianificazione urbana. Trasformazioni e costruzione dello spazio nel pellegrinaggio delle Sette Chiese** in C. CERRETI, **La geografia della città di Roma e gli Spazi del sacro**; Società Geografica Italiana, 2007 – Roma
- PALLASMAA, Juhani; **Los Ojos de la Piel**; John Wiley & Sons, 2005 – Chichester
- PORTAS, Nuno; **Arquitetura(s) – História e Crítica, Ensino e Profissão**; FAUP publicações, 2005 – Porto
- PORTAS, Nuno; **A Cidade como Arquitetura**; Livros Horizonte, 2ª edição 2007 – Lisboa
- PANELLA, Raffaele; **Piazze e Nuovi Luoghi di Roma, il progetto della conferma e della innovazione**; Palombi Editori – ao cuidado da Università degli Studi di Roma La Sapienza – Dipartimento di Architettura e Analisi della Città, 1997 – Roma (GROMA volumi 1)
- PANELLA, Raffaele; **Roma 3º Millennio, le identità possibili – materiali per un progetto sulla metropoli**; Palombi Editori – ao cuidado da Università degli Studi di Roma La Sapienza – Dipartimento di Architettura e Analisi della Città, 2003 – Roma (GROMA volumi 3)
- QUARONI, Ludovico; **Una ciudad eterna : cuatro lecciones de veintisiete siglos**; Fundación caja de arquitectos, 2008 – Barcelona (Cid.3.1.8 –FAUP)
- QUILICI, Vieri; **Roma capitale senza centro**; Officina edizioni, 2007 – Roma
- RAVAGLIOLI, A.; **Vedere e capire Roma**; Edizione Roma Centro Storico, 1980 – Roma
- RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira; **O que é DESENHO**; Quimera, 20003
- ROSSI, Aldo; **A Arquitetura da Cidade**; Edições Cosmos, 2001 – Lisboa
- RYKWERT, Joseph; **A ideia de Cidade – A antropologia da forma urbana em Roma, Italia e no Mundo Antigo**; Perspectiva, 2006 – S.Paulo (FGCid. 20.264 –FAUP)
- Santo AGOSTINHO; **A Cidade de Deus** – 3vol.; Fundação Calouste Gulbenkian, 2006
- SCARROCCHIA, Sandro; **Alberto Speer e Marcello Piacentini: L’architettura del Totalitarismo negli anni Trenta**; Skira, 1999
- SÁNCHEZ, Jesús J. Perona; **La Utopia Antigua de Piranesi**; Universidad de Murcia, 1996,

- SALVAGNI, P.; *Roma Capitale nel XXI secolo, la città metropolitana policentrica*; Palombi Editori, 2005 – Roma
- TAVARES, Domingos; *Filippo Brunelleschi, o arquitecto*; Dafne Editora, 2003 – Porto (M.341.2 –FAUP)
- TAVARES, Domingos; *Bramante – Arquitectura da Ilusão*; Dafne Editora, 2004 – Porto
- TAVARES, Domingos; *Bernardo Rosselino – Desenho Urbano*; Dafne Editora, 2007 – Porto
- TAVARES, Domingos; *Francesco Borromini – dinâmicas da Arquitectura*; Dafne Editora, 2004 – Porto
- TAVARES, Domingos; *Leon Baptista Alberti: teoria da Arquitectura*; Dafne Editora, 2003 – Porto
- TEYSSOT, Georges; *Da Teoria de Arquitectura: doze ensaios*; Edições 70, 2010 – Lisboa (A.40.515 –FAUP)
- TOMAN, Espérazza Rolf; *O Barroco*; Könnemann, 2004 – Königswinter
- VASCONCELOS, Bárbara Abreu Jácome de; *Tão concreto como uma pedra líquida*; dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura submetida à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto orientada por Professora Doutora Maria Madalena Ferreira Pinto da Silva; 2009/2010 - Porto
- VENTURI, Robert; *Complexidade e Contradição em Arquitectura*; Martins Fontes, 1995 – Sao Paulo
- VIEIRA, Alvaro Siza; *Desenhos de viagem, in alvaro Siza Escrits*, 1ª edição, Ediciones de la Universitat politècnica de catalunya, barcelona 1994, pg 59.
- ZEVI, Bruno; *Saber Ver a Arquitectura*; Martim Fontes, 2002 – São Paulo
- ZEPPEGNO, L; *I Rioni di Roma*; Newton & Compton, 1996 – Roma

ARTIGOS

ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de; *Plutarco e as Biografias Vitorianas no Século da História*; Universidade Federal do Rio de Janeiro

GONSALES, Célia Helena Castro; *Cidade moderna sobre cidade tradicional: movimento e expansão*, publicado em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473>

FERREIRA, Nuno; *A Cidade do Porto desenhada e Planeada na Primeira Metade do Século XX segundo as intervenções de Marcello Piacentini e Giovanni Muzio*, Usos e Vivências da Cidade Moderna

MORAIS, João Sousa - *O ensino da arquitectura e a tradição do desenho enquanto instrumento privilegiado da concepção da cidade*, Artitextos, Nº 5 (Dez. 2007), p.105-115

ROZESTRATEN, Artur. *Comentários sobre el modelaje tridimensional en la arquitectura griega y romana antiguas: Heródoto, Aristóteles y Vitruvio*, Pós. Rev Programa Pós-Grad Arquit Urban. FAUUSP [online]. 2007, n.22, pp. 142-159

VITORINO, Júlio César; *Sobre a História do Texto de Vitruvius*; Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 33-50, dez. 2004

REVISTAS

URBANISTICA #106; anno XLVIII; gennaio-giugno 1996 (Nuno portas)

URBANISTICA #112; gennaio-giugno 1999

URBANISTICA #116; gennaio-giugno 2001

“O Império romano – nascimento de uma civilização” por T.R.Reid - *Volta ao Mundo*, nr 53, Março 99

- BASTOS, Baptista; *Espaços Vazios e Poética Humana*; *Arquitetura e Arte* #47/48 – Julho.Agosto 2007

WEB

<http://scholar.google.pt/schhp?hl=en> – Scholar Google

<http://nolli.uoregon.edu/default.asp> - artigos sobre a representação de nolli

<http://borgatediroma.wordpress.com/page/2/> - borgate de ROMA, Pós Guerra

<http://www.pasolini.net/Pasolini-e-Roma/slides/87.%20Roma%2068%20manifestazione%20Veltroni%20con%20Pasolini.html> – Pasolini e as classes populares de roma